



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CURRÍCULO E
GESTÃO DA ESCOLA BÁSICA**

PEDRO PAULO SOUZA BRANDÃO

**Lutas no Currículo da Educação Física no ensino fundamental
sob o olhar da Diversidade Cultural: experiências na Escola de
Aplicação da Universidade Federal do Pará.**

**BELÉM-PARÁ
2017**

PEDRO PAULO SOUZA BRANDÃO

Lutas no Currículo da Educação Física no ensino fundamental sob o olhar da Diversidade Cultural: experiências na Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica, da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestre em Currículo e Gestão da Escola Básica.

Orientador: Dr. Marcio Antônio Raiol dos Santos.

BELÉM-PARÁ
2017

Dados catalográficos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- B8171 Brandão, Pedro Paulo Souza
Lutas no Currículo da Educação Física no Ensino Fundamental sob o olhar da Diversidade Cultural : experiências na Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará / Pedro Paulo Souza Brandão. - 2018.
146 f.
- Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica (PPGEB), Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.
Orientação: Prof. Dr. Marcio Antonio Raiol dos Santos
1. Currículo. 2. Educação Física escolar. 3. Diversidade Cultural. 4. Lutas. I. dos Santos, Marcio Antonio Raiol, *orient.* II. Título
-

CDD 375.6137

Pedro Paulo Souza Brandão

**Lutas no Currículo da Educação Física no ensino fundamental
sob o olhar da Diversidade Cultural: experiências na Escola de
Aplicação da Universidade Federal do Pará.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica, da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestre em Currículo e Gestão da Escola Básica.

Prof.º Dr. Marcio Antônio Raiol dos Santos (Orientador) – PPEB/UFPA

Prof.ª Drª. Ana Cristina Pimentel Carneiro de Almeida (Avaliadora Interna) –
PPGECM/UFPA

Prof.ª Drª. Marta Genú Soares (Avaliadora Externa) – PPGED/UEPA

Prof. Drª. Joyce Otânia Seixas Ribeiro (Suplente – Avaliador Interno) –PPEB/
UFPA

BELÉM/PARÁ
2017

Agradecimentos

A Deus, por todas as minhas conquistas até hoje e por todas que ainda virão na minha vida profissional, acadêmica e pessoal.

A meus pais, João Pedro Rodrigues Brandão e Maria de Fátima Souza Brandão, por todo investimento material e imaterial, especialmente o amor que me deram durante todos esses anos desde o dia em que me adotaram e assumiram a missão de me fazer uma pessoa digna.

A Marcio Raiol, pelos dois anos de parceria e por me fazer compreender o processo de pesquisa, não como um sofrimento, mas como algo prazeroso e satisfatório. Levarei comigo além de um orientador, um amigo para o resto da vida.

À Margarida Gordo pela grande colaboração em ceder as turmas para que esta pesquisa fosse realizada e pelo apoio durante a mesma.

A Herbert Santos e Lucas Conegundes pela colaboração no processo de intervenção da pesquisa, contribuindo não apenas com suas participações, mas com suas ideias para melhoria do processo.

Ao amigo Anderson Rodrigues pela ajuda desde o momento da seleção para entrada no programa até o momento da defesa com suas valiosas contribuições.

Ao Programa de pós-graduação em Currículo e Gestão da escola básica, pela oportunidade de aprofundar meus conhecimentos no campo da Educação básica (PPEB/UFPA).

Aos membros da banca pela grande contribuição e dedicação ao avaliar esta dissertação.

A todos os professores que fizeram parte da minha formação no Programa de mestrado, tanto com contribuições nas disciplinas ministradas quanto na banca de qualificação, possibilitando reflexões e melhoras no desenvolvimento deste trabalho.

A todos os meus colegas de mestrado e amigos que me acompanharam ao longo desses dois anos, compreendendo minha ausência em determinados momentos para cumprir os fins deste processo.

Com todo o carinho agradeço a todos vocês!

Resumo

Esta dissertação trata das Lutas como conhecimento do currículo da Educação Física no Ensino Fundamental, na perspectiva da Diversidade Cultural, tendo como objetivos: investigar a produção existente na área sobre as Lutas no currículo da Educação Física escolar; discutir as aproximações do currículo da Educação Física com a Diversidade Cultural, utilizando como eixo teórico o Currículo Cultural da Educação Física (NEIRA, 2011a); e apresentar contribuições para ensino das Lutas nas aulas de Educação Física na perspectiva da Diversidade. Em relação à metodologia da pesquisa, adotamos a abordagem qualitativa e, como estratégia de investigação, a Pesquisa-ação, que consiste em uma forma de pesquisa de campo pautada, simultaneamente na intervenção e na investigação para a resolução de determinado problema. O *locus* escolhido para a realização da pesquisa foi a Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará-UFPA, cujos sujeitos envolvidos foram alunos das turmas do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental. Como instrumentos de coleta e análise dos dados adotamos a entrevista coletiva (KRAMER, 2003) e a Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado (MOREIRA; SIMÕES; PORTO, 2005), respectivamente. Os resultados mostraram como contribuições para o ensino das Lutas a possibilidade do trato desse conhecimento, tanto nos aspectos teóricos e conceituais, quanto nos elementos técnicos, articulados a uma concepção de currículo Pós-Crítica, além disso, concluímos que, as Lutas possuem um grande potencial para problematizar da Diversidade Cultural no currículo da Educação Física nas séries finais do Ensino Fundamental, assim como também possibilitam caminhos para trabalhar temáticas importantes a serem discutidas na Escola Básica como as questões de gênero, a violência e o racismo, contribuindo, assim, para a resistência ao currículo hegemônico e para um ensino em direção à democratização do sucesso escolar de alunos dos grupos minoritários.

Palavras-chave: Diversidade Cultural. Currículo. Educação Física Escolar. Lutas.

Abstract

This is a study about the struggles as knowledge of the curriculum of Physical Education in elementary education in the perspective of cultural Diversity and aims to: present contributions of the teaching of the struggles in the classes of Physical Education in the perspective of Diversity; to investigate the existent production in the area on the Struggles in the curriculum of the Physical Education school and to discuss the approaches of the curriculum of Physical Education with the Cultural Diversity, using as theoretical axis the Cultural Curriculum of the Physical Education (NEIRA, 2011a). In relation to the methodology of the research, we adopted the qualitative approach and as research strategy the Action Research, which consists of one of the forms of field research. The place chosen to carry out the research was the “Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará-UFPA”, whose subjects were students of the 6th and 7th grades of elementary school. As instruments of data collection and analysis, we adopted the collective interview (KRAMER, 2003) and the Technique of Elaboration and Analysis of Units of Meaning (MOREIRA; SIMÕES; PORTO, 2005), respectively. The results showed the struggles have a great potential for dealing with cultural diversity in the Physical Education curriculum in the final grades of elementary school, as well as the treatment of important topics to be discussed in the basic school, such as gender issues, violence and the racism, contributing to the resistance to the hegemonic curriculum and to a critical education towards the democratization of the school success of students of the minority groups.

Keywords: Cultural Diversity. Curriculum. School Physical Education. Struggles.

Lista de quadros

| | | |
|------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Quadro 1 | Periódicos selecionados para busca de artigos | 21 |
| Quadro 2 | Número de documentos encontrados de acordo com os descritores utilizados na busca nos bancos de dados | 22 |
| Quadro 3 | Conteúdos para os anos iniciais e finais do ensino fundamental de acordo com Nascimento (2008). | 44 |
| Quadro 4 | Organização curricular sobre o conteúdo das lutas ao longo das séries iniciais do ensino fundamental | 45 |
| Quadro 5 | Competências gerais ordenadas pelos princípios éticos, políticos e estéticos | 65 |
| Quadro 6 | Competências específicas de Educação Física para o ensino fundamental | 68 |
| Quadro 7 | Comparativo das respostas da pergunta “Para você o que é Luta(s)?” | 96 |
| Quadro 8 | Comparativo das respostas da pergunta “Quais os tipos de luta você conhece?” | 98 |
| Quadro 9 | Comparativo das respostas da pergunta “Para que servem as Lutas?” | 100 |
| Quadro 10 | Comparativo das respostas da pergunta “Você sabe para que surgiram as Lutas?” | 102 |
| Quadro 11 | Comparativo das respostas da pergunta “As Lutas são violentas?” | 103 |
| Quadro 12 | Comparativo das respostas da pergunta “Você já praticou alguma Luta? Quais?” | 105 |
| Quadro 13 | Comparativo das respostas da pergunta “Você conhece alguma técnica (golpe) de Luta?” | 106 |
| Quadro 14 | Comparativo das respostas da pergunta “Você já ouviu falar em Lutas indígenas? Quais?” | 108 |
| Quadro 15 | Comparativo das respostas da pergunta “Você já ouviu falar em lutas africanas e afro-brasileiras? Quais?” | 109 |
| Quadro 16 | Comparativo das respostas da pergunta “para você o que é Cultura?” | 110 |
| Quadro 17 | Comparativo das respostas da pergunta “o que é Cultura | |

| | | |
|------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| | indígena?” | 111 |
| Quadro 18 | Comparativo das respostas da pergunta “o que é Cultura africana?” | 112 |
| Quadro 19 | Comparativo das respostas da pergunta “você já ouviu falar em etnia?” | 114 |
| Quadro 20 | Comparativo das respostas da pergunta “quais as influências das culturas indígenas e africanas na sociedade?” | 114 |

Lista de gráficos

| | | |
|------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Gráfico 1 | Número de artigos publicados sobre Lutas | 25 |
| Gráfico 2 | Número de teses e dissertações sobre Lutas | 26 |
| Gráfico 3 | Categorias de análise de acordo com a natureza das publicações | 28 |
| Gráfico 4 | Subcategorias das teses, dissertações e artigos situados na categoria “Práticas Pedagógicas” | 35 |

Lista de abreviaturas e siglas

ATD- Análise Textual Discursiva

BNCC- Base Nacional Comum Curricular

CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEP- Comitê de Ética em Pesquisa

CNPQ- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CONAE- Conferência Nacional de Educação

DGP- Diretório de Grupos de Pesquisa

FHC- Fernando Henrique Cardoso

FMI- Fundo Monetário Internacional

GPRAPE- Grupo de Pesquisa em Prática Pedagógica para o Ensino na Educação Básica

IDEB- Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC- Ministério da Educação

MMA- *Mixed Martial Arts* (Artes Marciais Mistas)

PCN's- Parâmetros Curriculares Nacionais

PEC- Proposta de Emenda Constitucional

PNE- Plano Nacional de Educação

RBCE- Revista Brasileira de Ciências do Esporte

UEM- Universidade Estadual de Maringá

UFPA- Universidade Federal do Pará

UFRJ- Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina

UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Sumário

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Introdução | 14 |
| Capítulo 1: Lutas como conhecimento da Educação Física escolar: um estado da arte | 18 |
| Panorama da produção em Lutas na Educação Física escolar..... | 24 |
| Os processos didático-metodológicos do ensino das Lutas na educação básica: o que dizem as pesquisas?..... | 34 |
| Capítulo 2: Diversidade: aproximações com o Currículo Cultural da Educação Física | 50 |
| Diversidade Cultural: conceitos, raízes históricas e implicações no Currículo..... | 50 |
| A LDB e os Parâmetros Curriculares Nacionais: precursores de uma base comum e da Educação Física como componente curricular oficial..... | 57 |
| Base Nacional Comum Curricular (BNCC): aproximações e distanciamentos com o Currículo Cultural da Educação Física..... | 62 |
| Metodologia | 76 |
| Fases da Pesquisa-ação | 77 |
| Fase exploratória..... | 77 |
| O lócus de pesquisa..... | 77 |
| Planejamento das ações..... | 78 |
| Coleta de dados..... | 80 |
| Instrumentos de análise dos dados..... | 80 |
| Capítulo 3: O ensino das Lutas no currículo da Educação Física na perspectiva da Diversidade Cultural: experiências na Escola de Aplicação | 83 |
| Lutas de matrizes africana, afro-brasileira e indígena: planejamento das ações..... | 83 |
| Uma experiência na Escola de Aplicação: limites e dificuldades da pesquisa-ação..... | 87 |
| O trato do conhecimento das Lutas na perspectiva da Diversidade Cultural: análise dos dados..... | 95 |
| Considerações Finais | 115 |

| | |
|--------------------|-----|
| Referências | 119 |
| Anexos | 127 |
| Apêndices | 131 |

INTRODUÇÃO

A origem das Lutas remonta a pré-história e está ligada à garantia da sobrevivência do ser humano, porém, com o passar do tempo, as Lutas sofreram modificações em seu significado. Nestas, a defesa de território e da integridade física dos indivíduos passaram a configurar a característica central das práticas das Lutas, cujo o exercício constante assumiu, em determinado momento histórico, um caráter militar. É neste contexto, que surgem as primeiras práticas sistematizadas das Artes de Combate. Em alguns lugares, como nos países do oriente, as Lutas receberam significados filosóficos, enquanto que no ocidente vivenciaram um processo diferenciado que as transformaram em Esportes voltados para o alto rendimento, o que provocou a deturpação de seus princípios filosóficos.

Mesmo fazendo parte do currículo da Educação Física da Escola Básica, o conteúdo Lutas ainda é pouco explorado no cotidiano escolar, seja pela falta de domínio dos processos didático-metodológicos dessas práticas corporais por parte do professor, seja pelo currículo da disciplina que tem o Esporte como conteúdo hegemônico.

Mesmo a Capoeira¹, luta genuinamente brasileira e com forte potencial para a problematização do racismo e da resistência do povo negro durante a escravidão, acaba sendo descontextualizada, afastada da origem cultural que a firmou no Brasil, sendo trabalhada na escola de forma tradicional em oficinas ou aulas esporádicas.

Nacionalmente, também existem Lutas pouco exploradas pelas pesquisas, como, por exemplo, a *Huka-Huka*, luta corporal indígena praticada pelos povos Kamayurás do Alto Xingú que poderiam ser trabalhadas nas aulas de Educação Física de nossas escolas, juntamente com lutas de origem africana e afro-brasileira, como o Laamb² e a Capoeira, contribuindo assim, para a ampliação de um ensino democrático e pautado na perspectiva da Diversidade Cultural; respeitando, assim, o disposto nas Leis 10. 639, de janeiro de 2003³ e a Lei 11.645, de março de 2008⁴.

¹ Luta brasileira desenvolvida pelos escravos negros. Envolve luta, jogo e dança.

² Luta senegalesa de agarre bastante popular no país de origem.

³ Que altera o disposto na Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

⁴ Que também altera o disposto na redação da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelecendo a obrigatoriedade, no currículo nacional, do ensino da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

Por tratarem-se de construções históricas, as Lutas tornaram-se um dos elementos da cultura corporal, logo, precisam ser sistematizadas para ser trabalhadas no contexto da Educação Básica. O conteúdo Lutas na Educação Física ainda é pouco explorado no contexto escolar, sendo este conteúdo trabalhado, na maioria das vezes, de forma fragmentada em modalidades específicas sob a responsabilidade de terceiros, portanto, a necessidade de apropriação e sistematização desse conteúdo para a sua aplicação nas aulas de Educação Física do ensino básico, aliada à temáticas de relevância social como a Diversidade Cultural, justifica o interesse na realização desta pesquisa, assim como a pouca produção existente sobre o tema.

Como praticante de uma arte marcial oriental e professor de Educação Física, o interesse pelo tema surgiu a partir da inquietação para compreender como esse conteúdo foi negado durante minha formação como estudante da educação básica e por que estes conhecimentos eram tratados, nas escolas que proporcionavam suas vivências, de maneira tão tradicional quanto nas academias de artes marciais pelas quais passei, sem levar em conta a diversidade existente no contexto escolar? O que nos levou a questionar o trato com esse conhecimento e suas contribuições na perspectiva da Diversidade Cultural.

A síntese de todos esses questionamentos deu origem ao problema desta pesquisa: Quais as contribuições do ensino das Lutas nas aulas de Educação Física na perspectiva da Diversidade Cultural?

Tal problema nos motivou a atingir o objetivo principal desta pesquisa: apresentar contribuições do ensino das Lutas nas aulas de Educação Física na perspectiva da Diversidade Cultural. Para isso, foi necessário alcançar os seguintes objetivos específicos: investigar a produção existente na área sobre as Lutas no currículo da Educação Física escolar; e discutir as aproximações do currículo da Educação Física com a Diversidade Cultural.

Com base nesses objetivos esta dissertação encontra-se estruturada da seguinte forma: o primeiro capítulo intitulado “Lutas como conhecimento da Educação Física escolar: um estado da arte” tem como finalidade analisar a produção acadêmica sobre o conteúdo Lutas no currículo da Educação Física no Ensino Fundamental por meio de um Estado da arte sobre a produção referente ao objeto de pesquisa.

Este capítulo se subdivide em duas partes: a primeira explicita o panorama da

produção acadêmica em Lutas na Educação Física escolar nas dissertações, teses e periódicos da área; e a segunda, apresenta as discussões destes documentos no que tange aos processos didático-metodológicos do ensino das Lutas no currículo da Educação Física escolar com foco no Ensino Fundamental.

Após estas discussões, o segundo capítulo “Diversidade: aproximações com o Currículo Cultural da Educação Física” busca discutir o currículo da Educação Física no Ensino Fundamental na perspectiva da Diversidade Cultural, a partir de uma análise dos documentos oficiais, especialmente a partir da construção da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Este capítulo se subdivide em três seções na qual a primeira apresenta os conceitos, raízes históricas e implicações da Diversidade Cultural no Currículo escolar, visando compreender esse fenômeno que ascendeu em resistência ao processo de globalização. A segunda seção refere-se ao currículo escolar no Brasil e, às formulações que se preocuparam em orientar os sistemas de Educação do país, especificamente a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s), além disso, buscou-se entender o lugar da Educação Física nesse processo.

A terceira seção trata do documento mais recente de organização curricular no Brasil, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que teve sua versão final divulgada recentemente no primeiro semestre de 2017, sendo alvo de várias discussões sobre sua implementação. Sem desprender da discussão macro, pretende-se realizar nesta seção o debate sobre a Educação Física enquanto componente do currículo e quais suas aproximações com o Currículo Cultural defendido por Neira (2011a), autor escolhido a partir de sua proposição em discutir a Diversidade Cultural.

O terceiro capítulo “O ensino das Lutas no currículo da Educação Física na perspectiva da Diversidade Cultural: experiências na Escola de Aplicação” expõe a análise dos resultados da pesquisa realizada nas experiências com as Lutas de matrizes africana, afro-brasileira e indígena nas séries finais do Ensino Fundamental, com enfoque na temática da Diversidade Cultural na Escola de Aplicação da UFPA.

Em virtude de entender-se o desenrolar da pesquisa neste terceiro capítulo, elaborou-se, imediatamente anterior a este, uma seção metodológica que explicita os passos e os instrumentos utilizados na pesquisa que tem como característica a

pesquisa de campo de caráter qualitativo (MINAYO et al., 2002).

O tipo de pesquisa de campo escolhido foi a Pesquisa-ação, segundo Thiollent (1996) pesquisa esta que possui interação entre o pesquisador e os sujeitos, e que, mais precisamente, o pesquisador também se torna um sujeito da pesquisa, fazendo discussões para solucionar um problema e, em nossa pesquisa, teve o Currículo Cultural da Educação Física como eixo teórico norteador.

A Pesquisa-ação teve as seguintes etapas na sua realização: fase exploratória, planejamento das ações, coleta de dados e divulgação dos resultados obtidos. Como toda a pesquisa de campo, a coleta e análise dos dados requerem instrumentos que possibilitem a realização destas ações; assim, a entrevista coletiva (KRAMER, 2003) foi utilizada como instrumento de coleta de dados; e a Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado” (MOREIRA; SIMÕES; PORTO, 2005) foi utilizada como instrumento de análise.

Seguindo esses passos, os resultados das análises são divulgados no terceiro capítulo, estruturado em três partes: a primeira apresenta o planejamento das ações para a aplicação das aulas de Lutas de matrizes africana, afro-brasileira e indígena; a segunda evidencia os limites e dificuldades da Pesquisa-ação realizada na Escola de Aplicação da UFPA, com alunos do 6º e 7º ano do ensino fundamental; e a terceira aponta o resultado da análise dos dados, que investiga o trato do conhecimento das Lutas na perspectiva da Diversidade Cultural por meio das entrevistas coletivas, comparando-as antes e depois das intervenções realizadas.

Encerra-se o trabalho com as considerações finais sobre os achados da pesquisa, apontando as contribuições para a Diversidade Cultural e as direções futuras para os estudos com o trato do conhecimento das Lutas no currículo da Educação Física no Ensino Fundamental, para que novas pesquisas surjam ampliando o referencial teórico da área. No mais, espera-se que a leitura seja tão gratificante e satisfatória quanto foi a realização da pesquisa e escrever esta dissertação.

CAPÍTULO 1: LUTAS COMO CONHECIMENTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM ESTADO DA ARTE

O objetivo deste capítulo é analisar a produção acadêmica sobre o conteúdo Lutas no currículo da Educação Física no Ensino Fundamental. Para isso, foi construído um Estado da arte sobre a produção referente ao objeto de pesquisa.

O Estado da Arte é um tipo de pesquisa que tem origem nos Estados Unidos e sua denominação vem da tradução do termo em inglês *State of the Art*. Esse tipo de pesquisa recebe outras denominações como “Estado do conhecimento” (SOARES, 2000) e “Síntese integrativa” (ANDRÉ, 2002). Tal modalidade de pesquisa passa a ser mais conhecida no Brasil a partir da década de 1980 e, desde então, vem sendo bastante utilizada nas pesquisas em Educação, sendo classificada como uma pesquisa inventariante⁵, que tem como objetivo conhecer o que já se produziu sobre determinado assunto para analisar o fenômeno, apontar suas lacunas e avanços, pois o conhecimento da totalidade da produção sobre um objeto algumas vezes é inalcançável pelos pesquisadores (FERREIRA, 2002).

A metodologia de um Estado da Arte não é consenso nos manuais de pesquisa, dessa forma os procedimentos utilizados no Estado da Arte podem ser flexibilizados em acordo com necessidades de seus pesquisadores, o que é visivelmente ratificado por Palanch e Freitas (2015). No entanto, pode-se visualizar uma comunicação entre as pesquisas ocupadas com o desenvolvimento de um Estado da Arte, uma delas está na importância de um recorte temporal, por exemplo (FREITAS; PIRES, 2015). Tal recorte faz-se necessário devido à vasta produção que alimenta certos campos do conhecimento onde, a depender da área de estudo analisada, pode fazer da busca por uma totalidade de trabalhos tarefa praticamente impossível de ser atingida. Há também, por outro lado, a dificuldade que alguns campos apresentam de escassez de produção, o que leva o pesquisador a ampliar o recorte temporal de sua pesquisa para chegar a um conhecimento mínimo e adequado sobre seu objeto de pesquisa. Em ambas as situações, o recorte temporal é fator fundamental.

Outro ponto convergente entre as pesquisas é a escolha por uma forma de coletar informações que pode ocorrer em diferentes bancos de dados, a partir do

⁵ Originária da palavra inventário que significa: “relação; rol; levantamento” (LUFT, 1995, p.366).

uso de descritores, ou seja, de palavras que estão presentes no texto, no título, no resumo e mesmo nas palavras-chaves das obras pesquisadas (ROMANOWSKI; ENS, 2006), logo, o uso de descritores facilita o direcionamento para as obras que comporão a pesquisa. Além da localização dos bancos de dados, recortes da pesquisa e escolha de critérios para busca e seleção do material, Romanowski e Ens (2006) ressaltam que após a coleta do material, faz-se importante a leitura das obras selecionadas para a construção de síntese preliminar de cada uma, registrando o tema, os objetivos, metodologia e outros aspectos relevantes. É importante destacar o resumo, assim como a instituição na qual a tese/dissertação ou artigo é vinculado (Programa de pós-graduação e periódico respectivamente) de acordo com o que o pesquisador julgar oportuno. Gil (2008) chama esse registro, de ficha individual de apontamentos e dados que servirão para análises posteriores que podem ser realizadas com a ajuda de recursos como o Excel⁶ (RIBEIRO; CASTRO, 2016).

Freitas e Pires (2015) destacam a Análise Textual Discursiva (ATD) como uma das técnicas de análise das fichas de registro e também dos resumos de cada trabalho como enfatizam Romanowski e Ens (2006), essa técnica prevê a elaboração de um “metatexto”⁷ com as interpretações do pesquisador sobre o que foi lido nos registros. Esses registros são organizados em forma de síntese de modo a identificar os apontamentos feitos sobre o tema nas pesquisas selecionadas para que sejam realizadas as análises (ROMANOWSKI; ENS, 2006).

Freitas e Pires (2015) levantam a importância do Estado da Arte para contribuir com o campo teórico de uma área do conhecimento, revelando as restrições, os avanços e novos apontamentos para pesquisas posteriores. É sabendo dessa necessidade de compreender e aprofundar a análise do objeto, que o Estado da Arte foi eleito como metodologia mais adequada para caracterizar o objeto tratado nas intervenções da pesquisa-ação. Optou-se, nesta pesquisa, trabalhar com teses, dissertações e artigos em periódicos produzidos no campo da Educação Física, visto que, este é um campo no qual a produção na temática das Lutas ainda é restrita e escassa (BETTI; FERRAZ; DANTAS, 2011).

Este trabalho inicia, pois, com a produção de um Estado da Arte sobre a

⁶ Editor de planilhas desenvolvido pela empresa Microsoft Corporation para ser utilizado em computadores que possuem o sistema operacional da mesma empresa.

⁷ Por metatexto, entendemos todo e qualquer discurso em forma resumida ou menor, produzido para descrever, remeter, estruturar ou referir-se a texto maior ou a interpretação mais aprofundada deste.

construção de conhecimento sobre a temática das lutas no Currículo da Educação Física escolar. Para tal, seguiu-se alguns passos que facilitaram a realização deste trabalho: o primeiro passo foi realizar um recorte espacial e temporal para a procura por documentos, no caso das teses e dissertações, o Banco de Teses e Dissertações da CAPES foi escolhido como fonte de busca destes documentos. Os artigos foram encontrados em periódicos nacionais da área da Educação Física, classificados de “A” a “C” no sistema *Qualis Capes*, de natureza tanto generalista quanto profissional e acadêmica, com periodicidade de no mínimo 5 anos; além disso, os periódicos precisavam apresentar-se no campo da Educação Física em sua política editorial ou escopo.

A escolha pelo Banco de Teses e Dissertações da CAPES delimitou também o recorte temporal para a seleção das teses e dissertações aqui analisadas, visto que o referido banco de dados só foi criado no ano de 2002 e contém informações a partir do ano de 1987⁸, não havendo possibilidade de acessar os documentos online que são anteriores a esta data, o que nos fez estabelecer a acessibilidade online como critério de busca dos documentos tanto para teses e dissertações quanto para artigos de periódicos. No caso dos periódicos, o recorte temporal foi delimitado de acordo com a data de criação do banco de dados online de cada periódico. Desta forma, a busca no portal de periódicos da CAPES foi realizada somente com as publicações avaliadas na área da Educação Física, pelo fato da discussão sobre as Lutas predominar nessa área, pois estas são parte dos conteúdos da Cultura Corporal, objeto de estudo da Educação Física⁹.

Com isso, obteve-se como resultado um total de 465 (quatrocentos e sessenta e cinco) periódicos. Partindo para verificação da acessibilidade online, constatou-se que 187 (cento e oitenta e sete) possuíam um portal disponível.

Considerando que muitos periódicos de outras áreas (Fisioterapia, Medicina, Terapia Ocupacional, Pedagogia) também são avaliados na área da Educação Física, o próximo passo foi verificar quais dos periódicos restantes se apresentavam em seu foco e escopo pertencente especificamente à área da Educação Física, o

⁸ COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. Conheça o Banco de Teses e Dissertações da Capes. Disponível em: <http://sdi.capes.gov.br/banco-de-teses/02_bt_sobre.html>. Acesso em: 28 de fev. 2017.

⁹“Este livro expõe e discute questões teórico-metodológicas da Educação Física, tomando-a como matéria escolar que trata, pedagogicamente, temas da cultura corporal, ou seja, os jogos, a ginástica, as lutas, as acrobacias, a mímica, o esporte e outros. Este é o conhecimento que constitui o conteúdo da Educação Física” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.10).

que nos fez chegar a um número de 27 (vinte e sete) periódicos. Delimitou-se a periodicidade mínima de 5 (cinco) anos para os periódicos selecionados para esta pesquisa e chegou-se ao número de 13 (treze) revistas científicas a analisar, todas listadas no **quadro 01**:

Quadro 1: Periódicos selecionados para busca de artigos

| Periódico | Qualis EF |
|-------------------------------------------------|-----------|
| Movimento | A2 |
| Motriz: revista de Educação Física | B1 |
| Revista Brasileira de Ciências do Esporte | B1 |
| Revista Brasileira de Educação Física e Esporte | B1 |
| Revista da Educação Física | B1 |
| Motrivivência | B2 |
| Pensar a prática | B2 |
| Conexões | B4 |
| Kinesis | B4 |
| Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte | B4 |
| Arquivos em movimento | B5 |
| Caderno de Educação Física e Esporte | B5 |
| Cadernos de formação RBCE | B5 |

Fonte: Produzido pelo próprio autor, a partir dos critérios de seleção. 2017.

A partir da palavra “Lutas” e “Educação Física” como principais descritores de busca, acompanhados do operador Booleano¹⁰ “AND”¹¹ para refinar a pesquisa. Dado o vasto significado e interpretações da palavra “Luta”¹² ou “Lutas”, também utilizaram-se os termos “Lutas corporais”, “artes marciais”, “arte de combate” para a busca relacionada especificamente ao objeto; e utilizaram-se os termos “currículo” e “currículo da Educação Física” associados aos termos das Lutas. Estes descritores deveriam estar presentes no título, palavras-chave e/ou resumo dos documentos. No

¹⁰“Operadores booleanos são palavras que têm o objetivo de definir para o sistema de busca como deve ser feita a combinação entre os termos ou expressões de uma pesquisa” (SISTEMA DE BIBLIOTECAS PUC-RIO, 2017).

¹¹ Restringe a pesquisa procurando por textos que contenham aos mesmo tempo os termos conectados por este termo, se significado equivale á “com todas as palavras”.

¹² “1. Ação de lutar. 2.qualquer combate corpo a corpo. 3. Guerra; peleja. 4. (fig.) antagonismo. 5. (fig.) esforço; empenho” (LUFT, 1995, p.396).

caso dos artigos de periódicos, foram encontrados 18 (dezoito) artigos. Como objetiva-se analisar a produção acadêmica sobre o conteúdo Lutas no currículo da Educação Física no Ensino Fundamental, excluíram-se os artigos que discutiam as Lutas no campo do alto rendimento e em ambientes não escolares.

No caso das teses e dissertações, as áreas de avaliação e concentração Educação e Educação Física foram marcadas na barra de refinamento também pela justificativa da discussão das Lutas serem do campo específico da Educação Física e, por muitas pesquisas serem realizadas na grande área da Educação, por abordar as interfaces das Lutas na Educação Física escolar. Partindo para a busca refinada, os descritores foram utilizados na seguinte ordem: “Lutas”, “lutas corporais” “artes marciais”, “artes de combate”, “lutas” AND “currículo”, “lutas” AND “Educação Física escolar”, “lutas” AND “currículo da Educação Física”. Tais termos e suas combinações permitiram chegar-se ao mapeamento de diversos documentos, os quais podem-se ver listados, a seguir, no **quadro 02**:

Quadro 2: Número de documentos encontrados de acordo com os descritores utilizados na busca nos bancos de dados.

| Descritores | Número de documentos |
|--------------------------------------------|-----------------------------|
| “Lutas” | 4229 |
| “lutas corporais” | 6 |
| “artes marciais” | 115 |
| “artes de combate” | 0 |
| “lutas” AND “currículo” | 148 |
| “lutas” AND “Educação Física escolar” | 123 |
| “lutas” AND “currículo da Educação Física” | 1 |

Fonte: Produzido pelo próprio autor, a partir da busca realizada nos bancos de dados. 2017.

Durante a busca, ao utilizar-se o descritor “Lutas”, obteve-se 4.229 (quatro mil duzentos e vinte e nove) resultados. A seleção dos documentos iniciou-se somente após a realização da busca com o segundo descritor “Lutas corporais”, no qual obteve-se 6 (seis) resultados; partindo, assim, para a leitura individual dos títulos e dos resumos, de onde selecionaram-se dois documentos que se encaixavam nos

critérios estabelecidos. Após o terceiro descritor “artes marciais” obteve-se 115 (cento e quinze) resultados e, após leitura dos títulos e resumos, constatou-se a repetição do resultado obtido no descritor anterior e, dentre os trabalhos analisados, apenas 01 (um) fora selecionado para compor o *corpus* dessa pesquisa.

Ao utilizar-se o descritor “artes de combate” não houve nenhum resultado para a busca, assim, partiu-se para o descritor “lutas” AND “currículo”, onde identificou-se 148 (cento e quarenta e oito) documentos, porém, nenhum destes adequou-se aos critérios de seleção previstos no *corpus* desta pesquisa. Ao utilizar-se os descritores “lutas” AND “Educação Física escolar”, obteve-se a seleção do maior número de documentos da busca: um total de 5 (cinco) documentos de um total igual a 123 (cento e vinte e três) resultados de busca; e o único resultado da busca com o descritor “lutas” AND “currículo da Educação Física” não se encaixava nos critérios norteadores neste recorte, por tratar de um trabalho que foge ao debate sobre o conteúdo Lutas.

Portanto, como resultado desta busca selecionou-se um total de 8 (oito) documentos, sendo 6 (seis) dissertações e 2 (duas) teses que, somados aos 18 (dezoito) artigos formam um total de 26 (vinte e seis) documentos analisados. Todos foram catalogados com o auxílio do editor de planilhas Excel, nas quais foram separados em duas abas, uma para as teses e dissertações e outras para artigos em periódicos. Ambas tiveram as pesquisas organizadas em ordem cronológica.

Nas dissertações e teses foram discriminados os programas de pós-graduação às quais pertencem, a instituição que oferece os referidos programas e a região em que estão situadas. Já os artigos foram organizados através do *Qualis Capes*, número e volume de cada periódico. Em ambos os documentos foram destacados: título, autores, palavras-chave e resumo. Após a leitura dos resumos, os documentos foram classificados, inicialmente, nas categorias a seguir, podendo ser deslocados para categorias diferentes após a análise da leitura na íntegra:

- 1- Formação de professores: pesquisas que envolvem o conhecimento das Lutas no processo de formação dos professores de Educação Física;
- 2- Epistemologia das Lutas: estudos sobre a natureza das Lutas como conhecimento da Educação Física;

- 3- Práticas pedagógicas: pesquisas sobre os processos didático-metodológicos do ensino das Lutas na educação básica¹³;
- 4- Lutas e Currículo: estudos que discutem a interface das Lutas no currículo escolar;

Após a categorização, os documentos foram lidos na íntegra e analisados por meio da técnica da Análise de conteúdo de Bardin (1977), destacando as interfaces das análises com o currículo da Educação Física escolar e, em vista desse destaque, a terceira categoria denominada “práticas pedagógicas” foi desmembrada em subcategorias, para análise, pois a pesquisa-ação tratou o objeto na perspectiva do trato com o conhecimento das Lutas no currículo da educação básica, dessa forma, as subcategorias analisadas foram:

- 1- Fatores restritivos e fragilidades no trato do conhecimento;
- 2- Propostas de sistematização do conhecimento no currículo da Educação Básica;

Essas subcategorias surgiram a partir da leitura dos documentos, sendo classificadas por Bardin (1977) de categorias secundárias. É pela ótica da análise do Conteúdo, segundo Bardin (1977), manipulou-se as mensagens apresentadas nos textos selecionados, em busca de inferências de realidades não explícitas de forma literal e que escondem em si outros significados e hierarquias que, talvez, passem despercebidos em uma leitura superficial e preliminar. Os significados identificados foram alocados em categorias e subcategorias que nos permitiram facilitar o tratamento dos dados e a análise geral do *corpus* desta pesquisa. A seguir apresentar-se-á um panorama da produção encontrada e as principais discussões no campo das Lutas na Educação Física escolar.

Panorama da produção do conhecimento em Lutas na Educação Física escolar

O levantamento da produção sobre Lutas na Educação Física escolar revelou dois dados relevantes para este estudo: o primeiro refere-se a pouca produção de pesquisas referentes ao conteúdo Lutas no campo da Educação Física Escolar; o

¹³ O destaque para a educação básica nesta categoria ocorre para caracterizar a especificidade da prática pedagógica neste nível e, esclarecer que no caso do surgimento de pesquisas que tratam da prática pedagógica na formação de professores esta será considerada na categoria “formação de professores”.

segundo refere-se ao marco temporal que datam os trabalhos encontrados, pois, o mapeamento dos 26 (vinte e seis) documentos encontrados, distribuídos em 02 (duas) teses, 6 (seis) dissertações e 18 (dezoito) artigos de periódicos científicos, permite afirmar que o interesse por esta temática é recente, cujos primeiros trabalhos foram produzidos nos últimos dez anos.

“A tematização das lutas na Educação Física Escolar: restrições e possibilidades” de Nascimento e Almeida (2007), artigo publicado na revista Movimento, foi a publicação mais antiga encontrada sobre a temática e, poderia representar o início de um aprofundamento crescente das pesquisas no campo das Lutas na Educação Física escolar. Entretanto, observa-se, no **gráfico 01**, que após a primeira publicação, seguiu-se a falta de pesquisadores sobre esta temática:

Gráfico 01: Número de artigos publicados sobre Lutas



Fonte: produzido pelo autor, a partir da bibliografia analisada. 2017.

De acordo com o visto no **gráfico 01**, observa-se a oscilação na publicação de artigos sobre a temática das lutas, com incidência de publicações no período compreendido entre 2013 e 2015, contando com 4 e 6 publicações respectivamente. Em contrapartida, nos anos de 2009 e 2016 não encontra-se nenhuma publicação nesta temática; resultado este já constatado em pesquisa anterior (CINTRA ET AL., 2016). No entanto, o inventário dos autores contou também com publicações de periódicos não indexados. Esta pesquisa propôs-se a analisar documentos de bases indexadas que dão uma maior proximidade de leitura pelos professores, pois os autores referenciados acima admitem que as publicações não indexadas não possuem grande atenção para leitura desse público, sendo o alcance de divulgação

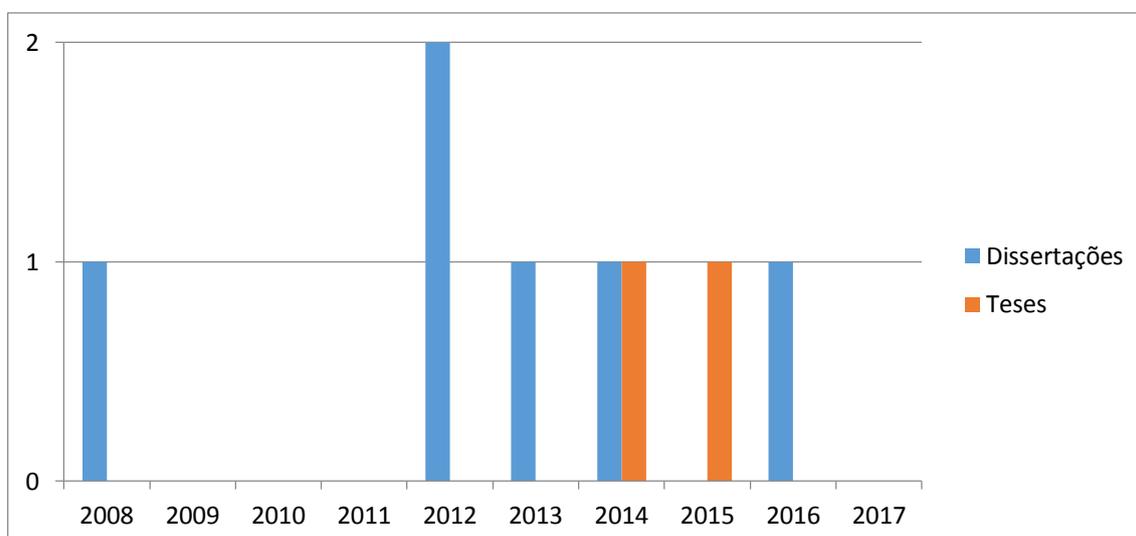
menor.

A pesquisa de Cintra et al. (2016) incluiu trabalhos que versavam sobre Lutas específicas como Capoeira, Judô e Karatê, que não alcançam o interesse desta pesquisa, já que considera-se, aqui, que o ensino das Lutas na escola deve ser realizado de forma abrangente, assim como o seu trato nos aportes teóricos. O trato das Lutas em modalidades específicas restringe mais ainda os professores da Educação básica em se apropriarem desse conteúdo, pois estes acreditam que deve haver uma experiência prévia nas modalidades para poder ensiná-las na escola, essa justificativa está presente em obras como a de Rufino e Darido (2015b).

Portanto, se no trato das Lutas em sua forma genérica, essa justificativa já se encontra presente na literatura, reduzi-las a modalidades específicas pode afastar mais ainda os professores de Educação Física da Escola Básica do trato com esse conhecimento. Mediante esta perspectiva, buscou-se por artigos e periódicos indexados que discorrem sobre Lutas de forma ampliada, o mesmo foi posto para as teses e dissertações selecionadas no banco de dados da Capes.

Sobre esse universo de teses e dissertações, o número de publicações é ainda menor. A primeira publicação neste universo data de 2008, trata-se da dissertação de Gomes (2008) intitulada “*Procedimentos pedagógicos para o ensino das Lutas: contextos e possibilidades*”. O panorama geral da produção de teses e dissertações sobre o ensino das Lutas na Escola Básica está apresentado no **gráfico 02**:

Gráfico 02: Número de teses e dissertações sobre Lutas.



Fonte: produzido pelo próprio autor, a partir da bibliografia analisada. 2017.

O **gráfico 02** apresenta que, após a dissertação de Gomes (2008), houve um silenciamento de 4 (quatro) anos na produção de pesquisas no campo das lutas que só foi quebrado com as publicações de Luiz Gustavo Bonatto Rufino¹⁴ e Arisson Vinícius Landgraf Gonçalves¹⁵ e, desde então, a produção segue esporádica, com publicações de um trabalho por ano, até os dias atuais. A primeira tese encontrada foi a de Mariane Simões Pimentel Gomes¹⁶, defendida em 2014, tese esta produzida sobre as Lutas, na perspectiva da formação de professores; assim como também a segunda, defendida em 2015, por Benedito Carlos Libório Caires Araújo. A ausência de pesquisadores sobre a temática das Lutas demonstra a fragilidade de aporte teórico sobre este conhecimento no âmbito escolar. Tal ausência se apresenta como regra vigente, pois mesmo depois da implantação dos Parâmetros Curriculares Nacionais(1997), que apresentaram oficialmente as Lutas como conteúdo da Educação Física escolar, e das disposições apresentadas na Base Nacional Comum Curricular, em suas três versões (2015, 2016 e 2017), a produção acadêmica nesta temática não cresceu, existindo, portanto, uma lacuna latente entre as obras.

Outra constatação referente a pouca produção do conteúdo Lutas na área da Educação Física surgiu após um levantamento de grupos de pesquisa sobre Lutas, Artes Marciais e modalidades de combate realizado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq (DGP): o levantamento revelou a existência de apenas 10 (dez) grupos de pesquisa, sendo que um destes foi desativado em março de 2017. Além disso, apenas 6 (seis) autores agrupados em 2 (duas) das obras selecionadas integram 2 (dois) desses grupos, porém um dos autores desvinculou-se do grupo em 2016.

Isso demonstra que além do desinteresse por parte dos pesquisadores, a produção sobre Lutas se materializa, majoritariamente, por iniciativas individuais de autores que possuem uma proximidade com a temática, e de forma esporádica, o que é fator complicador de restrição da produção do conhecimento sobre as Lutas na Educação Física escolar, pois acaba levando o foco das pesquisas para o âmbito do alto rendimento.

¹⁴“Campos de luta”: o processo de construção coletiva de um livro didático na Educação Física no ensino médio”

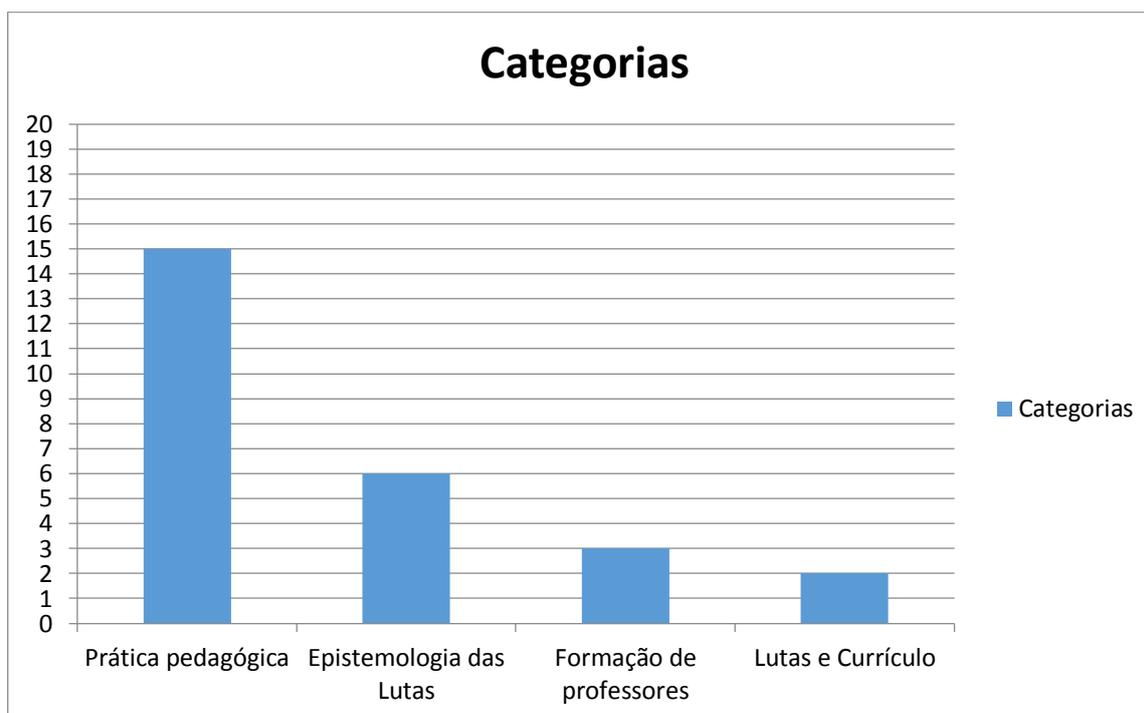
¹⁵ “As práticas corporais de lutas pela ordem do discurso científico da Educação Física”.

¹⁶ “O ensino do saber lutar na universidade: estudo da didática clínica nas lutas e esportes de combate”.

Betti, Ferraz e Dantas (2011) já apontavam para a pouca produção sobre Lutas no que se refere aos conhecimentos da Educação Física escolar, as constatações dos autores reforçam o interesse na compreensão e na produção do conhecimento sobre o ensino de lutas no campo da Educação Física.

Os documentos selecionados foram organizados em categorias, de acordo com a natureza das pesquisas contidas por estes: **prática pedagógica, epistemologia das Lutas, formação de professores, Lutas e currículo**. Cada categoria reflete uma problemática principal apontada pelos autores, em seus trabalhos, referentes ao conhecimento das Lutas. O **gráfico 03** apresenta os resultados obtidos a partir da análise panorama das discussões:

Gráfico 03: Categorias de análise de acordo com a natureza das publicações



Fonte: produzido pelo próprio autor, a partir da análise de conteúdo (BARDIN, 1977).

O **gráfico 03** demonstra que a grande preocupação da maioria das pesquisas mapeadas é com a prática pedagógica, ou seja, os processos didático-metodológicos do ensino das Lutas e sua aplicação na educação básica, totalizando metade da produção mapeada, isto é, 15 (quinze) documentos. Essa categoria será problematizada mais adiante na discussão de suas subcategorias. Como a segunda maior preocupação das pesquisas, encontra-se a Epistemologia das Lutas, com 6 (seis) documentos focados na investigação sobre a natureza das Lutas como

conhecimento da Educação Física, entre os anos de 2010 e 2015.

A primeira publicação encontrada sobre a epistemologia das Lutas foi a de Gomes et al. (2010)¹⁷ que, teve como objetivo identificar princípios comuns para o ensino deste conteúdo, tais princípios possibilitam caracterizar as Lutas como prática específica, mas antes de adentrar na discussão sobre a especificidade das mesmas, destaca-se a tentativa de compreensão dos conceitos e concepções sobre as Lutas que os autores questionam nas pesquisas encontradas. Essas concepções e conceitos são motivos de preocupação em quase todos os seis documentos encontrados desde 2010, apontando para um fato que chama a atenção: apesar de quase duas décadas da consolidação das Lutas como conteúdo da Educação Física, por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais, percebe-se que os poucos pesquisadores que se interessam pela temática ainda estão tentando compreender o que de fato são as Lutas e o que as torna um conhecimento peculiar.

Rufino e Darido (2011) questionam as diferenças entre Lutas e esportes, e o que seria de tão contundente para que as Lutas, antes classificadas como componentes do Esporte, possam ser separadas em um conteúdo específico. Para isso, a pesquisa buscou analisar as concepções dos dois conteúdos (Lutas e Esporte) tanto na literatura quanto em propostas curriculares. Os autores evidenciam que, a separação entre os dois conteúdos justificada pelas concepções diferentes que os mesmos possuem poderiam garantir que as Lutas fossem de fato implementadas nas aulas de Educação Física na Escola Básica.

As relações entre as Lutas e o Esporte eram (ou ainda são) tão estreitas que os mesmos autores, em uma nova publicação no ano seguinte¹⁸, analisaram as relações entre a pedagogia do Esporte e o ensino das Lutas. Observando os objetivos das duas obras, infere-se as seguintes indagações sobre os argumentos dos autores: se a separação entre Lutas e Esporte mostra-se benéfica para a inserção das Lutas na Educação Física escolar, por que vinculá-las à pedagogia do Esporte? Não seria o ideal a sistematização de uma metodologia própria para a organização do conteúdo baseados nesses princípios comuns? Essa discussão será melhor fundamentada na próxima seção.

Em estudos mais recentes, Correia (2015)¹⁹ e Carneiro, Picoli e Santos

¹⁷ “Ensino das lutas: dos princípios condicionais aos grupos situacionais”.

¹⁸ “Pedagogia do esporte e das lutas: em busca de aproximações” (RUFINO; DARIDO, 2012).

¹⁹ “Educação Física escolar e Artes Marciais: entre o combate e o debate”

(2015)²⁰ propõem uma discussão dos conceitos de Lutas não apenas a partir das modalidades esportivas, mas das artes marciais. O primeiro objetivou analisar as concepções que a Educação Física atribui às Lutas como conhecimento da Educação Física, portanto como conteúdo integrante do currículo da escola básica. O segundo levanta a proposição de aprimoramento do conceito a partir de bases filosóficas, ontológicas e epistemológicas, problematizando os limites conceituais existentes.

A proposta de Carneiro, Picoli e Santos (2015) almeja alcançar um consenso para o conceito de Lutas para a Educação Física, o que possui uma estreita relação com a definição de princípios comuns proposta por Gomes et al. (2010), pois, em entende-se a consolidação das Lutas como conhecimento específico necessita não somente da determinação de características específicas, mas de concordância conceitual por parte da comunidade científica. Essa problematização da constituição das Lutas como saber científico foi efetuada na dissertação de Gonçalves (2012)²¹, onde o autor salienta as principais discussões que permeiam as Lutas como saber científico da Educação Física.

Sendo assim, os documentos selecionados demonstram que ainda existe a busca pela compreensão conceitual das Lutas como saber científico e específico da Educação Física, essa pode ser uma das causas pela qual as pesquisas no campo da Educação Física sejam indiferentes quanto a esse conhecimento, como apontou o levantamento realizado. A busca pela compreensão dos conceitos e concepções das Lutas reflete-se na apresentação do **gráfico 03**, por ser a segunda categoria com o maior número de trabalhos produzidos. A formação de professores vem logo em seguida com três publicações demonstrando que esta não é prioridade nos estudos sobre o conhecimento das Lutas, com destaque para a tese de Gomes (2014)²².

Em seu trabalho, Gomes (2014) objetivou compreender o processo de transmissão/transformação de saberes das Lutas por parte de professores do ensino superior em Educação Física e, apresenta como resultado que os professores da universidade conseguem trabalhar as Lutas na perspectiva de execução dos gestos técnicos que envolvem as Lutas e seus fundamentos, no entanto, não apresentam

²⁰ “Fundamentos ontológicos e epistemológicos das Lutas corporais”

²¹ “As práticas corporais de Lutas pela ordem do discurso científico da Educação Física”.

²² “O ensino do saber lutar na universidade: estudo da didática clínica nas lutas e esportes de combate”.

subsídios aos alunos sobre como ensinar tais fundamentos na escola, pode-se dizer que os alunos da graduação aprendem a Lutar, mas não aprendem a ensinar o conhecimento das Lutas.

Araújo (2015)²³ ao analisar o trato com o conhecimento Lutas na formação de professores de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe, apresenta como predominante nos documentos oficiais da instituição (resoluções, ementas, projeto político-pedagógico) uma abordagem restritiva do conhecimento, voltada para os interesses de mercado, tendo como eixo principal o rendimento físico, sem estabelecer relações com suas características históricas e culturais.

A dissertação de Silva (2013)²⁴ tentou compreender como se dá o processo de sistematização do conhecimento das Lutas na formação. Apresentou ainda, uma proposta para essa sistematização buscando romper com o que foi relatado por Araújo (2015) seguindo a metodologia da pesquisa-ação.

Infere-se que as afirmações das três pesquisas mencionadas nos parágrafos anteriores, é que os problemas encontrados para a sistematização do conhecimento e o próprio trato pedagógico das Lutas na formação de professores são um reflexo de uma formação fragilizada em relação ao trato específico das Lutas. Outra problemática que implica nas fragilidades mencionadas é a forma como as disciplinas que articulam esse conhecimento, vem sendo oferecidas de forma optativa ou de forma fragmentada, como constata Mendonça et al.(2012) e Brandão (2015).

Tais inferências contribuem para discutir o papel do conteúdo das Lutas na formação de professores e como deve ser o trato com esse conhecimento que, pode interferir, diretamente, no interesse dos professores em utilizar as Lutas na Educação Básica, pois o domínio do conhecimento e de suas ferramentas para aplicação é fundamental para que as vivências deste conteúdo se concretizem. Portanto, é necessário discutir a formação de professores em Educação Física e sua relação com o ensino do conteúdo Lutas, pois mesmo com a existência dos três trabalhos mencionados, a produção científica neste campo ainda é incipiente.

Outra categoria importante, mas que recebeu pouca atenção dos trabalhos analisados, foi a categoria “Lutas e Currículo”, pois apesar das discussões sobre

²³ “As armas da crítica a crítica das armas: o trato com o conhecimento da categoria luta corporal no currículo de formação de professores de educação física da UFS”.

²⁴ “Uma abordagem metodológica para o trato pedagógico da luta nos cursos de formação de professores de Educação Física”.

formação de professores estar atrelada ao currículo, poucas foram as pesquisas que se debruçaram sobre as Lutas no currículo da Educação Física escolar, apenas: Oliveira (2016)²⁵ e Matos et al. (2015)²⁶ aventuraram-se por este terreno.

Enfatiza-se, aqui, tratarem-se de duas pesquisas muito recentes, produzidas nos três últimos anos, o que nos evidencia a atualidade da preocupação com o conteúdo Lutas no currículo escolar.

O trabalho de Matos et al. (2015) investigou as Lutas no currículo da Educação Física escolar de instituições públicas da Bahia, para compreender como a disciplina está situada nesses currículos ou se de fato encontra-se ausente. Como resultados, os autores identificaram que a formação dos professores que atuam nessas instituições é determinante para que esse conteúdo esteja ou não presente no currículo real²⁷ da disciplina Educação Física na escola básica, o que, mais uma vez, deixa clara a necessidade de qualificar a formação de professores, tanto inicial quanto continuada, para fornecer aos professores os subsídios para sua intervenção pedagógica.

Em virtude de tal problemática, os autores apontam que os princípios comuns das Lutas e suas peculiaridades sejam o foco principal da formação dos professores, para que estes levem para o chão da escola um conjunto de ferramentas que possibilitem uma melhor aplicação desse conteúdo, dada a ausência ou pouca presença desse elemento da Cultura Corporal no currículo da Escola Básica, como demonstra os estudos de Matos et al. (2015).

Oliveira (2016) vai ao encontro dos argumentos de Matos et al. (2015), quando este identifica a existência de uma diferença entre o conhecimento de Lutas que os docentes levam para a escola e o que realmente deveriam levar, refletindo a falta de domínio desse saber pelos mesmos. O autor também atribui essas dificuldades aos cursos de formação de professores, fato que fica evidente no próprio discurso dos professores que participaram da pesquisa de Oliveira (2016). Chega-se assim, à conclusão de que a produção sobre o conhecimento das Lutas tanto em teses e dissertações quanto em artigos de periódicos indexados ainda é

²⁵ “Artes marciais e Educação Física escolar: por articulações concretas possíveis no ensino”.

²⁶ “A presença/ausência do conteúdo lutas na Educação Física escolar: identificando desafios e propondo Sugestões”.

²⁷ “É o currículo que fato acontece na sala de aula em decorrência de um projeto pedagógico e um plano de ensino. É a execução de um plano é a efetivação do que foi planejado, menos que neste caminho de planejar e do executar aconteça mudanças, intervenção da própria experiência dos professores, decorrente de seus valores, crenças e significados” (LIBÁNEO, 2007, p.172).

pequena e recente (10 anos da primeira publicação), demonstrando a falta de interesse pela temática constatada na oscilação no número de pesquisas por ano, havendo apenas em 2013 e 2015 uma produção maior neste campo, ainda que incipiente se comparada a outros conhecimentos da Educação Física.

Como apoio ao argumento supracitado, cita-se que Betti, Ferraz e Dantas (2011) ao realizarem um estado da arte sobre a produção em Educação Física escolar, evidenciam que as Lutas como objeto de investigação de pesquisas na área escolar representam apenas 6,1 % da produção, sendo o Jogo (40,2%) o conteúdo de maior frequência nas pesquisas, comprovando a disparidade que existe entre a produção do conhecimento na temática das Lutas e a de outros conteúdos da Educação Física.

Cintra et al. (2016) confirma a falta de interesse pela temática das Lutas nas aulas de Educação Física, ao encontrar apenas 20 (vinte) artigos em seu levantamento. Mesmo ampliando a busca para outras bases de dados e periódicos não indexados, os próprios autores constatarem e afirmam essa falta de interesse e a fragilidade de aporte teórico sobre o tema. A falta de interesse gera as problemáticas encontradas nos resultados das pesquisas em cada categoria, todas interligadas em círculo contínuo, como as fragilidades na formação de professores, que acabam implicando na inserção das Lutas no currículo real da Educação Física escolar.

Essa inserção sofre ainda as consequências do aporte teórico-científico escasso. Como foi apontado na categoria epistemologia das Lutas, ainda pouco se compreende sobre os conceitos e princípios comuns do conteúdo Lutas, havendo divergências conceituais entre os autores, fato que advém da pouca produção revelada nas pesquisas que fizeram um estado da arte sobre esses estudos, anunciando que a maioria dos trabalhos dessa pouca produção está voltada para a área não escolar.

Aponta-se como primordial para as mudanças no cenário apresentado a necessidade de mais estudos longitudinais para contemplar todas as categorias mencionadas, pois, apesar de a maioria das pesquisas selecionadas contemplarem os processos didático-metodológicos do ensino das Lutas na Educação Física escolar, é necessário que as dificuldades que se originam na formação de professores e na compreensão dos aspectos epistemológicos sejam sanadas, o que, conseqüentemente, aumentaria o interesse e a produção na temática das Lutas.

A seguir problematizar-se-á os estudos referentes aos processos didático-

metodológicos do ensino das Lutas na Educação Física escolar, analisando os 15 (quinze) documentos encontrados neste levantamento, a fim de discutir o que dizem os autores sobre a prática pedagógica no campo das Lutas e as possíveis lacunas que devem ser superadas, assim como nas categorias que já foram mencionadas.

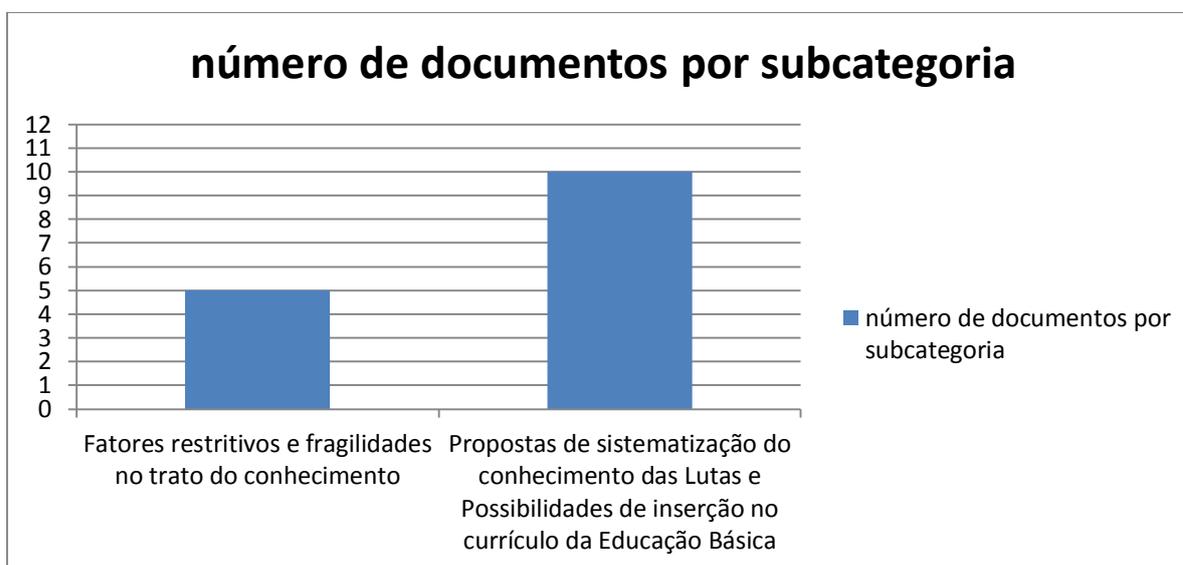
Os processos didático-metodológicos do ensino das Lutas na educação básica: o que dizem as pesquisas?

Nesta seção apresentar-se-á o que dizem as teses, dissertações e artigos sobre os procedimentos didático-metodológicos do ensino das Lutas na Educação básica. Esta foi a categoria em que mais figuraram documentos, um total de 15 (quinze) produções, que foram previamente divididas em duas subcategorias: “Fatores restritivos e fragilidades no trato do conhecimento” e “Propostas de sistematização do conhecimento das Lutas e Possibilidades de inserção no currículo da Educação Básica”.

A primeira refere-se às implicações no trato com o conhecimento das Lutas na Educação Física escolar, no que tange as dificuldades que colocam esse conteúdo à margem do conjunto de conhecimentos trabalhados pelos professores de Educação Física na Escola Básica. A segunda diz respeito às propostas de sistematização desse conhecimento, tanto do ponto de vista dos processos didático-metodológicos quanto da organização curricular da disciplina Educação Física, no contexto da Educação básica, baseadas em conceitos, concepções e classificações, assim como os benefícios que as Lutas podem proporcionar aos educandos referendados por revisões de literatura ou por experiências de campo.

Em se tratando do universo das produções selecionadas, o **gráfico 04** demonstra a distribuição dessa produção nas duas subcategorias criadas:

Gráfico 04: Subcategorias das teses, dissertações e artigos situados na categoria “Práticas pedagógicas”.



Fonte: produzido pelo autor, a partir da bibliografia analisada. 2017.

As análises do **gráfico 04** demonstram que, dois terços dos trabalhos sobre prática pedagógica propõem-se a apresentar possibilidades de inserção das Lutas como conhecimento da Educação Física escolar, seja propondo procedimentos didático-metodológicos, sistematização do conhecimento no currículo ou ideias para aderência das escolas e de seu público a esse conteúdo.

Enquanto isso, um terço dedica-se a expor e problematizar os fatores restritivos e as dificuldades que existem para a implementação das Lutas na Escola Básica, embora as pesquisas que apresentem propostas também relatem as dificuldades e fragilidades no trato do conhecimento.

Categorizaram-se as pesquisas de acordo com as suas finalidades principais, ou seja, as produções que apresentam possibilidades para o trato do conhecimento das Lutas, apesar de exibirem fatores restritivos, tem como principal finalidade apresentar soluções para a entrada das Lutas na escola. Sendo assim, as pesquisas categorizadas como “Fatores restritivos e fragilidades no trato do conhecimento”, expõem essas dificuldades constatadas em pesquisas de campo com entrevistas, intervenções realizadas na escola ou até mesmo com revisões de literatura.

Portanto, utilizou-se esse critério para definir em qual categoria se enquadravam os documentos que aparentemente possuíam elementos que os colocavam em ambas as categorias, seguindo assim o princípio da exclusão

mútua²⁸.

Seguindo os critérios supracitados, apresentar-se-á primeiro as pesquisas classificadas na subcategoria “Fatores restritivos e fragilidades no trato do conhecimento”, com vistas a conhecer quais são as dificuldades enfrentadas para que de fato as Lutas passem a compor o conjunto de conteúdos da Educação Física escolar.

Aponta-se a pesquisa de Nascimento e Almeida (2007)²⁹ como a primeira encontrada a expor essas dificuldades. Os autores tentaram contrapor esses fatores com intervenções, a partir das reflexões realizadas sobre o assunto, e assim relativizar essas implicações que se caracterizam por falta de experiência prévia e pessoal do professor com alguma modalidade de Luta e a preocupação com a violência no ambiente escolar, temendo o fomento da violência com as práticas de Lutas no espaço das escolas.

Rufino (2012)³⁰ aponta que, além dos dois fatores apresentados por Nascimento e Almeida (2007), os problemas na formação dos professores de Educação Física, a falta de infraestrutura das escolas e material para trabalhar este conteúdo, somados à carga horária reduzida da disciplina Educação Física e o baixo aporte teórico sobre esse conhecimento são fatos recorrentes para a não utilização das Lutas como conteúdo, pelos professores da Educação Física na Escola Básica.

Fonseca, Franchini e Del Vecchio (2013)³¹ destacam que os professores de Educação Física sentem a necessidade da ajuda de um especialista em artes marciais para poder trabalhar as Lutas durante suas aulas, pelo fato de não possuírem “instrução” para tratar o desenvolvimento deste conteúdo. Os autores também apontam hegemonia dos Esportes com bola, nas aulas de educação Física, resultante da pouca ou nenhuma organização de conteúdo.

Só (2014)³² chama a atenção para a visão machista que os alunos possuem sobre o conteúdo Lutas, tendo muito mais a atenção dos meninos do que das

²⁸ “Esta condição estipula que cada elemento não pode existir em mais de uma divisão. As categorias deveriam ser construídas de tal maneira, que um elemento não pudesse ter dois ou vários aspectos susceptíveis de fazerem com que fosse classificado em duas ou mais categorias” (BARDIN, 1977, p. 120).

²⁹ “A tematização das lutas na Educação Física escolar: restrições e possibilidades”

³⁰ “campos de luta: o processo de construção coletiva de um livro didático na Educação Física no ensino médio”

³¹ “Conhecimento declarativo de docentes sobre a prática de lutas, artes marciais e modalidades esportivas de combate nas aulas de Educação Física escolar em pelotas, rio grande do sul”

³² “Das relações com os saberes das Lutas nas aulas de Educação Física: as perspectivas dos alunos”

meninas em sua experiência em uma escola pública do interior de São Paulo e, também enfatiza a preocupação com a violência como fator restritivo que afasta os alunos dessas práticas corporais.

Rufino e Darido (2015b)³³ sinalizam as fragilidades na formação dos professores como fator principal do insucesso da prática pedagógica das Lutas na Escola Básica, pois gera insegurança por parte do docente, além das questões já citadas anteriormente: falta de infraestrutura das instituições de ensino, em especial as públicas; associação com a violência e o pouco referencial teórico existente sobre a temática.

Observa-se nos argumentos dos autores, o fator que aparece com maior frequência para a restrição do conteúdo das Lutas na Educação Física escolar é a falta de domínio do conteúdo pelo docente, consequência de fragilidades durante a formação inicial e continuada, como comprova a pesquisa de Fonseca, Franchini e Del Vecchio (2013)³⁴. Essa realidade resulta na chamada de especialistas em modalidades de Lutas para ministrar as aulas desse conteúdo em forma de oficina, dentro das aulas de Educação Física.

As implicações dessa prática causam prejuízos tanto para a aprendizagem quanto para a participação dos alunos, pois as aulas ministradas por especialistas de Lutas, sem formação pedagógica, faz com que estes acabem levando para dentro da escola os mesmos princípios da prática desenvolvida em clubes e academias, pautadas no alto rendimento, podendo causar exclusão de alunos das aulas. É importante ressaltar que os professores regentes não podem transferir responsabilidades didáticas a terceiros que muitas vezes não possuem preparo. Como segundo fator mais recorrente nas pesquisas mencionadas encontra-se o receio da violência que, na visão das pessoas, está atrelada à prática das Lutas e que levar essas práticas para a escola fomentaria ainda mais a violência no espaço escolar, no entanto, é papel do próprio professor levar esclarecimento aos alunos e a comunidade escolar e desconstruir tais equívocos, como corrobora Só (2014).

A falta de infraestrutura das escolas e a ausência de material para o trabalho com as práticas corporais de Lutas surgem como causas prejudiciais para o ensino

³³“O ensino das lutas nas aulas de Educação Física: análise da prática pedagógica à luz de especialistas”

³⁴ Os autores constataram que 46,3% dos 69 professores entrevistados na pesquisa alegaram falta de instrução como justificativa para não trabalhar o conteúdo das Lutas nas aulas de Educação Física.

deste conteúdo, o que pode até ser verdadeiro, no entanto, este obstáculo não é exclusivo do conteúdo de Lutas, mas uma realidade para se trabalhar qualquer conteúdo na Escola Básica, em qualquer disciplina do currículo, pois faltam livros didáticos, laboratórios, salas de aula adequadas entre outros problemas que fazem parte da realidade da escola pública brasileira que foi o lócus de pesquisa das produções encontradas.

O mapeamento realizado nos permite inferir que a produção de conhecimento existente sobre ensino de Lutas na Escola Básica ainda é insuficiente para atender a demanda dos professores que desejam apropriação deste conhecimento, o que talvez seja resultante da ausência de pesquisadores sobre a temática, mencionada na seção anterior, adota-se como exemplo desta realidade a própria amostra do deste estado da arte que, mesmo coletando documentos da natureza de teses e dissertações somadas aos artigos científicos, totalizam um número reduzido em relação às produções das outras temáticas da Educação Física escolar.

Outros fatores restritivos encontrados com menor incidência, mas de grande pertinência para a discussão, são a carga horária reduzida da Educação Física escolar e a hegemonia dos outros conteúdos (principalmente o Esporte) nas aulas da disciplina. Estes dois fatores estão interligados, pois ao relatar a pouca carga horária para trabalhar os conteúdos, os professores entrevistados na pesquisa de Rufino (2012) nos permitem realizar o seguinte questionamento: mesmo cientes de que a disciplina tem pouco tempo para tratar todos os conteúdos nunca sobra espaço para as Lutas? Responde-se a esta pergunta levantando a problemática da hegemonia do conteúdo Esporte nas aulas de Educação Física na escola. Por não possuir domínio das práticas corporais de Lutas o professor, no momento em que divide a carga-horária da disciplina entre os conteúdos, privilegia o que é de seu interesse e maior domínio, deixando as Lutas secundarizadas em relação aos outros conteúdos.

O Esporte acaba sendo o principal conteúdo das aulas e isto tem uma raiz histórica muito forte na Educação Física, que advém da década de 1970, momento em que o tecnicismo esportivo prevaleceu no ambiente da Educação Física escolar. Um relato que aparece em apenas uma pesquisa (SÓ, 2014), mas que merece atenção diz respeito à presença do machismo e dos estereótipos criados sobre as Lutas que, estão relacionadas à violência e a visão das mesmas como Esporte espetáculo, o que pode ser um indicativo de que as questões de gênero precisam

ser debatidas não apenas no conteúdo, mas na disciplina Educação Física e pela escola como um todo. É importante ressaltar que a espetacularização das Lutas também deve ser problematizada pelos professores de Educação Física. Isso demonstra que a própria atitude dos professores acaba por criar fatores restritivos, Nascimento e Almeida (2007), por exemplo, afirmam que todos esses fatores podem ser relativizados e que muitas vezes surgem devido à concepção de Educação Física que os professores carregam consigo, o que acaba permeando sua prática pedagógica.

Tais fatores restritivos levaram à produção de pesquisas que se propunham a superar esses obstáculos para a implantação do conteúdo das Lutas na Escola Básica, não apenas oficialmente, como já acontecia desde a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais e atualmente nas três versões da Base Nacional Comum Curricular, mas que de fato fosse colocado em prática pelos professores. Essas pesquisas inserem-se na categoria denominada “Propostas de sistematização do conhecimento das Lutas e Possibilidades de inserção no currículo da Educação Básica”. Essa categoria, como já mencionada, apresenta as propostas e possibilidades de sistematização das lutas no currículo da Educação Física escolar, seus conceitos, concepções e classificações, o que caracteriza as Lutas como um elemento específico da Cultura Corporal. Sobre essa produção, foram selecionados 10 documentos: Nascimento (2008)³⁵; Gomes (2008)³⁶; Lima Junior e Chaves Junior (2011)³⁷; Rufino e Darido (2013)³⁸; Gomes et al. (2013)³⁹; Maldonado e Bocchini (2013)⁴⁰; Chaves, Silva e Medeiros (2014)⁴¹; Maduro (2015)⁴²; Lopes e Kerr (2015)⁴³; Rodrigues et al. (2017)⁴⁴.

Adota-se essa organização para expor a segunda categoria porque pretende-se explicitar os argumentos dos autores baseados nos seguintes itens: Conceitos,

³⁵ “Organização e trato pedagógico do conteúdo de lutas na Educação Física escolar”.

³⁶ “Procedimentos pedagógicos para o ensino das lutas: Contextos e possibilidades”.

³⁷ “Possibilidades das lutas como conteúdo na Educação Física escolar: o confronto em uma abordagem pedagógica com alunos de 6ª série em um colégio estadual do município de Guarapuava-PR”.

³⁸ “Possíveis diálogos entre a Educação Física escolar e o conteúdo das lutas na perspectiva da Cultura Corporal”.

³⁹ “O conteúdo das lutas nas séries iniciais do ensino fundamental: possibilidades para a prática pedagógica da Educação Física escolar”.

⁴⁰ “As três dimensões do conteúdo na Educação Física: tematizando as lutas na escola pública”.

⁴¹ “Lutas na Educação Física escolar: uma experiência no ensino médio”.

⁴² “Considerações e sugestões para o ensino das lutas no ambiente escolar”.

⁴³ “O ensino das lutas na Educação Física escolar: uma experiência no ensino fundamental”.

⁴⁴ “Percepção dos dirigentes das escolas do município de Jaguariúna sobre as lutas”.

concepções e classificações das Lutas utilizadas pelos autores; Benefícios da inserção das Lutas na Educação Física escolar, relatados pelos autores para defender as Lutas no Currículo da Educação Física na Escola Básica; Propostas e possibilidades apresentadas para o trato do conhecimento das Lutas na Educação Física escolar. As principais propostas que serão apresentadas estão organizadas sob uma concepção das Lutas e suas classificações, portanto, também far-se-á a exposição de tais classificações que orientam as propostas dos autores.

Sobre o conceito de Luta, Lopes e Kerr (2015) e Gomes (2008) dividem a mesma conceituação, mais precisamente, os primeiros concordam com a definição que Gomes (2008, p.49) constrói:

Prática corporal imprevisível, caracterizada por determinado estado de **contato**, que possibilita a duas ou mais pessoas se enfrentarem numa constante troca de ações **ofensivas** e/ou **defensivas**, regida por **regras**, com o objetivo mútuo sobre um **alvo móvel** personificado no **oponente** (grifos do autor).

Dessa forma, Gomes (2008) é a única autora que constrói um conceito próprio de Luta a partir das experiências de sua pesquisa que, mais tarde é apropriada por Lopes e Kerr (2015), os demais autores utilizam definições de dicionários ou não apresentam claramente um conceito de Luta/Lutas.

Não é somente na conceituação que Lopes e Kerr (2015) se apropriam de elementos defendidos por Gomes (2008), a definição de princípios condicionais das Lutas que Gomes (2008) apresenta também baseia os argumentos dos primeiros autores, os princípios condicionais das Lutas são nada mais que as características que definem as Lutas enquanto prática específica, ou seja, são comuns a todas as práticas assim denominadas. Estes princípios são: contato proposital, oponente/alvo, fusão ataque/defesa, imprevisibilidade, regras. A compreensão destes princípios é importante, pois as propostas de procedimentos didático-metodológicos são orientadas por estes princípios que baseados em Gomes (2008) se definem da seguinte forma:

- 1- Contato Proposital: os oponentes precisam se tocar de alguma maneira para com a intenção de alcançarem o objetivo da luta e, este contato pode ser com algum segmento do corpo ou com intermediação de um implemento;

- 2- Fusão Ataque/Defesa: as ações de ataque e defesa ocorrem de maneira simultânea, podendo os lutadores executarem uma defesa e um ataque ao mesmo tempo de acordo com a necessidade;
- 3- Imprevisibilidade: por causa da simultaneidade das ações de ataque e defesa não é possível prever o que acontecerá em uma luta, principalmente seu resultado;
- 4- Oponente/alvo: o alvo das ações de um lutador vem a ser o seu próprio oponente, com o objetivo de golpeá-lo, derrubá-lo, ou projetá-lo causando traumas ou resultando na marcação de pontos de acordo com as regras de cada Luta;
- 5- Regras: estas definem a forma na qual o combate será realizado, pois estabelece o que é permitido e proibido (partes do corpo que poderão ser usadas ou golpeadas, técnicas que deverão ser utilizadas e condutas que não serão admitidas).

Lopes e Kerr (2015), Gomes (2008) e Gomes et al. (2013) apresentam classificações das Lutas de acordo com a distância e as ações, no que tange à classificação de acordo com a distância tem-se as seguintes características:

- 1- Curta: possui um espaço muito pequeno entre os oponentes possibilitando um maior número de técnicas de agarre;
- 2- Média: o espaço é considerado moderado entre os participantes permitindo tanto técnicas de golpes quanto aproximações para agarre;
- 3- Longa: a distância entre os lutadores é maior, fazendo com que o contato seja possível com a ajuda de um implemento (bastão ou espada, por exemplo).

No que se referem às ações, as três pesquisas classificam as Lutas dessa forma:

- 1- Agarre: envolvem ações de desequilíbrio com o intuito de derrubar ou projetar, possibilitando técnicas com os dois lutadores em contato com o solo;
- 2- Golpe: utiliza golpes com diversas partes do corpo como as mãos, cotovelos, joelhos, pés e tem o objetivo de causar traumas ou impactos no adversário;

- 3- Implemento: um objeto intermedia o contato entre os oponentes para atingir determinada área do corpo dos lutadores.

Maduro (2015) simplifica essa classificação situando dois grandes grupos nos quais as Lutas devem ser situadas de acordo com seus objetivos: tocar o adversário de alguma forma ou conduzi-los por meio do agarre, no entanto, esta classificação também é orientada pelos princípios condicionais e tem semelhanças com os estudos de Gomes (2008).

As pesquisas selecionadas, além de ter as elaborações de suas propostas orientadas pelos princípios condicionais e as classificações apresentadas, na defesa das Lutas como conhecimento da Educação Física escolar destacam os benefícios que esse conteúdo pode surtir nos educandos da Escola Básica.

Entre esses benefícios, estão os associados aos aspectos motores como mostra Lopes e Kerr (2015) que, assim como Gomes et al. (2013) e Maldonado e Bocchini (2013), ressaltam as Lutas como um conteúdo potencial para se trabalhar determinados eixos temáticos e problematiza-los durante as aulas, como as questões de gênero e a própria violência tida como intrínseca pelas pessoas que pouco conhecem o universo das Lutas. Rodrigues et al. (2017) alegam que as Lutas podem contribuir ainda para as relações com a qualidade de vida e saúde, o que colabora para o desenvolvimento das relações sociais e o desenvolvimento humano e emocional dos indivíduos.

Quanto à questão de transmissão de conduta e valores, que muitas vezes são relacionadas à disciplina que algumas Lutas podem proporcionar, as pesquisas como a de Rodrigues et al. (2017) deixam claro que nenhuma Luta por si só, ou com sua simples prática irá promover mudanças de condutas, mas dependerá da forma abordada pelo professor em sua prática pedagógica. Tais abordagens foram organizadas por determinados autores visando objetivos específicos, embora destaquem os princípios condicionais e as classificações apresentadas anteriormente. Com relação às propostas, algumas são no âmbito da organização curricular, outras tem ênfase nos procedimentos didático-metodológicos.

As propostas apresentam diversos pontos de convergência assim como algumas peculiaridades, além de relações com os princípios e classificações já apresentados. O primeiro fator comum em todas as propostas é a aplicação do Jogo, que é outro conteúdo da Educação Física, como ferramenta para iniciar o trato

metodológico com as Lutas na Educação Básica. Entre essas pesquisas estão: Nascimento (2008); Lopes e Kerr (2015); Gomes et al. (2013); Maduro (2015); Chaves, Silva e Medeiros (2014); Maldonado e Bocchini (2013). Gomes et al. (2013), Chaves, Silva e Medeiros (2014) e Maduro (2015) afirmam que os jogos pré-desportivos são os mais indicados para iniciação do conteúdo Lutas pelo seu menor grau de complexidade. Como defende Maduro (2015, p.107), esses jogos “apresentam poucas regras, menos força e/ou precisão na execução. Caracterizam-se por serem direcionados à atividade fim, mas não apresentam o mesmo grau de dificuldade exigido nas lutas esportivas institucionalizadas”.

Outros autores sinalizam para a iniciação com os jogos de oposição, pelo fato desta ser uma das principais características das Lutas, como defensores desta proposta estão Nascimento (2008) e Maldonado e Bocchini (2013). Percebe-se que esses dois últimos autores buscam uma aproximação maior do Jogo com a Luta em si. Enquanto que os que utilizam os jogos pré-desportivos caminham em uma perspectiva das Lutas em uma abordagem desportiva. Sabe-se que a pouca produção e o baixo interesse pelas Lutas não possibilitou ainda, que fosse construída uma metodologia de ensino própria para as Lutas, no entanto enxerga-se facilmente a necessidade de que as adaptações de outras metodologias como a do Esporte sejam mais próximas possíveis das especificidades das Lutas.

As propostas de Lopes e Kerr (2015), Gomes et al. (2013), Chaves, Silva e Maduro (2014), Rufino e Darido (2013), Maldonado e Bocchini (2013) são a maioria que tem como base o modelo das dimensões dos conteúdos criado por Cesar Coll⁴⁵, esse modelo consiste em classificar os conteúdos em três dimensões:

- 1- **Conceitual:** esta dimensão tem como propósito responder o questionamento do que se deve saber, ou seja, os aspectos teóricos de conceitos e princípios que devem ser apreendidos. No contexto da aprendizagem das Lutas, os autores classificam nesta dimensão os aspectos históricos, classificações das Lutas e tipos de modalidades, por exemplo.
- 2- **Procedimental:** diz respeito ao que se deve fazer na prática das ações, dos procedimentos, a execução dos fazeres. Como exemplo no conteúdo

⁴⁵ Cesar Coll é um psicólogo espanhol que atuou como consultor do Ministério da Educação no Brasil e foi um dos principais mentores da criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, além de colaborar com a reforma educacional na Espanha, atualmente é professor da Universidade de Barcelona.

das Lutas, esta dimensão estaria relacionada ao ensino das técnicas, dos movimentos e das formas de Lutar.

- 3- Atitudinal:** é a dimensão relacionada ao como se deve fazer, tendo como foco principal os valores e atitudes implícitos no processo educativo de determinado conteúdo. Por exemplo, no campo das Lutas, esta dimensão poderia corresponder às normas e formas de comportamento que algumas modalidades possuem como tradição.

Os pesquisadores são categóricos em afirmar que as três dimensões estão entrelaçadas, não podendo ser trabalhadas isoladamente. Um dos trabalhos que utiliza esse modelo, Lopes e Kerr (2015), assevera em sua proposta que o professor não necessita ser especialista em uma modalidade para o trato com esse conhecimento em suas dimensões e, que discussões como a violência podem ser enquadradas na dimensão atitudinal, por exemplo.

Apesar da metade das pesquisas defender essas dimensões como base para o ensino das Lutas na escola, outras não fazem menção a esse modelo e seguem outras propostas como: Nascimento (2008), Maduro (2015), Lima Junior e Chaves Junior (2011) e Gomes (2008). Estes também apresentam divergências entre si, mas concordam em alguns itens de suas abordagens apresentados a seguir.

Maduro (2015) e Gomes (2008) afluem para um ensino que tenha seu ponto de partida nos aspectos comuns e cheguem até as características mais complexas das Lutas, no entanto, Maduro (2015) sugere que primeiramente sejam ensinadas as atividades de cooperação, para que os aspectos de oposição possam ser introduzidos.

Gomes (2008) coloca os princípios condicionais no centro do processo, pois a partir destes se iniciará o ensino para que os educandos compreendam a dinâmica das Lutas. Este é o principal objetivo da etapa inicial de um ensino global das Lutas para a autora. Outro ponto de concordância entre pesquisas é entre Chaves, Silva e Medeiros (2014), Lima Junior e Chaves Junior (2011) e Maldonado e Bochini (2013), os pesquisadores estão de acordo que os vídeos podem ser excelentes instrumentos didáticos para se trabalhar o conteúdo das Lutas, podendo ser empregados para a exibição de filmes e documentários sobre Lutas.

Em se tratando das peculiaridades das propostas, Nascimento (2008) elaborou uma proposta para os anos iniciais e outra para os anos finais do Ensino

Fundamental. Para os anos iniciais, o autor dividiu os objetivos em duas etapas: na primeira, os elementos comuns às Lutas seriam o foco, com atividades que desenvolvam habilidades motoras básicas; enquanto que na segunda o foco estaria na tematização das Lutas como construção humana e a lógica de sua estrutura.

Para os anos finais, a pesquisa apresenta um caráter vivencial, na qual sejam trabalhados os elementos técnicos e táticos de Lutas específicas, selecionadas pelo autor: Capoeira, Karatê e Judô. O autor não justifica a seleção destas três modalidades nem explicita os critérios de inclusão destas, deixando em aberto suas motivações para sua escolha, já que existe uma infinidade de Lutas que também poderiam ser contextualizadas em sua metodologia e não foram ao menos mencionadas. O autor também não especifica as atividades motoras, os elementos históricos, socioculturais e filosóficos dessas modalidades. A seguir, o **quadro 03** expressa os conteúdos que seriam desenvolvidos nos anos iniciais e finais do ensino fundamental, criado por Nascimento (2008):

Quadro 03: Conteúdos para os anos iniciais e finais do ensino fundamental de acordo com Nascimento (2008).

| ANOS INICIAIS | ANOS FINAIS |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>a) desempenhar papel de atacante e defensor; situar-se nos espaços; deslocar-se nos diversos planos, atacando e defendendo; coordenar seus deslocamentos; mudar de posição em função do adversário;</p> <p>b) desenvolver e disponibilizar ações motoras específicas (agarrar, reter, desequilibrar, imobilizar, esquivar-se, resistir, livrar-se) e essenciais em situação de ataque e defesa nas suas diversificações possíveis, combinando-as e encadeando-as inteligentemente com vistas aos fins desejados;</p> <p>c) apreciar as distâncias, o momento de intervenção e a retomada de curso nas suas ações, em função da reação de seu oponente e ou do resultado obtido;</p> <p>d) compreensão, apropriação e construção das regras e normas das atividades;</p> <p>e) analisar e compreender sobre a lógica intrínseca a cada modalidade de luta;</p> <p>f) adaptar, construir, (re)construir lutas a partir de suas lógicas, adaptando-as ao contexto da turma, da escola e da Educação Física.</p> | <p>a) conhecimentos sobre o que estrutura as atividades: rituais, filosofias, códigos, símbolos, regras, organização;</p> <p>b) conhecimentos da dimensão técnico-tática: elementos técnicos básicos (bases/posturas, golpes de ataque, golpes de defesa), princípios táticos elementares (movimentações intencionais de caráter tático, contragolpes, fintas, apreciação das distâncias...);</p> <p>c) conhecimentos de caráter crítico: brigas x esportes de luta x artes marciais, a violência nas lutas, riscos dos esportes de luta, a presença da mulher nos esportes de luta, a formação do mestre em artes marciais/lutas, a multiplicação dos estilos de lutas, lutas clandestinas, doping nas lutas, qualidade dos serviços prestados em academias de lutas, métodos de treinamento, artes marciais e a relação com o crime e a política...</p> |

Fonte: criado pelo autor, a partir de Nascimento (2008, p.43-46).

Já Gomes et al. (2013) pensou uma organização curricular para as séries iniciais do ensino fundamental. Esta proposta acredita no Jogo como ferramenta que possibilita o aprendizado dos elementos principais das Lutas e, classifica estes jogos como de: esquivar, imobilizar, conquistar território e desequilibrar. A proposta foi sistematizada para cada série dos anos iniciais do Ensino Fundamental, tematizando as Lutas e destacando a presença das dimensões dos conteúdos, apresentando inclusive o número de aulas necessárias como mostra o **quadro 04**:

Quadro 04 -Organização curricular sobre o conteúdo das lutas ao longo das séries iniciais do ensino fundamental.

| | 1º ANO | 2º ANO | 3º ANO | 4º ANO | 5º ANO |
|----------------|-----------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------|
| TEMA 1 | O que são lutas? 2 aulas | Revisão conteúdos já estudados nos anos anteriores | Revisão conteúdos já estudados nos anos anteriores | Revisão conteúdos já estudados nos anos anteriores | Revisão conteúdos já estudados nos anos anteriores |
| TEMA 2 | Diferenciação de lutas e briga 3 aulas | Elementos das lutas: jogos de lutas de desequilibrar e conquistar território 4 aulas | Elementos das lutas: criação e transformação 6 aulas | Origem e Possibilidades de Lutas 3 aulas | Conhecendo as Lutas 4 aulas |
| TEMA 3 | Elementos das lutas: jogos de lutas de esquivar e imobilizar 3 aulas | Lutas X desenho animado (Mídia) 4 aulas | Lutas e Mídia (filmes e jogos virtuais) 2 aulas | Classificação das lutas 5 aulas | Técnicas e estratégias de ações de ataque e defesa 4 aulas |
| Total de aulas | 8 aulas | 8 aulas | 8 aulas | 8 aulas | 8 aulas |

Fonte: Gomes et al. (2013, p.316)

As propostas de Nascimento (2008) e Gomes et al. (2013) possuem aproximações no que tange aos conteúdos como: os jogos de ataque e defesa e os jogos de desequilibrar, imobilizar e esquivar, todavia algumas diferenças são percebidas, pois Gomes et al. (2013) sugere o ensino de elementos técnico-táticos no 5º ano do Ensino Fundamental, enquanto Nascimento (2008) alega que estes elementos só devem ser inseridos a partir dos anos finais. Da mesma forma, a

discussão conceitual das diferenças entre Luta e briga devem ser abordadas nos anos finais para Nascimento (2008), o que Gomes et al. (2013) aponta já para o primeiro ano dos anos iniciais.

Chaves, Silva e Medeiros (2014) chamam a atenção para os temas transversais como possibilidade para o trato com as Lutas, a exemplo dos conhecimentos sobre o corpo, sinalizados nos Parâmetros Curriculares Nacionais ou temas especiais como denomina a Base Nacional Comum Curricular. Para esses autores, os espaços para os temas especiais existem, visto que, as habilidades motoras e os gestos técnicos não serão o foco principal do ensino das Lutas na escola.

As possibilidades eleitas por Lima Junior e Chaves Junior (2011) e Maldonado e Bocchini (2013) nos causam preocupação, pois enquanto autores como Gomes (2008) defendem um ensino global das Lutas que, considera-se mais avançado para a formação dos educandos na Educação Física escolar, estas duas pesquisas apresentam propostas de fragmentação do conteúdo em modalidades, dando ênfase a estas.

Lima Junior e Chaves Junior (2011) julgam Judô, Karatê, Capoeira e Esgrima modalidades mais fáceis para a compreensão dos alunos, entretanto não explicam o argumento nem os critérios de seleção de modalidades. Pode-se admitir que em determinado momento do processo de aprendizagem o docente deverá adentrar nas especificidades de algumas modalidades, tendo em vista que, é impossível abordar todas as Lutas existentes no mundo, no entanto devem existir critérios de seleção das modalidades definidos de acordo com os objetivos ou o tipo de abordagem assim como os temas abordados, fazer essa definição de modalidades de forma fechada e aleatória pode não satisfazer o processo didático-metodológico.

Maldonado e Bocchini (2013) vão mais além, pois propõem a fragmentação em modalidades e ainda sugerem em determinados momentos do processo, o ensino em forma de oficinas ministradas por especialistas em Lutas, transferindo responsabilidades didáticas para terceiros que podem não possuir formação adequada, tal atitude se mostra um risco, mesmo tendo a supervisão e acompanhamento do docente. Tais propostas são contraditórias ao incentivo aos professores de Educação Física para se interessarem por esse conhecimento para que possam produzir mais pesquisas e aprimorar sua prática pedagógica para o ensino das Lutas.

Nesse sentido, Gomes (2008) traz uma proposta que dá ênfase ao ensino global das Lutas, e no professor de Educação Física que não precisa ser especialista para tratar o conteúdo na escola, baseada na Pedagogia do Esporte que a autora classifica como:

É uma das pluralidades do fenômeno Esporte e pode estar presente em cenários que tangem desde a iniciação esportiva até o Esporte profissional. As Lutas, nesse sentido, interagindo com essas esferas (Fig. 2.1) podem ser entendidas como um conhecimento global, que na iniciação não enfatiza suas fragmentações figuradas nas especificidades das modalidades. (GOMES, 2008, p.55)

Como a autora enfatiza, a Pedagogia do Esporte em sua pesquisa serve para caminhar para uma Pedagogia das Lutas, pelo fato de até então não se ter uma metodologia de ensino própria para esse conteúdo na Educação Física escolar.

A pesquisadora enxerga no ensino global das Lutas, ou seja, sem fragmentação, uma possibilidade de tratar o conteúdo na Escola Básica levando em consideração todos os personagens nela envolvidos como as pessoas com deficiência, nas quais a autora dedica um capítulo inteiro da dissertação, para propor adaptações necessárias para tornar viável o ensino. Sendo assim, as técnicas e os gestos específicos não terão tanta ênfase nesta proposta, o foco principal é o aprendizado e a compreensão da dinâmica interna das Lutas, a partir de suas classificações e princípios condicionais apresentados anteriormente.

Tais propostas apresentadas precisam ser melhor experimentadas para que sua eficácia possa ser consolidada. Entre as que foram expostas observa-se o maior número delas relatando a possibilidade em torno das dimensões dos conteúdos com tematização das Lutas e, a proposta de Gomes (2008) que se assenta claramente nos preceitos da Pedagogia do Esporte.

Estas propostas são as que expõem suas bases teóricas para a proposição de uma pedagogia das Lutas. As outras propostas centram suas perspectivas nos procedimentos e na forma como serão executados, algumas demonstrando contradição com os argumentos citados para a restrição do conhecimento das Lutas na escola, como a de Maldonado e Bocchini (2013) e Lima Junior e Chaves Junior (2011) mostrando-se fragmentárias.

As divergências e contradições identificadas comprovam a necessidade de se avançar nas propostas para o trato do conhecimento das Lutas na Educação Física escolar, a elaboração de possibilidades perpassa pelo conhecimento da interface do

conteúdo das Lutas com o currículo da Educação Física na Escola Básica. Esse conhecimento deve iniciar pelo currículo formal, elaborado pelas instâncias maiores, como o Ministério da Educação, entidade que discute atualmente a implantação de um documento que visa orientar os sistemas de ensino a construir seus currículos a partir de uma base comum. Essa construção que iniciou na década de 1990, com a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, emerge nos dias atuais com a elaboração da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Outro fator importante, levantado por Chaves, Silva e Medeiros (2014) é a inserção dos temas especiais (como denomina a BNCC) entrecruzados com os conhecimentos específicos dos conteúdos. Defende-se, aqui, porém, que o trato de temáticas devem perpassar por todo o processo de ensino ao invés de surgir em momentos pontuais e de forma separada dos conteúdos.

Uma das temáticas possíveis de serem tratadas nos conhecimentos do currículo da Educação Física escolar, em especial nas Lutas que é o conhecimento discutido nesta pesquisa, é a Diversidade Cultural, no entanto, para que isso aconteça deve aparecer de forma concreta no currículo formal sendo refletida no currículo real das escolas.

Portanto, é a partir dos documentos curriculares oficiais, em especial a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que desenvolve-se o capítulo seguinte o debate sobre a Diversidade Cultural no currículo da Educação Física, com destaque para o conhecimento das Lutas e o foco no ensino fundamental, e verificar como esta temática manifesta-se no currículo.

CAPÍTULO 2: DIVERSIDADE: APROXIMAÇÕES COM O CURRÍCULO CULTURAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Este capítulo tem o objetivo de discutir o currículo da Educação Física na perspectiva da Diversidade Cultural tendo como foco o ensino fundamental, a partir de uma análise dos documentos oficiais e, especialmente da construção da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que está atualmente na sua versão final. Para isso, apresentar-se-á a Diversidade Cultural como fenômeno e suas implicações no currículo escolar, principalmente no que tange ao currículo da Educação Física no ensino fundamental.

Também analisar-se-á como os documentos oficiais das políticas educacionais para o ensino fundamental trataram e vem tratando (se é tratada) a Diversidade Cultural e quais os possíveis impactos no currículo da Educação Física escolar.

Diversidade Cultural: conceitos, raízes históricas e implicações no Currículo

Para o trato com a Diversidade Cultural, é importante situar-se a compreensão de Cultura a qual fundamenta-se tal discussão. Daolio (2007) defende a Cultura como um processo simbólico, baseado nas formulações Geertz (1989), esta é dotada de significados construídos em seus contextos específicos, sendo estes contextos passíveis de mudanças, a Cultura também torna-se mutável, pois envolve comportamentos e ações humanas.

A Diversidade Cultural, de acordo com Kiyindou (2006) pode ser entendida como a multiplicidade de culturas, subculturas e populações que compartilham de valores e ideais comuns em cada grupo, o mesmo autor alega que este termo também viria a ser usado para definir a coexistência de diferentes culturas em um mesmo espaço.

Para Hanashiro e Carvalho (2005), a Diversidade Cultural é definida como a representação de pessoas pertencentes a grupos claramente distintos do ponto de vista de suas culturas, vindo a ser a mistura de indivíduos diferentes culturalmente em uma sociedade na qual essas culturas são compartilhadas.

Fleury (2000) conceitua a Diversidade Cultural como uma mistura de pessoas

que interagem socialmente com identidades diferentes, essas identidades formam grupos com várias características, sendo minoritários ou majoritários, estes últimos possuem privilégios em relação aos demais devido às relações de poder que se estabelecem historicamente.

Para Gomes (2007, p.17) a Diversidade Cultural “pode ser entendida como a construção histórica, cultural e social das diferenças” que vão além das características genéticas visíveis descritas pelos fatores biológicos, mas são criadas pelas pessoas em um meio social também produzido por estas.

Gomes (2007) concorda com Kyindou (2006) quando este afirma que a Diversidade tem a ver com multiplicidade, no entanto trata das diferenças como sendo os fatores intrínsecos à Diversidade e alega que estes dois conceitos não são construídos aleatoriamente ou em um espaço vazio, portanto, trata-se de um fenômeno construído socialmente. Tal qual a Diversidade, as diferenças também são produzidas pelo meio social, pois são estas que separam os coletivos e os agrupam de acordo com suas identidades.

Hall (2015) define três concepções de identidade: a do sujeito do iluminismo; sociológico; e pós-moderno. A identidade do sujeito do iluminismo tinha um caráter individualista, na qual o sujeito era centrado no seu próprio “eu” e permanecia fixa do início ao fim de sua vida, baseada na consciência e razão.

A identidade do sujeito sociológico versa sobre o diálogo entre esse sujeito e os outros a sua volta, portanto a identidade era formada não apenas pelo “eu”, mas de sua interação com a sociedade, na qual os outros mediavam as relações do sujeito com os valores e os símbolos presentes no meio social.

Sendo assim, a concepção sociológica descrita por Hall (2015) se relaciona com os pressupostos da Diversidade, por este fenômeno dá-se, concomitantemente, com a construção dos processos identitários que, de acordo com Gomes (2007), acontecem de forma interacional, em um diálogo entre as culturas, entre os indivíduos e o contexto social em que vivem.

Por estarem passando por muitas mudanças, principalmente na última década do século XX, com o processo de globalização, as estruturas dos contextos sociais tornam-se instáveis e, portanto, causam transformações nos ambientes em que os sujeitos vivem, no referente a valores, símbolos e aspectos culturais.

É alicerçado nessas mudanças que outra concepção de identidade, a do sujeito pós-moderno defende que os sujeitos não possuem mais uma única

identidade, mas são dotados de várias identidades dadas ao colapso que estão sofrendo diante das transformações (HALL, 2015).

As diferenças podem ser caracterizadas como um termo polissêmico, não podendo ser definida por um único conceito, por possuir variados significados, mas o que se pode afirmar é que esta é intrínseca a identidade, sendo os processos identitários originários das diferenças (WILSON, 2011).

Historicamente, a Diversidade Cultural se constituiu como campo de estudo científico entre os séculos XIII e XIV, para legitimar as hierarquias culturais que pregavam a superioridade de uma cultura sobre as outras (KADLUBLITISKI; JUNQUEIRA, 2009). Na contemporaneidade, a Diversidade Cultural começou a ser explorada por estudos da área da administração e economia, como uma alternativa de “gerir” a Diversidade cada vez mais presente nas empresas (HANASHIRO; CARVALHO, 2005).

Como fenômeno, a Diversidade Cultural aparece como resistência ao processo de globalização, definida por Hall (2015) como um complexo de forças de mudanças que ultrapassam fronteiras e conectam as pessoas, as instituições e as culturas resultando em transformações no espaço e no tempo.

A globalização vem atada com os avanços tecnológicos e econômicos frutos de um projeto neoliberal, esse processo rompe fronteiras nacionais e segue interesses de mercado que buscam a universalização de hábitos e costumes. De acordo com Silva e Brandim (2008) a globalização se configura como um processo contraditório, pois ao mesmo tempo que tenta padronizar as culturas, tendo como referência a cultura euro-americana e branca, consoante ao paradigma hegemônico, faz emergir e conecta as culturas, facilitando os intercâmbios culturais tanto pelas trocas de informações facilitadas pelas tecnologias de comunicação, quanto pela facilitação da circulação de pessoas.

Dados os riscos de opressão às culturas dos diversos grupos no mundo e os movimentos de resistência dessas culturas, Hall (2015) destaca que a resistência à globalização vem reforçando identidades locais e despedaçando as identidades nacionais que, em grande parte foram construídas com opressão. Ainda, segundo o autor, novas identidades vão sendo formadas pelos intercâmbios culturais.

A resistência à globalização aumentou as discussões sobre a Diversidade Cultural e o reconhecimento das diferenças. Essas discussões começam a ser travadas com mais frequência durante a década de 1990 e, para evitar maiores

problemas advindos das opressões que a globalização fazia sobre a Diversidade, o sistema capitalista resolveu atender às reivindicações dos movimentos de resistência.

Com isso, os países criaram políticas públicas com o intuito de mediar o diálogo com a Diversidade. Na esfera mundial, em 2001, a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural foi uma tentativa de promoção da Diversidade resultando, em 2005, na convenção sobre promoção e proteção da Diversidade Cultural, realizada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura -UNESCO (SILVA; BRANDIM, 2008).

Além desses eventos, durante a década de 1990 e os anos 2000, os países passaram a adotar políticas públicas de promoção da Diversidade nas diversas áreas, principalmente na Educação. A discussão que inicialmente tratava do acesso dos membros dos diversos grupos à Educação escolar teve a necessidade de avançar para a discussão do currículo, pois algumas arestas ainda precisavam (e precisam até hoje) ser aparadas, dentre elas as referidas ao direito dos grupos diversos a Educação escolar.

A principal dificuldade girava em torno da democratização do ensino que apenas deu acesso coletivo a uma Educação escolar. A partir de então, a grande massa adentra a escola com toda a sua Diversidade, mas o currículo permanecia voltada para a classe dominante, na qual os saberes dessa classe são mais valorizados que as demais. No ponto de vista da cultura, elegeu-se uma cultura hegemônica, mais valorizada, o que continuou mantendo a escola como um espaço desigual (NEIRA, 2011a).

Para atender a essas carências, diversos documentos oficiais vem sendo publicados no Brasil, desde a década de 1990, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB:9394/96); Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's); Conferência Nacional da Educação Básica; Referências para a Formação de Professores Indígenas; Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Todas no contexto do governo Lula.

Quanto ao currículo, é um campo que possui linhas de pensamento que foram construídas historicamente, estas podem ser didaticamente divididas de uma forma geral em teorias tradicionais, críticas e pós-críticas. Segundo Lopes e Macedo

(2011) o próprio termo “currículo” tem seus primeiros registros no século XVII, entretanto, como campo de estudos configura-se a partir dos primeiros anos do século XX, surgindo junto com a burocratização da Educação escolar.

Era importante naquele momento, organizar o que se deveria ensinar e, em virtude disso, teóricos como John Dewey e Ralph Tyler desenvolveram modelos que preconizam os currículos escolares de forma prescritiva e linear. Com o interesse de atender aos interesses do modo de produção capitalista, o modelo de Tyler ficou conhecido como racionalidade tyleriana, no qual as escolas deveriam funcionar nos mesmos moldes de uma empresa, trazendo os princípios de mercado para o currículo.

Estes modelos simbolizaram as teorias tradicionais do currículo e, de acordo com Silva (2010) só passaram a ser duramente contestados na década de 1960, em um contexto marcado por várias transformações no mundo, com os vários movimentos em curso, como o movimento feminista e os movimentos de independência de antigas colônias europeias.

Foi acompanhado de todos esses eventos que as teorias tradicionais passam a ser contestadas por teóricos em várias partes do mundo, como os “reconceptualistas”⁴⁶ nos Estados Unidos e a “Nova Sociologia da Educação”⁴⁷ no Reino Unido. As teorias críticas questionam e problematizam o conhecimento, colocando em cheque os privilégios de determinados conhecimentos do currículo em detrimento de outros e, que esta diferenciação tem o caráter intencional de manter o *status quo* das classes dominantes (SILVA, 2010).

Portanto, as relações de poder se dão nas lutas de classe e há um compromisso das teorias críticas com a classe trabalhadora, essas ideias mais tarde chegam ao Brasil e, influenciam as diversas áreas do conhecimento.

Na Educação Física, na década de 1980, um movimento renovador na perspectiva do currículo crítico com notoriedade para as abordagens crítico-emancipatória (KUNZ, 1994) e crítico-superadora (COLETIVO DE AUTORES, 1992) questiona as ideias dominantes e abre espaço para a reflexão sobre os conteúdos a

⁴⁶ Tendo como um dos principais teóricos o Norte-americano Michael Apple, os reconceptualistas “Particularmente no campo do Currículo, se contrapõem aos enfoques instrumentais, acadêmicos e progressivistas” (LOPES; MACEDO, 2011, p. 81).

⁴⁷ Teve suas bases elaboradas por Michael Young que afirma que “o conhecimento é construído nas interações sociais entre os sujeitos, formando um conjunto de significados” (LOPES; MACEDO, 2011).

serem abordados no currículo da Educação Física.

No caso da abordagem crítico-superadora, o foco é a formação de indivíduos que rompam com a ideologia dominante e possam intervir criticamente na sociedade, principalmente no viés político, portanto centram suas ideias na luta de classes, sem aprofundar em questões como a Diversidade Cultural; pois, nesse entendimento, não haveria como pensar no favorecimento das diversas culturas sem romper com o modo de produção capitalista, sendo esta a prioridade dessa abordagem vinculada às teorias críticas.

No sentido de ampliar o debate da luta de classes e, discutindo as relações de poder na cultura, etnia, gênero, raça e sexualidade, as teorias pós-críticas, segundo Pinheiro (2009), surgem como complemento e aprofundamento das teorias críticas, reforçando essa ideia, Ribeiro (2016) defende uma concepção curricular em diálogo entre as teorias críticas e pós-críticas, portanto, como defendem os autores, deve-se, portanto, abordar-se as aproximações entre estas.

Sendo assim, o trabalho com a perspectiva da Diversidade Cultural assenta esta pesquisa nas teorias pós-críticas, ao discorrer sobre uma temática, mais específica ao debate destas teorias, deixando claro que, conforme já exposto, não se pretende, aqui, desprezar as teorias críticas, mas aprofundar a discussão para compreender os desafios para transformação do currículo escolar de modo a atender a Diversidade Cultural presente na escola (NUNES;RUBIO, 2008).

Estas teorias buscam dar voz aos grupos que antes eram silenciados pelo currículo hegemônico, apresentando como proposta um currículo que possa considerar as culturas dos diversos grupos presentes na escola, valorizando as diferenças. A valorização da Diversidade no espaço escolar, de acordo com Dussel (2002) deve superar a simples celebração da diferença e questionar as bases pelas quais o currículo vem sendo construído.

Por conta disso, tomar-se-á aqui, como base, o Currículo Cultural da Educação Física. Esta concepção foi formulada por Neira (2011b) e, tem como pressupostos:

- 1- O reconhecimento da Diversidade e a promoção do diálogo entre as culturas.
- 2- Levar em consideração a cultura dos alunos e, a partir dela confrontar com a cultura escolar, pois os alunos também precisam ter acesso à cultura dominante.

- 3- As práticas corporais são artefatos de identidade dos sujeitos, possibilitando o aproveitamento de conhecimentos que estes sujeitos trazem para a escola, com o objetivo de transformações sociais.
- 4- A contextualização das práticas corporais para que os alunos pertencentes aos grupos minoritários sejam contemplados com conhecimentos que estejam relacionados à sua realidade (NEIRA, 2011a).
- 5- Igualar a cultura popular com a cultura escolar, por meio de um entrecruzamento desses saberes, estabelecendo um diálogo entre eles e, assim proporcionar uma formação humana de resistência à padronização promovida pelo currículo colonizado pelos ideais hegemônicos, no qual existe uma única cultura valorizada (NEIRA; NUNES, 2011).

De acordo com esses pressupostos, Lima e Neira (2010) afirmam que as práticas corporais se hibridizam a maneira em que ocorre o entrecruzamento das Culturas no diálogo dos diversos grupos, portanto, todas as manifestações da Cultura Corporal deverão ser tematizadas na escola, tanto as hegemônicas quanto as historicamente marginalizadas, atribuindo o mesmo valor a todas elas.

O Currículo Cultural da Educação Física se aproxima das teorias pós-críticas, rompe, portanto, com a lógica homogeneizadora do currículo, diferente de como vem se constituindo historicamente o currículo da Educação Física escolar, conforme pontuam Nunes e Rubio (2008), o currículo da Educação física, desde suas origens, teve um caráter celetista e globalizante, isto é, tem como premissa uma padronização de aspectos técnicos de modo a reproduzir o modelo de produção vigente, contribuindo para formar cidadãos competentes e habilidosos para o mercado de trabalho.

Os ideais dominantes tomam conta do currículo escolar com o objetivo de difundir uma cultura universal a partir de seus preceitos, deixando de lado ou dando menos importância aos grupos minoritários presentes no âmbito escolar.

A partir da cultura dominante, a Diversidade Cultural representada pelos grupos oprimidos aparece na escola como o “diferente” e “estranho” e seus integrantes devem nesse espaço escolar, apropriarem-se da verdadeira cultura, a cultura branca e eurocêntrica, para saírem da ignorância.

Em tensionamento ao currículo tradicional e suas formas globalizantes que receberam novas roupagens ao longo do tempo, o currículo em uma perspectiva

crítica contesta o modo de produção capitalista com suas concepções que vão além de uma série de normas técnicas a serem seguidas.

O currículo pós-crítico enxerga os desafios e as relações de poder para além da luta de classes, mas está também nas identidades (raça, gênero, etnia...) com isso, busca dar voz os grupos silenciados historicamente pela cultura dominante, considerando assim todas as culturas, sem que sejam atribuídos valores hierárquicos entre elas.

Sendo assim, a teoria pós-crítica aproxima as diferenças em uma relação que ultrapassa a convivência tolerante, mas que estabelece uma constante troca de experiências para contestar os princípios dominantes que tentam universalizar as culturas a partir da sua, como se esta fosse a verdadeira cultura.

É sob o prisma do Currículo Cultural da Educação Física que dialogar-se, a seguir, com os documentos oficiais que orientaram/orientam o currículo escolar, especialmente o Ensino Fundamental e, mais precisamente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que teve sua versão final divulgada no primeiro semestre de 2017.

Analisar-se-á, também, como este documento, que vai orientar os currículos dos estados e municípios, dialoga com a Diversidade Cultural e quais as principais lacunas que este deixará levando em consideração o momento político atual.

A LDB e os Parâmetros Curriculares Nacionais: precursores de uma base comum e da Educação Física como componente curricular oficial.

O propósito é contextualizar o histórico do surgimento da ideia da construção de uma base comum para o sistema educacional brasileiro, caracterizando o contexto das políticas neoliberais que estavam sendo implementadas no país e as pressões de órgãos internacionais para os países em desenvolvimento, na década de 90, refletidas na elaboração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) e, mais tarde, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997; 1998). As intenções de elaboração dos documentos serão relacionadas com os princípios contidos nestes, principalmente nos PCN's e quais suas conexões com a Diversidade Cultural no currículo escolar.

Este tópico também tratará da discussão específica da Educação Física nos documentos citados, referentes aos princípios, conteúdos e conceitos, realizando

apontamentos e críticas da época de disseminação do documento, além dos próprios documentos oficiais. Deixar-se-á o debate contemporâneo para o tópico específico da BNCC, no qual também constarão as inferências nas relações com a Diversidade Cultural.

De acordo com Rodrigues (2002) as políticas educacionais, implementadas na década de 1990, sofreram influência direta das políticas neoliberais, pois havia a necessidade de formar um novo modelo de trabalhador para servir ao mercado, especialmente pelas pressões geradas por órgãos internacionais como o Banco Mundial e a UNESCO, instituições que claramente defendem um projeto neoliberal.

A subida do presidente Fernando Collor de Melo ao poder deu início ao projeto neoliberal e às reformas curriculares que pretendiam formar essa nova mão de obra para servir a esse modelo, no contexto do final do Governo Fernando Henrique Cardoso. Rodrigues (2002) alega em sua análise, realizada no último ano de mandato FHC, que este foi o que melhor pôs em prática a cartilha ditada pelos organismos burgueses internacionais.

É nesse contexto do avanço do projeto neoliberal que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9394/96) entra em vigor, no governo FHC, como a carta magna do país sinalizava em seu texto, a LDB previa a construção de uma base comum curricular que seria elaborada em colaboração com os estados e municípios.

Apesar do avanço das políticas neoliberais, Kadlubitski e Junqueira (2009) afirmam que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB:9394/96) foi a primeira tentativa de satisfazer os anseios da valorização da Diversidade Cultural no Brasil, mesmo que de forma tímida.

Essa tentativa reflete-se no artigo 26-A ao assegurar que “Nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e de Ensino Médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena” (BRASIL, 1996) e o destaque à importância das diversas culturas para a formação da sociedade brasileira. Ainda no texto da lei, o termo Diversidade Cultural aparece de forma mais explícita no artigo 33, no qual refere-se ao respeito à Diversidade Cultural e religiosa no país.

Cabe ressaltar que a série de marcos legais, que estabelecem reformas curriculares no Brasil, possui um caráter impositivo, mesmo que de forma sutil. O que se quer dizer sobre isso? Que tais propostas são concretizadas em um modelo

“centro-periferia” (RODRIGUES, 2016), este modelo é característico das reformas curriculares de um projeto neoliberal, pois não institui qualquer espécie de diálogo com a sociedade, no caso da Educação, não há diálogo ou consulta com especialistas que vivenciam o campo, sendo essas políticas impostas de cima para baixo.

Um exemplo marcante dessa política é, de acordo com Rodrigues (2006), a organização dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), documento que visava orientar os sistemas na construção de seus currículos, embora não fossem obrigatórios, como o próprio nome “Parâmetro” nos remete.

Kadlubitski e Junqueira (2009) alertam que, apesar do documento introdutório do primeiro e segundo ciclos explicitar a importância de adequar conteúdos, critérios de avaliação e objetivos a Diversidade Cultural, o documento referente ao terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental elenca a Diversidade como tema transversal e não como uma temática que estaria inserida em todas as áreas.

Além disso, os PCN's apresentam algumas dificuldades estruturais pelo fato destes serem construídos tendo como base reformas curriculares ocorridas na Espanha e Inglaterra, uma cópia de modelos de outros países com contextos completamente distintos do pretendido neste trabalho, inclusive o estado brasileiro convocou como consultor o mesmo que participou das reformas nesses países construindo um modelo, trata-se do psicólogo espanhol César Coll.

Coll (1996) alicerça sua proposta no construtivismo e na psicopedagogia, seguindo a linha do “aprender a aprender” que tem como premissa a aprendizagem do aluno, realizada por si mesmo em experiências significativas.

O projeto de Coll (1996) se estrutura em três níveis de concretização:

- 1- Objetivos gerais de ciclo e de cada área específica, dos objetivos finais e dos blocos de conteúdo e orientações didáticas;
- 2- Resultados das análises dos blocos de conteúdo e a sequenciação no primeiro nível;
- 3- Aplicação do projeto curricular em exemplos de programações elaboradas a partir de sua base, considerando a estrutura e os recursos humanos (professores) e pedagógicos do ambiente escolar.

Após a leitura dos dois principais capítulos da obra do autor e do texto dos

PCN's pode-se perceber que o documento que o Ministério da Educação (MEC) disponibilizou aos educadores de todo o país não passa de uma cópia fiel da obra de César Coll que teve sua primeira versão publicada no ano de 1987, incluindo os quadros e esquemas presentes no livro.

Portanto, ambos apresentam os mesmos problemas nos princípios e concepções citados por Rodrigues (2002) e Darido (2001), o ecletismo presente tanto em seus aspectos gerais quanto nos específicos de cada campo do conhecimento.

Adentrando a Educação Física percebe-se a utilização de dois termos distintos para definir o objeto de estudo da disciplina, o primeiro é Cultura Corporal, definida em uma seção específica do documento direcionado ao primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental intitulada "Educação Física como Cultura Corporal" (BRASIL, 1997, p.23), definida pelo Coletivo de Autores (1992, p.26) como "conhecimentos socialmente produzidos e historicamente acumulados pela humanidade"; e Cultura Corporal de movimento, no documento para o terceiro e quarto ciclos em uma seção intitulada "Educação Física e a Cultura Corporal de Movimento" (BRASIL, 1998, p.27) que é diferenciada por Bracht (1999) por conferir ao movimento a especificidade da Educação Física.

Daolio (2007), ao analisar as diferentes abordagens da Educação Física, demonstra como as diferenças não estão somente na terminologia, mas na concepção que os autores têm do objeto de estudo da Educação Física e considera que Bracht (1999) avança em relação a esse objeto, embora Moreira et al. (2016) considere essa concepção redundante.

A confusão entre os dois conceitos está presente tanto no documento referente aos 1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental (BRASIL, 1997) quanto no referente ao 3º e 4º ciclos (1998), como objetiva-se, aqui, focar no Ensino Fundamental, não entrar-se-á, aqui, no mérito do documento direcionado ao Ensino Médio em 2000.

No mais, a estrutura dos PCN's na área de Educação Física revela como princípios norteadores: a diversidade, inclusão, integração e o convívio social. Darido et al. (2001) destaca como avanço o princípio da inclusão na área da Educação Física presente no documento. Em contraponto, Rodrigues (2002) revela que embora a inclusão abranja também o engajamento dos educandos nos mais variados grupos sociais e não apenas na escola, este conceito é tomado de um

ponto de vista superficial.

Analisou-se como intencional a utilização de conceitos tão complexos de forma superficial nos PCN's por não serem convenientes às políticas neoliberais o trato às questões conflitantes da sociedade, sendo mais interessante a formação de mão de obra para o mercado, sem proporcionar qualquer questionamento a ordem vigente.

O trato superficial aos conceitos e princípios de todo o documento está presente, ainda, nas críticas realizadas ao caráter militarista e segregador da Educação Física, questionado pelo movimento renovador da década de 1980, mas sem discutir a raiz do problema.

Apesar das críticas, Darido et al. (2001) enxerga outros avanços dos PCN's para a Educação Física, como os temas transversais e as dimensões dos conteúdos: atitudinais, conceituais e procedimentais. Ressalta-se que Darido et al. (2001) é uma das principais defensoras dessas três dimensões dos conteúdos, sendo estas, presentes em boa parte de suas publicações.⁴⁸

Esses conteúdos são divididos em blocos como já exposto, principalmente ao tratar-se da obra de Coll (1996), onde os blocos estão divididos em “Esportes, jogos, lutas e ginásticas”, “atividades rítmicas e expressivas” e “conhecimentos sobre o corpo” (BRASIL, 1997).

Nota-se que esses conteúdos estarão presentes em todo o Ensino Fundamental, ainda assim, os PCN's não definem como estes deverão ser trabalhados, não havendo, portanto, progressão de conteúdo, algo importante de acordo com Rodrigues (2002).

A autora também esclarece o quanto pode ser ilusório o discurso da promoção da cidadania e de formação dos educandos, pois é necessário analisar as intenções de um projeto neoliberal por trás de todo esse discurso que se apropria de conceitos valiosos e complexos e trata-os de forma superficial, além de misturá-los tornando-os confusos e levando a interpretação eclética da proposta.

Desse jeito, a própria inserção do termo Diversidade nos documentos pode

⁴⁸ Alguns exemplos de obras da autora que discutem as três dimensões dos conteúdos (conceitual, procedimental e atitudinal) são: DARIDO, Suraya Cristina; SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. **Para ensinar educação física: possibilidades de intervenção na escola**. Campinas-SP: Papirus, 2007 e DARIDO, S. C. Os conteúdos da Educação Física na escola. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

ser interpretada de forma superficial, pois um documento que é construído sob os princípios neoliberais deve ser olhado com desconfiança no trato da Diversidade Cultural que tem em suas propostas curriculares o rompimento com a lógica homogeneizadora do currículo, um dos objetivos do modo de produção capitalista.

Tais argumentos dos autores, à época da elaboração dos PCN's, fazem parte de uma discussão que era considerada superada e consolidou os PCN's como um documento que não levou a nenhuma definição de currículos dos sistemas e das instituições escolares. Entretanto, com o advento da BNCC o debate volta à tona e as comparações são inevitáveis, a partir disso, surgem questionamentos como: a BNCC finalmente se propõe a realizar o que os PCN's não definiram com clareza? Quais os avanços da BNCC em relação aos PCN's? Os questionamentos e as críticas realizadas aos PCN's foram considerados na elaboração da BNCC? Qual o trato e os avanços da BNCC em relação à Diversidade Cultural no currículo escolar, principalmente no campo da Educação Física?

A seguir apresentar-se-á a estrutura da BNCC e propor-se-á um comparativo em relação aos PCN's, destacando que, ao contrário dos documentos da década de 1990, a BNCC vem a se configurar obrigatória para orientar os currículos dos sistemas e dos projetos político-pedagógicos das escolas de todo o país, também pretende-se destacar quais as interfaces da BNCC com a Diversidade Cultural no currículo da Educação Física no ensino fundamental.

Base Nacional Comum Curricular (BNCC): aproximações e distanciamentos com o Currículo Cultural da Educação Física.

Antes de iniciar o debate sobre a BNCC, é interessante conhecer sua estrutura e os princípios que regem este documento, o contexto e a forma em que se deu a construção de sua versão final.

Assim como os PCN's a Base Nacional Comum Curricular é um documento normativo do Ministério da Educação, com o objetivo de nortear as propostas curriculares dos sistemas estaduais, municipais e instituições de ensino de todo o Brasil.

A BNCC possui um caráter de articulação, tanto com o Plano Nacional de Educação (PNE) e Conferência Nacional de Educação (CONAE) quanto com outras políticas, como a formação de professores e as ações para melhoria da

infraestrutura das escolas. Esta articulação, prevista no documento, é um diferencial na BNCC em relação aos PCN's. Outra diferença quanto à natureza do documento, é o caráter obrigatório que a Base irá exercer nos currículos dos sistemas.

Diferentemente dos PCN's, a BNCC passou por um processo de consulta pública, disponibilizado no site do Ministério da Educação (MEC), no qual recebeu contribuições de todas as partes do país, o que não ocorreu na elaboração dos PCN's, o que nos leva a considerar tal processo um avanço.

O documento teve duas versões antes da publicação de sua versão final, no ano de 2017. Sua segunda versão já sofreu inúmeras críticas por parte de teóricos que a analisaram. As formulações presentes na BNCC causaram um grande debate, não apenas no aspecto geral da Educação, mas nos campos específicos do conhecimento. Na Educação Física, por exemplo, diversos intelectuais se posicionaram diante do texto.

Rodrigues (2016) participou de diversas reuniões de discussão sobre a BNCC, desde o ano de 2015, quando sua primeira versão foi publicada. O fato de ter participado do processo talvez tenha colocado a autora em posição suspeita quanto às poucas críticas que fez ao documento.

A autora enxergava com otimismo a elaboração do documento e defendia, como uma de suas justificativas, grandes avanços em relação aos PCN's, como a abertura para consulta e contribuições dos membros da sociedade, rompendo com a política "centro-periferia" do modelo neoliberal. Os mesmos argumentos defendidos por Neira e Souza Junior (2016).

Entretanto, Moreira et al. (2016) alegou que o documento apenas é um mecanismo melhorado para atender às demandas neoliberais. A BNCC surgiu para atender às pressões dos órgãos internacionais, como o FMI e a UNESCO. A exemplo dos PCN's, a BNCC tem como finalidade adequar as políticas educacionais para melhor servir o capital.

Moreira et al. (2016) ressalta que uma das grandes complicações da BNCC, para que esta atenda aos interesses neoliberais e não a classe trabalhadora, é o fato de não apresentar uma concepção de sociedade e de homem, muito menos de Educação, que orientaria a formação que um currículo comum proporcionaria, sendo esta proposta permeada pelo ecletismo.

No entanto, Boscatto et al. (2016) defende que é necessário um currículo comum para ser implementado, com vistas a melhorar os índices do IDEB como

uma das metas do Plano Nacional de Educação (PNE), e é nesse último argumento que Moreira et al. (2016) destaca que ao favorecer os sistemas nacionais de avaliação, a BNCC se coloca em favor da simples obtenção de resultados; deixando o aprendizado secundarizado.

A prioridade pelos resultados foi percebida, no estreitamento de alguns campos do conhecimento, como a própria Educação Física, em favor dos conhecimentos da Língua Portuguesa e da Matemática que são as disciplinas presentes nos sistemas de avaliação.

A redução do papel, não apenas da Educação Física, mas de todo o currículo, de acordo com Moreira et al. (2016) reduz também a função social da escola e o trabalho do professor a ofício de transmissão de saberes ao invés de ensino de conhecimentos, esvaziando a escola de conteúdo, com base no “aprender a aprender” conforme Delors (2001) propôs no relatório da UNESCO.

As principais convergências entre as críticas dos autores supracitados estavam relacionadas à falta de clareza em muitos aspectos do documento. Rodrigues (2016), por exemplo, questionou a falta de clareza nos critérios utilizados para a escolha de conteúdos que terão um maior espaço no currículo. Outro fator que chama a atenção é a superficialidade na qual os conceitos são colocados na redação como uma apropriação negligente de conceitos tão caros para o campo acadêmico.

Uma dessas confusões causadas pela falta de clareza dos conceitos é quanto ao próprio objeto de estudo da Educação Física, ora chamado de Cultura Corporal ora chamado de Cultura Corporal de Movimento, perspectivas diferentes (NEIRA; SOUZA JUNIOR, 2016).

Moreira et al. (2016) defende a Cultura Corporal como objeto da Educação Física criticando o termo Cultura Corporal de Movimento alegando que este termo é redundante, no entanto como nos enfatizou Neira e Souza Junior (2016) a própria BNCC não define com clareza qual a diferença em cada perspectiva, nem mesmo explica as bases da concepção que adota.

A falta de clareza persiste na articulação dos conteúdos com os temas especiais, para Rodrigues (2016) ainda não estão nítidas as formas como essa articulação se dará, o mesmo vale para a integração entre os componentes da área da Linguagem.

Quanto aos conteúdos, Neira e Souza Junior (2016) defendem como

proposital a não discriminação destes, pois, para os autores, os docentes devem ser encarregados de pensá-los de acordo com a singularidade de cada local, Moreira et al. (2016) contrapõe-se com o argumento de que os conteúdos ficam localizados de forma abstrata e reduzida, além de não haver progressão entre os mesmos.

Para Moreira et al (2016) todas essas incongruências no documento tem uma única finalidade: o de tornar a BNCC um aparato que irá responsabilizar a escola, os professores e os alunos pelos seus fracassos, segundo a lógica neoliberal de resultados obtidos em testes dos sistemas nacionais de avaliação.

Em 2017, a versão final foi divulgada pelo MEC e sofreu transformações em relação à versão anterior. Uma das principais mudanças foi a organização dos principais fundamentos presentes na proposta por competências gerais comuns a toda a Educação Básica, conectados a princípios éticos, políticos e estéticos como visualiza-se no **quadro 05**.

Quadro 05: Competências gerais ordenadas pelos princípios éticos, políticos e estéticos.

| Éticos |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| “Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, cultura e potencialidades sem preconceitos de origem, etnia, gênero, idade, habilidade/necessidade, convicção religiosa ou de qualquer outra natureza, reconhecendo-se como parte de uma coletividade com a qual deve se comprometer” (BRASIL, 2017, p.19). |
| “Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao seu projeto de vida pessoal, profissional e social, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade” (BRASIL, 2017, p.18). |
| Políticos |
| “Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos e a consciência socioambiental em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta” (BRASIL, 2017, p.19). |
| “Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social e cultural para entender e explicar a realidade (fatos informações, fenômenos e processos linguísticos, culturais, sociais, econômicos, científicos, tecnológicos e naturais), colaborando para a construção de uma sociedade solidária” (BRASIL, 2017, p.18). |

| |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>“Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e inventar soluções com base nos conhecimentos das diferentes áreas” (BRASIL, 2017, p.18).</p> |
| <p>Estéticos</p> |
| <p>“Utilizar conhecimentos das linguagens verbal (oral e escrita) e/ou verbo-visual (como Libras), corporal, multimodal, artística, matemática, científica, tecnológica e digital para expressar-se e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e, com eles, produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo” (BRASIL, 2017, p.18).</p> |
| <p>“Desenvolver o senso estético para reconhecer, valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também para participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural” (BRASIL, 2017, p.18).</p> |
| <p>Competências ampliadas para a versão final</p> |
| <p>“Utilizar tecnologias digitais de comunicação e informação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas do cotidiano (incluindo as escolares) ao se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos e resolver problemas” (BRASIL, 2017, p.18).</p> |
| <p>“Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas e com a pressão do grupo” (BRASIL, 2017, p.19).</p> |
| <p>“Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões, com base nos conhecimentos construídos na escola, segundo princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários” (BRASIL, 2017, p.19).</p> |

Fonte: produzido pelo autor a partir de BRASIL (2017) e BRASIL (2017b)

Os princípios supracitados orientam a construção das competências específicas de área, transformando-se depois nos componentes curriculares, tornando essa estruturação com base nesses fundamentos o principal diferencial da BNCC em relação aos documentos normativos escritos anteriormente (BRASIL, 2017).

As etapas de escolarização possuem componentes curriculares que estão contidos nas áreas do conhecimento, estas por sua vez estão divididas de acordo com Brasil (2017) em:

- 1- **Linguagens:** Língua Portuguesa, Educação Física, Arte e Língua Inglesa;
- 2- **Matemática;**
- 3- **Ciências da Natureza:** Ciências;

4- Ciências Humanas: História e Geografia;

Cada área do conhecimento possui aprendizagens essenciais, que são chamadas de habilidades, já que é um currículo orientado por competências, os conteúdos são denominados de objetos de conhecimento organizados em unidades temáticas.

Como se perceber, a BNCC surge com uma proposta baseada em habilidades e competências, o que gera conflitos para a construção de um currículo que valorize a Diversidade Cultural, pois, apesar da Diversidade estar citada nas competências gerais do documento, não enxerga-se possibilidades efetivas, não apenas de reconhecimento desta como também de sua valorização em um currículo ancorado à habilidades e competências.

Esse discurso superficial sobre a Diversidade presente no texto da BNCC reflete o pensamento de Neira (2011b), pois o tratamento igualitário, ao invés de se expressar em uma perspectiva crítica diante da Diversidade, posiciona-se em direção à uniformização nos padrões hegemônicos. As habilidades e competências tem o viés de moldar o indivíduo para atuar na lógica da sociedade neoliberal.

No que se refere à seção da Educação Física, a inserção desse componente na área de Linguagens é justificada pelo fato das práticas corporais, serem “textos culturais passíveis de leitura e produção” (BRASIL, 2017, p.171), por conta dos sentidos e significados que os grupos atribuem às essas manifestações adotando o conceito de Cultura Corporal de Movimento.

Seguindo essa concepção, os conteúdos estão organizados em seis unidades temáticas: brincadeiras e jogos, danças, esportes, ginásticas (demonstração, condicionamento físico e conscientização corporal), lutas e práticas corporais de aventura.

Os conteúdos são distribuídos levando em consideração as competências para cada bloco, não sendo todos os conteúdos trabalhados em todos os blocos, somente Danças, Esportes e Ginásticas. Os jogos e brincadeiras não estão presentes no último bloco. As Lutas estão ausentes do primeiro bloco e as práticas corporais de aventura estão inseridas apenas nos dois últimos blocos dos anos finais do Ensino Fundamental. Os PCN's, embora não apresentassem certa progressão de conteúdo, previam que todos os conteúdos pudessem ser tratados em todos os ciclos.

Os conhecimentos das práticas corporais, as competências e habilidades são articulados em oito dimensões do conhecimento: Experimentação, Uso e apropriação, Fruição, Reflexão sobre a ação, Construção de valores, Análise, Compreensão e Protagonismo comunitário.

O texto da BNCC explica cada uma das dimensões no contexto das práticas corporais e a Educação Física nos anos iniciais, finais e ensino médio. Como o foco da discussão aqui estabelecida é o Ensino Fundamental, apresenta-se o que a BNCC estabelece para os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental.

As competências específicas de Educação Física para o Ensino Fundamental definidas pela BNCC estão dispostas, a seguir, no **quadro 06**:

Quadro 06: Competências específicas de Educação Física para o ensino fundamental.

| |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1. Compreender a origem da cultura corporal de movimento e seus vínculos com a organização da vida coletiva e individual. |
| 2. Planejar e empregar estratégias para resolver desafios e aumentar as possibilidades de aprendizagem das práticas corporais, além de se envolver no processo de ampliação do acervo cultural nesse campo. |
| 3. Considerar as práticas corporais como fonte de legitimação de acordos e condutas sociais, e sua representação simbólica como forma de expressão dos sentidos, das emoções e das experiências do ser humano na vida social. |
| 4. Refletir, criticamente, sobre as relações entre a realização das práticas corporais e os processos de saúde/doença, inclusive no contexto das atividades laborais. |
| 5. Identificar a multiplicidade de padrões de desempenho, saúde, beleza e estética corporal, analisando, criticamente, os modelos disseminados na mídia e discutir posturas consumistas e preconceituosas. |
| 6. Identificar as formas de produção dos preconceitos, compreender seus efeitos e combater posicionamentos discriminatórios em relação às práticas corporais e aos seus participantes. |
| 7. Interpretar e recriar os valores, sentidos e significados atribuídos às diferentes práticas corporais, bem como aos sujeitos que delas participam. |
| 8. Reconhecer as práticas corporais como elementos constitutivos da identidade cultural dos povos e grupos, com base na análise dos marcadores sociais de gênero, geração, padrões corporais, etnia, religião. |
| 9. Usufruir das práticas corporais de forma autônoma para potencializar o envolvimento em contextos de lazer, ampliar as redes de sociabilidade e a promoção da saúde. |
| 10. Reconhecer o acesso às práticas corporais como direito do cidadão, propondo e produzindo alternativas para sua realização no contexto comunitário. |

11. Utilizar, desfrutar e apreciar diferentes brincadeiras, jogos, danças, ginásticas, esportes, lutas e práticas corporais de aventura, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo.

Fonte: Brasil (2017, p.181)

Como se vê, apenas a competência número oito trata claramente a Diversidade no currículo quando esta afirma “Reconhecer as práticas corporais como elementos constitutivos da identidade cultural dos povos e grupos, com base na análise dos marcadores sociais de gênero, geração, padrões corporais, etnia, religião” (BRASIL, 2017, p.181).

É nesta perspectiva que Neira (2008) enfatiza que o conjunto de conhecimentos das práticas corporais, ou seja, a Cultural Corporal de Movimento, conceituada pelo documento da BNCC como Cultura Corporal de movimento é definido como conjunto de fatores de identidade dos sujeitos, pois estas são o que diferenciam os sujeitos e fazem-nos pertencer a determinados grupos.

Por conta desta gama de identidades produzidas a partir das práticas corporais, Neira (2011a) ressalta a importância de contextualizar tais práticas no ambiente escolar. Assim, acredita-se que possa ser construído um currículo na perspectiva da Diversidade Cultural, enxergando a contextualização como uma forma de romper com a produção de identidades iguais e, com isso, evitando a universalização de uma determinada cultura sobre as outras.

Vê-se mais a diante como essa “competência” é traduzida nas unidades temáticas e nos objetos de conhecimento do texto da BNCC, identificando os elementos do reconhecimento das identidades culturais ou novas contradições, como a já identificada na tentativa de valorizar a Diversidade Cultural em um currículo esteado por “habilidades e competências”.

Nos anos iniciais, a unidade temática “Brincadeiras e Jogos” traz os elementos da cultura popular como foco do primeiro bloco, nele verificam-se as brincadeiras e jogos tradicionais, além das práticas de origem africana e indígena, o que demonstra uma tentativa de reconhecimento da Diversidade Cultural nessa unidade temática. O mesmo acontece na unidade de Danças para o primeiro e segundo blocos e na unidade de Lutas para o segundo bloco.

O que nos causa estranheza é a ausência da unidade temática de Lutas no primeiro bloco dos anos iniciais, pois não foi identificado no documento nenhum critério para a ausência de objetos de conhecimento de Lutas neste bloco. Outro

fator que nos chama a atenção é que, apesar desses três conteúdos tratarem de temas relacionados à Diversidade Cultural, os conhecimentos Ginásticas e Esportes, ao que nos parece, em uma análise inicial, ainda estão classificados de forma tradicional e aleatória.

O Esporte é trabalhado no 1º bloco contemplando os de precisão⁴⁹ e marca⁵⁰. Já no segundo bloco a ênfase é dada aos esportes de “campo-e-taco⁵¹, rede/parede⁵² e invasão⁵³”.

Nas habilidades presentes nesse conteúdo não é possível enxergar nenhum trato com a Diversidade Cultural, o que nos leva a acreditar que a forma como o Esporte é inserido na BNCC mais uma vez irá reproduzir os métodos tradicionais do ensino e a lógica social hegemônica. O mesmo é constatado nas Ginásticas, na qual a Ginástica geral ganha destaque nos dois blocos dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Quanto ao trato com a Diversidade Cultural nos conteúdos “Brincadeiras e Jogos”, Danças e Lutas, apresentados no quadro geral da BNCC (BRASIL, 2017, p. 183), nas habilidades observa-se a ênfase na valorização da cultura popular e regional e para o reconhecimento e respeito das diferenças em combate ao preconceito.

No segundo bloco é dado um destaque especial para as práticas de matrizes

⁴⁹ Esportes de precisão: “conjunto de modalidades que se caracterizam por arremessar/lançar um objeto, procurando acertar um alvo específico, estático ou em movimento, comparando-se o número de tentativas empreendidas, a pontuação estabelecida em cada tentativa (maior ou menor do que a do adversário) ou a proximidade do objeto arremessado ao alvo (mais perto ou mais longe do que o adversário conseguiu deixar), como nos seguintes casos: bocha, curling, golfe, tiro com arco, tiro esportivo etc.) (BRASIL, 2017, p.173-174).

⁵⁰ Esportes de marca: “conjunto de modalidades que se caracterizam por comparar os resultados registrados em segundos, metros ou quilos (patinação de velocidade, todas as provas do atletismo, remo, ciclismo, levantamento de peso etc.) (BRASIL, 2017, p.173).

⁵¹ Esportes de campo-e-taco: “categoria que reúne as modalidades que se caracterizam por rebater a bola lançada pelo adversário o mais longe possível, para tentar percorrer o maior número de vezes as bases ou a maior distância possível entre as bases, enquanto os defensores não recuperam o controle da bola, e, assim, somar pontos (beisebol, críquete, softball etc.)” (BRASIL, 2017, p.174).

⁵² Esportes de rede/parede: “reúne modalidades que se caracterizam por arremessar, lançar ou rebater a bola em direção a setores da quadra adversária nos quais o rival seja incapaz de devolvê-la da mesma forma ou que leve o adversário a cometer um erro dentro do período de tempo em que o objeto do jogo está em movimento. Alguns exemplos de esportes de rede são voleibol, vôlei de praia, tênis de campo, tênis de mesa, badminton e peteca. Já os esportes de parede podem ser pelota basca, raquetebol, squash etc.) (BRASIL, 2017, p.174).

⁵³ Esportes de invasão: “conjunto de modalidades que se caracterizam por comparar a capacidade de uma equipe introduzir ou levar uma bola (ou outro objeto) a uma meta ou setor da quadra/campo defendida pelos adversários (gol, cesta, touchdown etc.), protegendo, simultaneamente, o próprio alvo, meta ou setor do campo (basquetebol, frisbee, futebol, futsal, futebol americano, handebol, hóquei na grama, polo aquático, rúgbi etc.) (BRASIL, 2017. p. 174).

africana e indígena, como forma de valorização cultural. No entanto, cabe ressaltar que o simples reconhecimento e celebração das diferenças e da Diversidade Cultural não garantem a contemplação dos grupos minoritários na escola, tampouco garante a valorização da Diversidade Cultural, pois o trato superficial dos objetos de conhecimento da BNCC pode surtir o efeito inverso.

Neira (2011a) explicita que um currículo que assegure a Diversidade Cultural aborda de forma crítica as diferenças, as identidades e os processos de discriminação, ou seja, não se trata apenas da boa convivência entre os diversos grupos no ambiente escolar, mas da resistência em combater as opressões e a discriminação em torno das identidades culturais. O autor problematiza, por exemplo, quais os empecilhos que o currículo enfrenta ao considerar as práticas corporais de matrizes africana e indígena, como o Maculelê e as Lutas e Danças indígenas e africanas.

Um dos cuidados no trato com esses conhecimentos é a forma pela qual esses conteúdos podem reforçar o currículo com um caráter globalizante, como, por exemplo, é importante saber se o trato com as práticas corporais africanas e indígenas vai realmente ao encontro do reconhecimento da Diversidade ou afirmará o pensamento eurocêntrico de que índios e africanos são todos iguais e celebrar a Diversidade de maneira superficial, sem qualquer criticidade e problematização dos processos discriminatórios que esses povos enfrentaram historicamente?

O texto da BNCC dá margem para ambas as respostas, pois a sua própria estrutura nos deixa em dúvida sobre esse questionamento, já que as habilidades apresentadas nos conteúdos “Jogos e Brincadeiras”, “Danças e Lutas”, em todos os blocos dos anos iniciais parecem ter sido copiadas umas das outras, sem qualquer cuidado na redação inserida.

Portanto, um documento que não tem esses cuidados em sua redação não nos transmite credibilidade para afirmar com veemência se as propostas de valorização das identidades culturais, realmente corroborarão para a construção de um currículo da Educação Física em uma perspectiva cultural.

Nos anos finais do Ensino Fundamental, a Educação Física parece distanciar-se ainda mais da Diversidade Cultural. Na unidade temática de “Brincadeiras e Jogos”, por exemplo, que, nos anos iniciais, possuíam vários elementos de valorização da cultura regional e local, agora reduz-se aos jogos eletrônicos em apenas um dos dois blocos.

Na unidade temática “Esportes”, as unidades de conhecimento permanecem as mesmas, adicionando-se os Esportes técnico-combinatórios⁵⁴ no primeiro bloco e os Esportes de combate⁵⁵ no segundo. Já nas “Ginásticas”, a Ginástica de condicionamento físico é proposta no primeiro bloco e a de conscientização corporal é adicionada no segundo bloco, o que mostra que essas duas unidades temáticas permanecem com a mesma proposta, descolada da Diversidade.

As danças urbanas no primeiro bloco e de salão no segundo bloco são as propostas para a unidade temática de Danças. As Lutas do Brasil no primeiro bloco e as Lutas do mundo no segundo são as proposições de objetos de conhecimento para o segundo bloco; além disso, as práticas corporais de aventura são introduzidas nos anos finais do Ensino Fundamental, com práticas urbanas no primeiro bloco e na natureza no segundo bloco.

Nas habilidades dos objetos de conhecimento para os anos finais, constatou-se as mesmas cópias de textos encontradas nas habilidades dos anos iniciais, algo tão mecânico, que deixa em dúvida quanto a sua real implementação, outro fator semelhante às habilidades dos anos iniciais. Assim como o caráter dos objetos de conhecimento, os Esportes e as Ginásticas apresentam a mesma proposta desconectada da Diversidade Cultural.

Em alguns casos, como nas “Brincadeiras e Jogos” e nas Danças no primeiro bloco, permitiu-se identificar alguns elementos que apontam para o trato da Diversidade, mesmo que de forma tímida, ao mencionar que essas práticas devem apontar para a valorização e o respeito aos “sentidos e significados atribuídos a eles por diferentes grupos sociais” (BRASIL, 2017, p.191).

Apesar disso, nas práticas corporais de aventura não identificaram-se, em suas habilidades, nenhuma articulação com a valorização e reconhecimento da Diversidade, sendo esta unidade temática uma novidade da BNCC, pois nem os PCN’s nem as concepções de Cultura Corporal e Cultura Corporal de movimento apresentavam essas práticas como um dos conhecimentos da Educação Física, ao menos não da forma isolada, como se encontra neste documento.

⁵⁴ Esportes técnico-combinatórios: “reúne modalidades nas quais o resultado da ação motora comparado é a qualidade do movimento segundo padrões técnico-combinatórios (ginástica artística, ginástica rítmica, nado sincronizado, patinação artística, saltos ornamentais etc.) (BRASIL, 2017, p.174).

⁵⁵ Esportes de combate: “reúne modalidades caracterizadas como disputas nas quais o oponente deve ser subjugado, com técnicas, táticas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço, por meio de combinações de ações de ataque e defesa (judô, boxe, esgrima, tae kwon do etc.) (BRASIL, 2017,p.174).

Há avanços nas unidades temáticas de Lutas nos dois blocos e na unidade de Danças no segundo bloco. Nesta última, há duas das quatro habilidades que tratam da Diversidade Cultural (BRASIL, 2017, p. 195):

- 1- “Experimentar e fruir danças de salão, valorizando a Diversidade Cultural e respeitando a tradição dessas culturas”;
- 2- “Analisar as características (ritmos, gestos, coreografias e músicas) das danças de salão, bem como suas transformações históricas e os grupos de origem”.

O respeito à tradição das culturas é um importante passo para a sua valorização, mais do que isso, Kadlubitiski e Junqueira (2009) defendem uma ressignificação da Diversidade, fazendo com que esta rescinda com as hierarquias culturais que fundamentam a desigualdade, dentro e fora da escola, pois, é importante também conhecer as identidades dos diferentes grupos.

Com mais elementos que apontam para a Diversidade, a unidade temática de Lutas tem as seguintes habilidades que seguem nesta direção (BRASIL, 2017, p.193, 197):

- 1- “Identificar as características (códigos, rituais, elementos técnico-táticos, indumentária, materiais, instalações, instituições) das lutas do Brasil”;
- 2- “Problematizar preconceitos e estereótipos de gênero, sociais e étnico-raciais relacionados ao universo das lutas e demais práticas corporais e estabelecer acordos objetivando a construção de interações referenciadas na solidariedade, na justiça, na equidade e no respeito”;
- 3- “Discutir as transformações históricas, o processo de esportivização e a midiaticização de uma ou mais lutas, valorizando e respeitando as culturas de origem”.

Neira (2011a) frisa que um currículo sob uma perspectiva cultural, que valorize a Diversidade, precisa criar recursos de resistência às discriminações e às injustiças sociais. Com isso, a problematização de estereótipos e preconceitos é importante para que esses recursos sejam criados e que os membros dos grupos historicamente marginalizados sejam contemplados.

Ante a isso, reconhecer as diferenças exige o conhecimento dessas diferenças, portanto, é imprescindível o conhecimento das culturas de origem dessas práticas corporais, seus processos históricos e os elementos que a

constituem como prática.

Em se tratando das Lutas brasileiras, as Lutas de matrizes africana, afro-brasileira e indígena possuem um potencial para este trato com a Diversidade, especialmente no âmbito cultural, no qual, historicamente, os povos indígenas e africanos sofreram processos de opressão e assimilação da cultura dominante, como se esta fosse a cultura pura ou a verdadeira cultura. Sendo assim, a própria problematização da cultura pode ter um forte apoio no potencial das Lutas brasileiras.

No entanto, ainda nos inquieta a proposta de um currículo baseado em habilidades e competências, pela contradição que tais componentes apresentam diante da construção de um currículo que valorize a Diversidade Cultural. Vale ressaltar que o modelo de “habilidades e competências” foi inserido no processo de mudanças da BNCC, da segunda para a terceira versão, que se deu em um contexto político de ascensão da direita conservadora ao poder.

Tal fato culminou com mudanças drásticas no cenário político brasileiro em todas as áreas como: retirada de direitos, cortes nas políticas de assistência social, redução do salário mínimo e reformas no campo da Educação. Com claros objetivos de favorecer o empresariado, logo o modo de produção capitalista, as medidas do atual governo no âmbito educacional reduzem os objetivos da BNCC aos princípios prescritivos das concepções tradicionais do currículo para formar indivíduos para o mercado.

Partindo do que foi exposto, chega-se a algumas conclusões como o fato de, desde a década de 1990, políticas públicas educacionais vem sendo implementadas para reconhecimento da Diversidade no currículo educacional nacional, como os PCN's e a LDB. No entanto, o tema da Diversidade Cultural aparece como transversal, quando deveria estar presente em todos os conteúdos trabalhados. Além do mais, um possível avanço para a contemplação da Diversidade Cultural que poderia ocorrer com o advento da BNCC não se concretiza no documento, resultado direto da descontinuidade causada pelos acontecimentos políticos no país.

Tanto os PCN's quanto a BNCC não definem qual concepção do objeto da Educação Física vão utilizar, pois ora utilizam “Cultura Corporal” ora “Cultura Corporal de movimento”. Além disso, não apresentam uma concepção de formação humana e de sociedade, vindo a atender os interesses neoliberais ao se apropriar de forma superficial de conceitos importantes para o campo acadêmico.

A própria Diversidade Cultural, citada em algumas partes do texto é tratada com superficialidade. A BNCC acaba tornando-se contraditória ao tentar contemplar a Diversidade em um currículo estruturado por habilidades e competências, definindo padrões de formação dos educandos, pois, um currículo em favor da Diversidade Cultural deve ser aberto às identidades marginalizadas, o que se torna difícil em um currículo amarrado em habilidades e competências.

Posto isto, a BNCC torna-se apenas um documento com nuances diferenciadas, se comparadas aos PCN's, mas não apresenta diferenciais significativos dos Parâmetros elaboradas na década de 90, assim como não rompe com a lógica neoliberal. A BNCC permanece no ecletismo e ainda evidencia o estreitamento da Educação Física, e de outras disciplinas em relação à Matemática e Língua portuguesa, o que demonstra a clara intenção da BNCC em atender as demandas das grandes avaliações realizadas pelo MEC para dar uma resposta aos organismos internacionais.

Em relação aos conteúdos, a BNCC não explica os critérios de escolha dos conteúdos nos blocos, não justifica a presença maior de uns em relação aos outros e o potencial de apenas alguns conteúdos (Danças, “Jogos e Brincadeiras” e Lutas) na temática da Diversidade Cultural, que aparece de forma esporádica em alguns momentos do documento, não sendo contemplada em todos os conteúdos, como observa-se nos Esportes e nas Ginásticas que permanecem com o mesmo caráter tradicional.

Tais conclusões demonstram a necessidade de um debate maior em relação ao currículo da Educação Física e o potencial de seus conteúdos para temáticas importantes na formação dos educandos, pois, mais importante do que ensinar conteúdos com seus aspectos técnicos e específicos é a formação humana e, para isso, determinados temas devem perpassar por todos estes.

O capítulo seguinte tratar-se-á dos resultados das experiências realizadas com um dos conhecimentos da Educação Física, as Lutas, que possuem grande potencial para o trato da Diversidade Cultural.

METODOLOGIA

Este estudo inscreve-se como pesquisa de campo de caráter qualitativo, que considera o universo de significados e não apenas os dados quantitativos, mas trabalha com motivações, valores, atitudes e crenças (MINAYO ET AL., 2002).

Tem como objetivos da pesquisa: apresentar contribuições do ensino das Lutas nas aulas de Educação Física na perspectiva da Diversidade Cultural; proporcionar aos alunos o acesso a práticas corporais de matrizes culturais distintas; e possibilitar o aprendizado de conceitos, aspectos históricos e culturais de Lutas de matrizes africana, afro-brasileira e indígena. Optou-se pela pesquisa de campo que se caracteriza por realizar a coleta de dados junto aos sujeitos em determinado local, possuindo esta diversos tipos como recurso (FONSECA, 2002), assim, foi escolhida como tipo de pesquisa de campo que melhor atenderá as necessidades desta investigação, a Pesquisa-ação, este método segundo Thiollent (1996, p.13) caracteriza-se por ser uma:

Pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo”.

Segundo o autor, a Pesquisa-ação tem como uma de suas principais características a interação entre os pesquisadores e os objetos investigados, pois os investigadores encontram-se engajados no ambiente da pesquisa fazendo parte do mesmo.

A técnica da Pesquisa-ação, apesar de ter o objetivo de buscar soluções para problemas práticos e do cotidiano, com base no empirismo, segundo Thiollent (1996) não deixa de lado as referências teóricas. Sendo assim, pretende-se, neste trabalho, discutir as bases teóricas do currículo a partir das implicações na realidade de uma escola pública diante das intervenções aplicadas no *lócus* da pesquisa, tendo o Currículo Cultural da Educação Física (NEIRA, 2011a) como eixo teórico.

De acordo com Thiollent (1996), as fases e objetivos da Pesquisa-ação foram aplicados neste estudo com a seguinte sequência: uma fase exploratória, que envolve um primeiro levantamento dos problemas que se pretende investigar; fase de planejamento das ações, na qual foram definidos os procedimentos das

intervenções; fase de coleta de dados para obter as informações pertinentes para análise; e fase de divulgação dos resultados que se materializa nesta dissertação. A fase de coleta de dados requer instrumentos necessários para o recolhimento das informações, assim como para suas análises. A seguir, descrever-se-ão cada fase e seus devidos instrumentos, assim como o local escolhido para as intervenções desta pesquisa.

Como trata-se de uma investigação que envolve seres humanos, esta pesquisa foi apreciada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)⁵⁶ garantindo o anonimato e a segurança dos sujeitos envolvidos.

Fase exploratória

No caso deste estudo, esta fase constituiu-se de levantamento, materializado em revisão de literatura sobre o ensino das Lutas no Ensino Fundamental. As constatações deste levantamento foram apresentadas no primeiro capítulo.

Com as informações levantadas e as dificuldades e potenciais do conhecimento das Lutas constatadas, para atingir o principal objetivo de apresentar contribuições do ensino das Lutas, nas aulas de Educação Física, na perspectiva da Diversidade Cultural, foram definidos o local, os sujeitos investigados e a equipe que auxiliaria na pesquisa.

O *locus* de pesquisa

O local escolhido para a realização das intervenções foi a Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará. A instituição foi fundada em 1963 com o intuito de atender os dependentes dos servidores da Universidade Federal do Pará. Anos depois, se tornaria um local na qual os estudantes dos cursos de graduação da universidade poderiam realizar suas intervenções.

Aproximadamente há 15 anos, a escola deixou de receber somente dependentes de servidores e passou a atender apenas alunos da comunidade do entorno da escola, por meio de sorteio, divulgado mediante edital. Situada em um

⁵⁶ Registrado na Plataforma Brasil sob o CAAE: 68091617.0.0000.0017 e aprovado pelo parecer nº 2.260.608

dos bairros periféricos de Belém, o bairro do Montese, popularmente conhecido como Terra Firme e como um dos bairros mais carentes da cidade, permeada por altos índices de violência e abandono estatal. Portanto, o público atendido pela Escola de Aplicação da UFPA tem o perfil semelhante ao da grande maioria das escolas públicas do país, sendo um ambiente propício para a realização da pesquisa-ação.

A escolha da escola considerou a estrutura necessária e disponibilidade de turmas para a aplicação das intervenções. No caso da Escola de Aplicação da UFPA, contou-se também com o auxílio de dois bolsistas para realizar as intervenções e as observações de situações decorrentes no processo, pois, uma das características da Pesquisa-ação é a flexibilidade do planejamento e das ações de acordo com a necessidade emergente da ocorrência das ações.

Assim, o passo seguinte à escolha do local foi a escolha e preparação da equipe auxiliar da pesquisa, que contou com o apoio do grupo de pesquisa GPRAPE (Grupo de estudo e pesquisa em práticas pedagógicas na Educação básica).

Dessa forma, por meio de edital aprovado, foram selecionados dois alunos do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Pará para auxiliar nas atividades referentes à pesquisa. Os mesmos receberam formação para que compreendessem os objetivos da pesquisa, suas atuações nas intervenções e os conhecimentos a serem trabalhados.

O público alvo escolhido foi composto por quatro turmas do 6º e uma turma do 7º ano do Ensino Fundamental, totalizando cinco turmas. Por representarem um dos blocos nos quais o conteúdo é mais presente na Base Nacional Comum Curricular, sendo um total de 150 (cento e cinquenta) alunos, estas turmas também já estão adequadas ao sistema seriado de 9 anos do ensino fundamental, de acordo com a lei 11.274/2006, enquanto que as outras turmas dos anos finais do Ensino Fundamental ainda estão no sistema antigo (7ª e 8ª series).

Planejamento das ações

Após a definição do local e do público alvo para a realização das intervenções, partiu-se para o planejamento das ações que foram adequadas ao calendário da instituição. Cada turma possuía uma aula semanal de 90 minutos e, inicialmente, o planejamento foi elaborado para 13 (treze) datas (aulas), pois este

era o número de datas disponível no bimestre inicialmente. Entretanto, alguns imprevistos, como feriados e dias facultados durante a semana e a necessidade de encerrarem-se as intervenções antes do fim do bimestre letivo, nos levaram a reduzir o planejamento para 9 (nove) aulas.

A dificuldade enfrentada por nós quanto ao calendário escolar também é vivenciada pelos outros professores de Educação Física do ensino básico, pois existem outros conteúdos a serem abordados durante o ano o que reduz o número de aulas para cada um deles, além de imprevistos.

Com isso, tendo disponíveis 9 (nove) datas para tratar o conhecimento das Lutas, dividiram-se as aulas em dois conjuntos de planos de aula, chamados de planos de aula “A” e “B” que tiveram os mesmos objetivos e a mesma abordagem diferenciando-se nas vivências de Lutas que seriam realizadas na intervenção.

Os dois blocos de planos de aula foram divididos entre as turmas, chamados de “A”, “B”, “C”, “D” e “E”, sendo os planos de aula “A” aplicados nas três primeiras turmas e os planos “B” nas duas últimas.

O planejamento foi elaborado na forma de uma sistematização orientada pela teoria pós-crítica do currículo e pela perspectiva do Currículo Cultural da Educação física (NEIRA, 2011a), pois, conforme Thiollent (1996) destaca, a Pesquisa-ação não está à mercê do simples bom senso dos pesquisadores e dos sujeitos da pesquisa, mas é norteada por uma teoria; neste caso, pelas teorias pós-críticas do currículo e pela proposta cultural do currículo que contempla a Diversidade Cultural para o ensino das Lutas na Educação Física escolar.

A unidade de Lutas foi então dividida em três subunidades de conteúdos, a primeira denominada “Lutas: conceituação e desenvolvimento histórico”, a segunda recebeu o nome de “Lutas de matriz africana: características culturais, regras e técnicas”, nesta subunidade a vivência do Laamb foi escolhida para ser tratada nos planos de aula “A” e a vivência da Capoeira nos planos de aula “B”.

A terceira subunidade foi denominada “Lutas de matriz indígena: características culturais, regras e técnicas”, nesta subunidade o Huka-Huka⁵⁷ e o derruba toco⁵⁸ foram vivenciadas nos planos de aula “A” enquanto a “Huka-Huka e a Briga de Galo⁵⁹ foram tratados nos planos “B”.

⁵⁷ Luta dos povos Kamayurás do alto Xingú.

⁵⁸ Luta dos povos Pataxós de Minas Gerais e Bahia.

⁵⁹ Luta dos povos Manchineri do Acre.

Coleta de dados

Para verificar a evolução do aprendizado dos alunos e perceber quais os resultados da realização das intervenções, assim como as implicações da proposta escolhida, a fase de coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de entrevista coletiva antes e depois das intervenções.

De acordo com Kramer (2003), a entrevista coletiva como instrumento de coleta de dados possibilita enriquecimento da situação dialógica, possibilitando análises mais profundas, além de proporcionar uma interação entre os participantes, reduzindo a tensão do momento, pois as pessoas se mostram mais espontâneas e abertas a um aprendizado mútuo, possibilitado pela escuta da fala do outro que auxilia na reflexão e evidencia concordâncias e conflitos nas falas dos sujeitos. As entrevistas coletivas tem o objetivo de conhecer os pontos de vista dos entrevistados e “clarificar pontos obscuros” (KRAMER, 2003).

Os relatos dos sujeitos foram coletados por aparelho gravador de áudio na primeira e na última aula das intervenções, sendo de caráter semiestruturado com 15 perguntas sobre Lutas e questões sobre Diversidade Cultural no contexto das práticas corporais trabalhadas, para analisar os avanços tanto no conteúdo específico quanto na temática da Diversidade, as entrevistas foram realizadas na sala de aula de cada turma.

Instrumentos de análise dos dados

Os relatos foram transcritos e analisados por meio da “Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado” que segundo Moreira, Simões e Porto (2005) é uma proposta de técnica de investigação qualitativa, resultante da mescla entre Análise de Avaliação Assertativa (BARDIN, 1977) e da Análise do Fenômeno Situado (GIORGI, 1978; MARTINS; BICUDO, 1989).

Moreira, Simões e Porto (2005) definem esta técnica como uma forma de análise de conteúdo que é uma técnica desenvolvida por Bardin (1977), no início século XX, nos Estados Unidos, sendo utilizada para análises na área das comunicações e, a princípio, se resumia em verificar a frequência dos termos presentes nos textos, mais especificamente nos jornais.

Bardin (1977) afirma que a Análise de Conteúdo pode ser realizada de várias formas, sem que exista uma sequência fechada para a análise, havendo vários tipos de análise de conteúdo, portanto. Moreira, Simões e Porto (2005), ao mesclar um dos procedimentos da Análise de Conteúdo (Análise de Avaliação Assertiva) com a Análise do Fenômeno, criaram uma nova técnica de análise: a Técnica de elaboração e análise de significados que faz uso de categorias de análise apresentando como momentos:

- 1) Relato ingênuo: consiste nos relatos originais e puros dos sujeitos, da forma exata como foram explanadas, sem alterar a grafia ou termos empregados pelos entrevistados obtidos por meios de questões geradoras;
- 2) Identificação de atitudes: neste momento o entrevistador deve atentar-se para a questão central dos relatos dos sujeitos buscando indicadores que possam levar a categorias de análise;
- 3) Interpretação: momento de análise do fenômeno estudado, com o objetivo de compreendê-lo e relacionar os pressupostos teóricos que permeiam o objeto com os relatos dos sujeitos, fazendo um confronto entre os pontos de vista.

O primeiro momento consistiu em transcrever as respostas das entrevistas coletivas de forma fiel a forma como foram faladas pelos sujeitos, sem alterar qualquer termo, desta forma, criou-se um quadro para cada turma entrevistada, este foi subdividido em seções, uma seção para cada pergunta respondida e as transcrições colocadas abaixo da pergunta formulada, os quadros foram divididos em antes e depois das intervenções. Como entrevistamos 5 turmas, resultou-se em um total de 10 quadros (5 quadros de entrevistas antes das intervenções e 5 de entrevistas depois das intervenções).

O segundo momento foi extrair dos relatos ingênuos o núcleo das falas que nos apontam indicadores de categorias de análise, relacionadas ao aprendizado das Lutas, no caso das perguntas voltadas para este fim e, da temática da Diversidade Cultural, no restante das perguntas direcionadas para o debate sobre a Diversidade.

Cada indicador era extraído e destacado de forma enumerada em cada uma das respostas às questões norteadoras. Após a enumeração, os indicadores foram agrupados por aproximações de categorias criadas a partir de seus elementos

centrais, desse modo, as categorias foram organizadas em quadros para cada questão norteadora, em ordem de frequência dos elementos mencionados.

Por fim, para a realização das análises, os quadros com as categorias encontradas em cada questão foram colocados lado a lado, resultando em um novo quadro comparativo das categorias encontradas antes e depois das intervenções da pesquisa, para que se conseguísse analisar as transformações na compreensão dos alunos, tanto dos conhecimentos específicos das Lutas quanto da temática da Diversidade Cultural.

A comparação dos quadros nos possibilitou apontar as implicações das ações realizadas e, com isso, os resultados também foram confrontados com os referenciais teóricos para estabelecer discussões e, com base nas divergências e convergências dos resultados das discussões, avançar em direção ao objetivo de apresentar contribuições do ensino das Lutas nas aulas de Educação Física na perspectiva da Diversidade Cultural no currículo da Educação Física, no Ensino Fundamental, assim como as falhas e dificuldades da proposta aplicada.

Os benefícios da pesquisa-ação serão retratados nesta dissertação resultando na última etapa da pesquisa: a **Divulgação dos resultados**, que contribuirá para a possibilidade da resolução de problemas práticos identificados na pesquisa, obtendo retorno visando a solução de problemas do cotidiano como se propõe uma pesquisa-ação, seguindo as etapas supracitadas, entretanto de forma diferente, pois, como Thiollent (1996) reforça, existem muitas maneiras de fazer pesquisa-ação. Esta foi uma delas.

CAPÍTULO 3: O ENSINO DAS LUTAS NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA PERSPECTIVA DA DIVERSIDADE CULTURAL: EXPERIÊNCIAS NA ESCOLA DE APLICAÇÃO

Este capítulo tem o objetivo de expor a análise dos resultados da pesquisa realizada nas experiências com as Lutas de matrizes africana, afro-brasileira e indígena, nas séries finais do Ensino Fundamental, com enfoque na temática da Diversidade Cultural.

Para início, apresentar-se-á o planejamento das intervenções em turmas do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental, enfatizando os conhecimentos trabalhados, a perspectiva curricular ao qual assenta-se as bases teóricas desta pesquisa e as formas de avaliação que serão utilizadas.

Posteriormente, explicitar-se-ão as experiências realizadas nas intervenções e as dificuldades e avanços nas possibilidades do trato com o conhecimento das Lutas na temática da Diversidade Cultural.

Por fim, apontar-se-ão os resultados das entrevistas coletivas em quadros comparativos das entrevistas realizadas antes e após as experiências na Escola de Aplicação, que possibilitaram estabelecer discussões sobre o trato das Lutas na perspectiva da Diversidade Cultural, indicando possibilidades e mudanças para melhor contemplar o ensino, assim como as generalizações que podem ser realizadas, levando em consideração os princípios da pesquisa-ação.

Lutas de matrizes africana, afro-brasileira e indígena: planejamento das ações

A sistematização apresentada a seguir surge com o intuito de elaborar o trato com o conhecimento das Lutas na perspectiva da Diversidade Cultural, abordando as Lutas de matrizes africana, afro-brasileira e indígena, que foram utilizadas nas intervenções com as turmas de 6º e 7º ano do Ensino Fundamental da Escola de Aplicação da UFPA, com o objetivo de abranger tanto o conhecimento específico das práticas corporais de Lutas, quanto à temática da Diversidade Cultural.

O planejamento foi construído levando em consideração a realidade que o professor de Educação Física encontra na escola, especialmente o curto espaço de tempo que este tem para desenvolver os conteúdos da Educação Física. Com base nessas dificuldades, pensou-se em um planejamento de 9 aulas que possuem duas

possibilidades de trato das Lutas de matrizes africana, afro-brasileira e indígena: uma delas aborda o Laamb, o Huka-Huka e o “Derruba toco”; a outra aborda a Capoeira e a “Briga de galo”.

Os objetivos traçados nesse planejamento foram: apresentar o conhecimento das Lutas para os alunos na perspectiva da Diversidade Cultural; compreender os conceitos, aspectos históricos e culturais das Lutas; aprender os movimentos técnicos básicos das Lutas de matriz africana, afro-brasileira e indígena; possibilitar aos alunos reflexão crítica sobre a temática da Diversidade Cultural.

O conteúdo foi dividido didaticamente em três unidades: 1- Lutas: conceituação e desenvolvimento histórico; 2- Lutas de matriz africana: características culturais, regras e técnicas; 3- Lutas de matriz indígena: características culturais, regras e técnicas.

A primeira unidade tem um caráter essencialmente teórico e com aulas expositivas, sobre os conceitos e classificações das Lutas e os aspectos históricos do desenvolvimento das Lutas e seus significados culturais. Para o trato dos aspectos teóricos organizaram-se textos explicativos e resumidos sobre os tópicos supracitados. No entanto, poder-se-iam utilizar outros materiais didáticos para auxiliar na compreensão dos alunos.

Vale ressaltar que apesar desta ser a unidade predominantemente teórica da proposta, os pontos teóricos não são tratados apenas nesta unidade, mas em todas. Conforme explanam Rufino e Darido (2015), as dimensões dos conteúdos se entrelaçam a todo o momento do trato com o conhecimento, sem serem fragmentados uns dos outros.

A segunda unidade aborda as características culturais, regras e técnicas das Lutas de matriz africana. Antes de serem aplicadas essas práticas corporais, seriam evidenciados os aspectos da cultura africana. Alguns questionamentos norteiam o debate sobre a temática como: o que é cultura? O que é cultura africana? Todos os africanos são iguais?

A partir dessas questões norteadoras pode-se discutir as influências da cultura africana na formação da sociedade brasileira e o surgimento da cultura afro-brasileira, além de conhecer diferenças entre etnias e o próprio conceito desta palavra e de outras, relacionadas aos grupos pertencentes às culturas africanas e afro-brasileiras.

Em meio a estes conceitos, é realizada a tematização das Lutas de matrizes

africana e afro-brasileira: Laamb, que é uma luta senegalesa; e Capoeira, luta brasileira, com influências africanas. A partir das vivências dessas Lutas, pode-se conhecer elementos da cultura do país de origem e como estes estão imbricados no contexto das Lutas vivenciadas. No caso da Capoeira, também é possível problematizar o caráter de resistência à opressão da escravidão sofrida pela população negra no Brasil.

Na terceira unidade, as Lutas de matrizes indígenas ganham foco com suas peculiaridades culturais, suas técnicas e regras. Nesta unidade também serão problematizadas questões como: o que é cultura indígena? Todos os indígenas são iguais? Quais as influências dos povos indígenas na nossa cultura e na formação do povo brasileiro?

Outro ponto que poderia ser debatido, especificamente durante as vivências das Lutas Huka-Huka, de várias etnias e relacionadas ao ritual do Kuarup⁶⁰, “Derruba toco” dos Pataxós e “Briga de galo” dos Manchineri, é a diferenciação das culturas indígenas, enfatizando características de diversas etnias, rompendo, assim, com a visão hegemônica universalizante que rotula todos os povos indígenas como homogêneos.

Em se tratando de metodologia, o exposto acima demonstra o ensino de maneira crítica, com as discussões possibilitando o processo de emancipação dos alunos para além do senso comum e do currículo colonizado pela cultura dominante.

Além dessas discussões, cabe lembrar que o ensino deve contemplar o aprendizado dos conhecimentos específicos das práticas corporais de Lutas, quanto a isso, a conceituação das Lutas e a elucidação dos aspectos históricos dessas práticas é realizada aproveitando o conhecimento prévio dos alunos, que, segundo Neira (2011a), deve ser valorizado e contextualizado.

Como trata-se aqui de práticas corporais e de ensino, é importante salientar a escolha de métodos para o trato das atividades motoras específicas das Lutas trabalhadas, compreende-se que o método global⁶¹ melhor atende essas necessidades, pois, os fundamentos das Lutas são introduzidos com o ensino de jogos que possuem estruturas semelhantes às Lutas. No entanto, com uma forma

⁶⁰ Ritual indígena em homenagem aos mortos presente na cultura de várias etnias brasileiras como os Kamayurás do alto Xingú.

⁶¹ “O método global integra o conjunto dos métodos analíticos que se orientam no sentido do todo para as partes. Defende que a criança percebe as coisas e a linguagem em seu aspecto global, que a leitura é uma atividade de interpretação de ideias e que a análise de partes deve ser um processo posterior” (FRADE, 2017).

mais simples, sem muitas regras.

Ao introduzir as Lutas propriamente ditas neste processo metológico, defende-se a utilização de sequências de práticas de ensino randômicas que, de acordo com Schmidt e Wrisberg (2001), consiste na aprendizagem de vários movimentos sem uma ordem específica em um determinado momento evitando repetições consecutivas.

Desta forma, acredita-se garantir tanto o aprendizado sobre a temática da Diversidade Cultural quanto o aprendizado das práticas corporais específicas, atendendo aos seus aspectos motores, sem secundarizar nenhum dos saberes trabalhados.

Como todo o processo de ensino-aprendizagem requer uma avaliação, esta sistematização manifesta uma proposta de avaliação processual que, prevê o uso de vários instrumentos avaliativos em uma relação mediadora entre professor e alunos, não colocando os discentes de forma passiva no processo (HOFFMANN, 2000).

Portanto, a avaliação servirá para identificar as dificuldades dos alunos e as deficiências do processo e, se mostra como possibilidade por meio de seminários com apresentação de cartazes para expressar as temáticas relacionadas às Lutas de matrizes africana e indígena: questões de Diversidade Cultural e movimentos básicos das Lutas.

Para avaliação dos conceitos associados à temática da Diversidade Cultural, a proposta é de realização de seminário sobre o desenvolvimento histórico e cultural das Lutas trabalhadas nas aulas, além de temas como o preconceito e as desigualdades sociais interligadas à Diversidade Cultural.

Para avaliação dos movimentos básicos das Lutas, a possibilidade identificada é a de organização de festivais das Lutas indígenas, africanas e afro-brasileiras, aos quais seriam simulados combates das Lutas trabalhadas e o material de pesquisa dos seminários seria exposto para o público da escola. No caso específico da Capoeira, a organização de rodas de Capoeira como demonstração das vivências aprendidas durante as aulas foram as possibilidades apresentadas.

Realçou-se a importância da utilização de mais de um instrumento avaliativo e, que os citados seriam divididos durante (seminários) e, ao final do processo, (festival) visando garantir melhores respostas dos alunos sobre os conhecimentos apreendidos sobre as Lutas, dando conta de tematizar a Diversidade Cultural no contexto do currículo da Educação Física nas séries finais do ensino fundamental.

Não se tem, aqui, a intenção de ser este um trabalho prescritivo, mas sim o intuito de apresentar possibilidades do trato do conhecimento das Lutas na perspectiva da Diversidade Cultural, pois a literatura especializada da área ainda carece de uma sistematização do conhecimento das Lutas com a tematização da Diversidade Cultural, ou qualquer outra temática.

Assenta-se a proposição nos princípios das teorias curriculares pós-críticas, que atendem à demanda da Diversidade Cultural, compreendendo as relações de poder, não apenas pela luta de classes, mas existe a necessidade da discussão da Diversidade Cultural no currículo escolar, pela necessidade da escola de contemplar os membros dos diversos coletivos sociais que adentram seu espaço.

Ademais, demonstra-se como estas práticas corporais, tão relegadas na escola (GOMES, 2008), possuem um potencial para o trato da temática da Diversidade nas aulas de Educação Física nas séries finais do Ensino Fundamental, corroborando para a construção de um Currículo Cultural da Educação Física (NEIRA, 2011a).

Também intenciona-se tematizar as práticas corporais no currículo da Educação Física, sem secundarizar seus elementos fundamentais, como suas regras e seus aspectos estruturais basilares, dando conta tanto do conhecimento específico quanto da temática que foi proposta.

Além disso, defende-se a importância e a possibilidade de se construir as práticas pedagógicas pautadas em teorias pedagógicas e curriculares. A organização que propõe-se aqui vincula-se aos pressupostos do Currículo Cultural da Educação Física elencados por Neira (2011a) que, por sua vez, está articulado às teorias curriculares pós-críticas evidenciando o projeto educacional defendido nesta pesquisa.

Uma experiência na Escola de Aplicação: Limites e dificuldades da pesquisa-ação

A proposta aqui elaborada foi posta em prática nas turmas de 6º e 7º ano do Ensino Fundamental, da Escola de Aplicação da UFPA e, como todo o planejamento, esteve passível a mudanças durante o percurso (e sofreu mudanças), pois levando em consideração a realidade da escola básica brasileira, com dificuldades em diversos aspectos (tempo, material disponível, calendário escolar

entre outros), dificilmente um planejamento é seguido à risca pelos professores, tendo que ser realizadas adequações em algumas atividades.

Nossa intervenção se inicia com aula teórica, na qual não encontrou-se nenhuma dificuldade quanto ao material didático que utilizaríamos, pois a Escola de Aplicação possui estrutura para que oferecer para cada aluno das 5 (cinco) turmas, em um total de 125 (cento e vinte e cinco) uma cópia do texto explicativo, que serviu para a apresentação dos conceitos e classificações das Lutas e seu desenvolvimento histórico e os aspectos da cultura africana.

A resistência de muitos alunos em permanecer em sala de aula, na disciplina Educação Física também foi enfrentada durante esse primeiro encontro com as turmas. É importante ressaltar a adoção, como estratégia, a leitura coletiva do texto, realizando uma discussão sobre cada elemento nos parágrafos, aguçando os alunos com questionamentos que os fizessem pensar e argumentar sobre as temáticas discutidas como: o conceito de Luta, o conceito de cultura, aspectos da cultura africana, influências da cultura africana na sociedade brasileira e as relações entre as Lutas e a cultura dos diversos povos.

O conhecimento da cultura foi trabalhado na primeira unidade, por meio das Lutas de matrizes africana e afro-brasileira. As turmas que receberam a intervenção do planejamento A tiveram acesso à luta senegalesa Laamb que tem suas origens na preparação para a guerra e seus rituais de proteção espiritual, elementos ligados à cultura do povo local.

As turmas do planejamento B tiveram acesso à Capoeira, luta brasileira de influências africanas, símbolo da resistência do povo negro durante o período escravista no Brasil. Ambas tiveram seus elementos históricos e culturais problematizados com os alunos antes do ensino dos elementos técnicos das Lutas. Essa divisão ocorreu devido fato do tempo de intervenção ter sido reduzido, por conta do calendário escolar, sendo a diferença apenas nas Lutas vivenciadas.

A problematização ocorreu em consonância com os princípios do Currículo Cultural da Educação Física pensado por Neira (2011a), pois é com a evidenciação desses aspectos que alcançou-se a contextualização essas práticas corporais e enfatizar as diferenças entre as culturas e demonstrar a resistência destas em relação à cultura dominante que tenta padronizar os hábitos e costumes dos povos em uma única cultura considerada como a cultura correta, de caráter branco e eurocêntrico em um processo de assimilação.

A assimilação, para Hanashiro e Carvalho (2005), não é nada mais do que um processo de incorporação dos sujeitos diferentes fazendo com que estes assumam a cultura dominante e abandonem suas culturas de origem.

Portanto, contextualizar as práticas corporais e reconhecer a Diversidade da cultura dos povos historicamente excluídos do processo torna-se uma alternativa ao neoliberalismo presente na escola, por esta refletir os pressupostos da sociedade neoliberal, dando ênfase em um Currículo Cultural da Educação Física (NEIRA, 2006).

Seguindo na direção do Currículo Cultural, problematizando e contextualizando as Lutas de matrizes africana e afro-brasileira, não se pode esquecer que o ensino dos elementos técnicos e específicos das práticas corporais também é importante para o conhecimento que está sendo trabalhado, assim, o Laamb e a Capoeira foram trabalhados dentro de suas especificidades, mas sempre resgatando os elementos culturais intrínsecos a suas práticas. O Laamb, compreendido como luta de agarre e curta distância, e a Capoeira como uma luta de toque e média distância, resgatando assim os conceitos e classificações apresentados na primeira aula, utilizando uma das formas de classificação apresentada por Gomes (2008) baseada na distância e no tipo de contato.

Como explanado no planejamento das ações, as aulas não foram iniciadas diretamente com as vivências das Lutas, mas por meio de jogos de oposição que remetem aos aspectos desse conhecimento para a compreensão de suas características universais: imprevisibilidade, oponente/alvo, regras, oposição, simultaneidade e contato físico direto (GOMES, 2008). Entende-se que antes de vivenciá-las se faz necessário que os alunos compreendam a lógica interna destas práticas, o que as caracteriza como específica e os diferencia dos outros conhecimentos da Cultura Corporal de Movimento.

Como sinalizaram Maldonado e Bocchini (2013), os jogos de oposição são os que mais se aproximam das Lutas pela forma de sua organização interna, portanto, acredita-se ser imprescindível a utilização desses jogos para o trato desse conhecimento em qualquer perspectiva, assim, pode-se apontar que a indicação dos jogos de oposição, presentes na literatura, podem auxiliar a prática pedagógica dos professores que necessitam se aproximar deste conhecimento por meio de qualquer abordagem da Educação Física, visto que, uma das principais fragilidades das propostas presentes na literatura especializada sobre as Lutas é o distanciamento

das abordagens pedagógicas da Educação Física.

Seguindo essa lógica, não houve grandes dificuldades no trato com as características comuns das Lutas inseridas nos jogos de oposição, no entanto, ao trabalhar-se a prática específica do Laamb, enfrentaram-se dificuldades que fizeram com que algumas adaptações fossem realizadas na vivência desta luta, que por se tratar de uma atividade de agarre, logo um contato maior entre os oponentes, e possuir momentos de queda para atingir o objetivo do combate, as chances dos alunos se machucarem em decorrência de acidentes era maior, por conta disso, adotou-se como estratégia a substituição da queda pelo simples toque no joelho do oponente evitando com que os alunos caíssem no solo de concreto da quadra.

Além disso, foram enfatizados os aspectos ritualísticos da luta para elucidar o Laamb como prática cultural e espiritual do povo senegalês e não somente uma simples luta para subjugar o outro, isto é importante para que os alunos compreendessem o símbolo da não violência que a luta possuía, pois como demonstra Rufino e Darido (2015b), a preocupação com a violência é um dos principais fatores restritivos do trato com o conhecimento das Lutas na escola básica.

Mesmo com todos os cuidados, observou-se duas situações que chamaram a atenção: ao colocar os alunos como oponentes, dividindo-os em grupos que iriam se enfrentar, constatou-se que a divisão de grupos realizadas na auto-organização dos alunos revelou que alguns deles utilizaram os confrontos que deveriam ter um teor lúdico em resolução de problemas pessoais e/ou rivalidades existentes entre os mesmos em seu convívio na escola. Tais eventos nos levaram a problematizar a violência nas escolas e a competição exacerbada presente na sociedade.

Outro fator que chamou a atenção foi o receio de meninas se misturarem com meninos, na qual as meninas temiam ser machucadas pelos mesmos, o que nos fez constatar que além da questão da violência nos seus mais diversos aspectos, havia também as questões de gênero que devem ser problematizadas no ensino das Lutas.

Esses acontecimentos comprovam os argumentos de Só (2014) que relata que além da violência, há o machismo presente no universo das Lutas decorrente de influências midiáticas, fazendo com que os alunos tragam esses reflexos para suas práticas cotidianas.

Essas temáticas podem ser trabalhadas com o conhecimento das Lutas,

abordando a maior presença e o maior interesse do público masculino nesse universo e a espetacularização criada pela mídia para vender produtos relacionados aos combates, a exemplo do MMA (*Mixed Martial Arts*)⁶², corroborando para o que afirmam Maldonado e Bocchini (2013) ao salientar o potencial das Lutas para o trato com essas temáticas.

Na prática da Capoeira não se teve as mesmas dificuldades enfrentadas no Laamb, por se tratar de uma Luta de média a longa distância. Entretanto, enfrentaram-se dificuldades quanto ao tempo para trabalhar os movimentos básicos, pois ao contrário do Laamb, a Capoeira possui um acervo muito maior de gestos técnicos e movimentos específicos.

Foram necessárias três aulas somente para os fundamentos básicos da Capoeira: Ginga, negativa, rolê, golpes, esquivas, movimentos coreográficos e os rituais básicos da roda de Capoeira. Enfrentou-se, inicialmente, a intenção de que os alunos pudessem conhecer e tentar tocar os instrumentos musicais da Capoeira, entretanto, outra dificuldade encontrada foi a de conseguir os instrumentos para utilizá-los nas aulas.

Para superar esta dificuldade adotou-se como estratégia a exibição de imagens em fotografias e vídeos com os sons dos instrumentos para que os alunos pudessem conhecê-los e ouvir sua sonoridade e a importância que cada instrumento possui na roda, assim como as raízes históricas da existência e da inserção de cada um no ritual da roda de Capoeira.

Um dos destaques positivos do trato com os fundamentos básicos refere-se à facilidade na auto-organização dos alunos no momento da prática dos fundamentos. Os procedimentos metodológicos utilizados ajudaram para que isso acontecesse, haja vista que, ao pedir para que os alunos se organizassem em duplas e depois em grupos, realizando sequências de movimentos previamente demonstrados um a um; estes puderam compreender melhor o objetivo de cada movimento e qual a aplicação destes em uma roda de Capoeira.

A partir das sequências de movimentos, conseguiu-se problematizar quais os elementos comuns das Lutas estavam presentes na Capoeira, qual classificação está se enquadrava e quais as diferenças para as Lutas das outras classificações.

Além dos fundamentos básicos, outros aspectos intrínsecos à Capoeira

⁶² Artes Marciais Mistas.

serviram de problematização, como o racismo e a resistência que esta luta representa para o povo negro na história do Brasil e, assim como no trato com o Laamb, não se teve dificuldades em discutir essas temáticas na turma, sendo o racismo uma das manifestações decorrentes de uma cultura branca e eurocêntrica.

Por isso, se torna um importante tema para a discussão da Diversidade, a partir da cultura do povo afro-brasileiro, historicamente silenciado em suas mais diversas expressões, como as religiosas, culturais e também as práticas corporais que, inseridas na cultura afro-brasileira, são alvo de preconceito na sociedade. A importância da Capoeira justifica-se não apenas por ser uma Luta “nacional”, mas por toda sua carga cultural e ritualística herdada de diferentes práticas sociais e religiosas dos povos afrodescendentes.

Partindo das experiências da primeira metade das aulas, percebe-se que tanto no planejamento A, com a prática do Laamb, quanto no Planejamento B, com a Capoeira, estabeleceu-se discussões sobre a temática da Diversidade Cultural ao retratar a cultura dos povos africanos e afro-brasileiros por meio das práticas corporais de Lutas, entretanto, ainda era importante enfatizar as culturas dos diversos povos negros, a fim de desconstruir a visão uniformizada sobre o negro, como se não existisse Diversidade Cultural entre os povos africanos, visão esta, construída a partir de um currículo colonizado que, no decorrer do tempo, conseguiu apenas celebrar a Diversidade de forma superficial.

Uma das formas encontradas para atingir o objetivo de estabelecer discussões sobre esta temática foi a aplicação de pesquisa, inserindo-a como um dos instrumentos de avaliação do processo, levando os alunos a atuarem participativamente mais ativos do processo de construção de conhecimento, com isso optou-se por mais de um instrumento de avaliação, conforme Hoffmann (2000).

A investigação na qual envolveu os alunos resultaria em apresentação de seminário com os seus resultados. As atividades propostas consistiram em pesquisar sobre Lutas de matriz africana em grupo, no qual cada grupo ficaria responsável por uma Luta específica, para que não houvesse repetição nos grupos. Assim, definiu-se previamente os nomes de algumas Lutas africanas: Bassúla (Angola), Dambe (Nigéria), Evala (Togo), Tahtib (Egito) e Capoeira (Brasil), esta última incluída para os alunos do planejamento A que não vivenciaram a Capoeira. Os alunos deveriam investigar além dos elementos técnicos e implementos, as raízes históricas e relações com a cultura do país de origem e, ao final do seminário,

conversar sobre as diferenças entre as Lutas e as culturas dos diversos povos africanos.

Os alunos relataram dificuldades para realização da pesquisa, pois muitos não possuíam acesso à internet ou tinham a possibilidade de se reunir para melhor desenvolvimento desta atividade, fato esse que nos fez refletir sobre os rumos da avaliação. Pensando nisso, destinaram-se duas semanas em que as aulas ocorreriam para que os alunos realizassem a pesquisa no laboratório de informática da escola no horário das aulas.

A Escola de Aplicação possui uma estrutura com vários laboratórios o que tornou possível a pesquisa, mesmo atrasando o calendário das aulas. No entanto, pensando em grande parte das escolas públicas do município de Belém, as quais não possuem laboratórios de informática ou ao menos um computador com acesso à internet, seria inviável tal pesquisa, um complicador que somado aos relatados pelos alunos tornam visíveis a importância de condicionantes básicos para o desenvolvimento das atividades escolares, sendo a pesquisa um instrumento com muitas possibilidades para os alunos.

As semanas utilizadas para as pesquisas dos alunos atrasaram o calendário das aulas causando modificações nos outros momentos de avaliação. Tendo em vista as dificuldades e um cronograma a ser cumprido, não foi possível a realização de uma nova pesquisa para o segundo seminário na unidade, que trataria das Lutas de matriz indígena. Permaneceram, entretanto, como instrumentos avaliativos o festival de Huka-Huka e a entrevista coletiva final.

De forma similar ao início da unidade das Lutas de matriz africana, o ensino das Lutas de matriz indígena também iniciou com aula teórica, para que os alunos pudessem conhecer elementos da cultura indígena e as tradições de seus povos. Como os conceitos e classificações das Lutas já foram trabalhados nas Lutas de matriz africana, o texto explicativo para as Lutas de matriz indígena foi menor e fez com que houvesse maior tempo na primeira aula, no qual foi utilizado para introduzir a primeira Luta que seria desenvolvida: o Huka-Huka, luta dos povos kamayurás do alto Xingú.

Por conta disso, foi retratada a cultura desse povo ressaltando as diferenças existentes com a cultura de outros povos nativos do território brasileiro, pois assim como os africanos e afro-brasileiros, os indígenas também são povos heterogêneos e possuem diferenças em suas culturas.

Além do texto explicativo sobre a cultura indígena, utilizou-se como recurso a exibição de um vídeo que retratou a prática da Huka-Huka, na aldeia dos Kamayurás, seus aspectos ritualísticos e suas relações com as tradições desse povo. Assim como aconteceu na unidade das Lutas de matriz africana, os alunos tiveram facilidade na compreensão desses aspectos.

O tempo da primeira aula nos permitiu ainda vivenciar jogos de oposição para reforçar os conhecimentos sobre as características universais das Lutas, enquanto a prática da luta propriamente dita foi utilizada para a identificação das características específicas da luta de curta distância e agarre. No mais, os aspectos ritualísticos e das tradições dos povos que integram o Huka-Huka em sua cultura foram problematizados.

As características culturais foram ressaltadas a fim de relacioná-las com as práticas de Lutas difundidas atualmente pela mídia, questionando a ausência de significados destas e evidenciando o significado espiritual, ritualístico e cultural desconhecido pelas pessoas, em virtude das práticas corporais dos povos indígenas serem desconhecidas, devido à lógica globalizante que tenta uniformizar uma única cultura.

Visando desmitificar essa visão escolheu-se outras duas lutas indígenas para destacar as diferenças culturais entre povos nativos do território brasileiro, possibilitando a compreensão da Diversidade Cultural de forma crítica, evitando uma simples celebração das diferenças no currículo escolar, ao qual não existe problematização ou questionamento sobre a presença/ausência dessa Diversidade no ambiente escolar (DUSSEL, 2002).

As Lutas escolhidas foram o “Derruba toco”, da cultura dos Pataxós, situados entre Bahia e Minas Gerais; e a “Briga de galo”, do povo Manchineri do Acre, que embora tivessem o mesmo trato do Huka-Huka, com os jogos de oposição e as características comuns das Lutas, tiveram a preocupação de explicitar as diferenças culturais entre povos considerados “iguais” pelo senso comum e pelo currículo colonizado que apenas reconhece os povos tradicionais como “índios”, colocando-os como um único povo.

Devido ao atraso no cronograma por conta do tempo destinado ao seminário da unidade anterior, utilizou-se apenas três aulas para trabalhar estas Lutas, pois havia um calendário escolar a ser cumprido, isso nos obrigou a avançar para um dos instrumentos avaliativos na aula seguinte, na qual os alunos deveriam organizar um

festival de Lutas indígenas com todos os elementos trabalhados anteriormente. Com o curto espaço de tempo foi necessário realizar esta avaliação em uma semana de aulas.

O pouco tempo devido ao calendário escolar foi uma das principais dificuldades nas intervenções da pesquisa, entretanto, concluiu-se a pesquisa e obter os dados que foram coletados nas duas entrevistas coletivas realizadas no início e ao final do processo, esses dados nos ajudaram a identificar contribuições do ensino das Lutas nas aulas de Educação Física na perspectiva da Diversidade Cultural.

As contribuições para a Diversidade Cultural no currículo do Ensino Fundamental constatadas na análise dos dados serão apresentadas na próxima seção por meio de inferências elaboradas a partir de quadros, criados com os núcleos das respostas dos sujeitos seguindo um roteiro de pesquisa.

O trato do conhecimento das Lutas na perspectiva da Diversidade Cultural: análise dos dados

Esta seção tem o objetivo de apresentar as contribuições do ensino das Lutas no currículo da Educação Física no Ensino Fundamental na perspectiva da Diversidade Cultural, a partir da análise das entrevistas coletivas realizadas durante a pesquisa-ação.

As contribuições apresentadas partem das respostas dos alunos, por meio de suas experiências com as Lutas de matriz africana, afro-brasileira e indígenas vivenciadas durante três meses de pesquisa e refletem como estes avançaram sua compreensão em relação à Diversidade Cultural. Além do mais, os dados também nos possibilitam reconhecer possíveis limitações no processo de ensino-aprendizagem e de pesquisa.

Nossas inferências foram concebidas assentando-nos no método de análise “Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado” de Moreira, Simões e Porto (2005), como demonstrado na metodologia, este método possui três momentos distintos: relato ingênuo, identificação de atitudes e interpretação.

O primeiro momento do processo se deu na transcrição das falas dos alunos que, serviu para a concretização do segundo momento, a identificação de atitudes, que nos possibilitou criar categorias, a partir do núcleo das falas dos alunos. Estes núcleos serão apresentados em quadros comparativos das respostas antes e depois

das intervenções, com cada pergunta possuindo seu próprio quadro.

As inferências produzidas a partir desses quadros consistem no terceiro momento do método da “Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado”: a interpretação, que será a análise dos dados a partir dos pressupostos teóricos que norteiam a pesquisa.

Como nossa proposta de ensino das Lutas na perspectiva da Diversidade Cultural, além de dar conta da temática em questão, objetiva também o aprendizado dos conhecimentos específicos das práticas corporais de Lutas, as perguntas elaboradas dizem respeito tanto aos fundamentos do próprio ensino das Lutas quanto aos elementos da Diversidade Cultural.

Os quadros apresentam os núcleos dos discursos dos sujeitos em ordem decrescente do número de vezes que o núcleo aparece, esse número está expresso entre parênteses ao lado dos itens.

O **quadro 07** apresenta os núcleos das respostas da primeira pergunta do roteiro: “Para você o que é Luta(s)?”:

Quadro 07: Comparativo das respostas da pergunta “Para você o que é Luta(s)?”

| Para você o que é Luta(s)? | |
|------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------|
| ANTES | DEPOIS |
| 1- Esporte (5) | 1- Modo de defesa/forma de se defender/defesa pessoal (5) |
| 2- Arte de defesa/ defesa pessoal/ autodefesa/Forma de se defender (4) | 2- Maneira de se divertir/forma de se divertir, aprender e ter respeito/forma de lazer (3) |
| 3- Arte marcial (2) | 3- Esporte (2) |
| 4- Briga/Jeito de uma pessoa sentir dor (2) | 4- Arte marcial/arte que ensina seus praticantes (2) |
| 5- Vingança/ forma de descontar a raiva (2) | 5- Dança (1) |
| 6- Lazer (1) | 6- Briga (1) |
| | 7- Parte de culturas (1) |

Fonte: criado pelo autor a partir da Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado (MOREIRA; SIMÕES; PORTO, 2005).

A primeira pergunta do roteiro de entrevista não poderia fugir do entendimento dos alunos sobre o conceito que estes possuem sobre as Lutas; e como, já era esperado as respostas foram influenciadas pelo conhecimento do senso comum,

principalmente ao que a grande mídia propaga, pois, o mais respondido pelos alunos foi a luta no viés esportivo.

No próprio campo teórico específico grande parte dos procedimentos didático-metodológicos para o ensino das Lutas é apresentado com base na Pedagogia do Esporte, como defende Gomes (2008), embora a autora enfatize o caráter provisório dessa pedagogia, reforçando a necessidade da criação de uma pedagogia das Lutas, fato que é questionado por Rufino e Darido (2015b) que defendem a urgência da desvinculação das Lutas com o Esporte.

No que tange as outras respostas nas entrevistas anteriores às intervenções, pode-se observar a visão que os alunos possuíam quanto à vinculação das Lutas com a violência ao citarem que as Lutas eram uma forma de “vingança” e o “jeito de uma pessoa sentir dor”, preocupação real citada por Nascimento e Almeida (2007). No entanto Nascimento (2008), em sua proposta de sistematização do conteúdo, sugere que nos anos finais do ensino fundamental conhecimentos de caráter crítico sejam trabalhados como o confronto de conceitos entre Luta e briga.

Essa problematização foi realizada durante as primeiras aulas, nas quais foram utilizados o texto explicativo para esclarecer os conceitos e classificações das Lutas, onde, além de refletirem sobre os aspectos culturais das Lutas, os alunos puderam compreender o significado das Lutas para além de uma simples prática corporal, isso ficou materializada nas respostas das entrevistas ao final das intervenções, o quadro comparativo demonstra a drástica mudança de visão dos alunos quanto ao significado das Lutas desmitificando a relação com a violência.

A compreensão do significado das Lutas também se evidencia na resposta que relaciona as Lutas com a Dança, obviamente que ao dar esta resposta, os alunos demonstram a apreensão dos elementos da Capoeira como Jogo, Luta e Dança, entendendo o contexto que forjou estas características. O entendimento dos significados das Lutas também está presente na resposta que afirma que as Lutas são parte de culturas, explicitando que as Lutas como toda a prática social possui uma dimensão cultural e possui relação com o significado, portanto, a cultura está presente em todas essas práticas (HALL, 1997). Ademais, os alunos apreenderam o caráter educativo que as Lutas possuem transparecidos nas respostas: “Arte marcial/arte que ensina seus praticantes”, “aprender e ter respeito”. Respostas que ligam as Lutas ao Esporte e violência continuaram aparecendo, todavia diminuiram consideravelmente apontando os avanços conseguidos com as aulas.

Os conhecimentos conceituais dos alunos sobre Lutas foram investigados pela segunda pergunta da entrevista. É interessante traçar um paralelo sobre os conceitos de Lutas que estes conheciam antes e depois da pesquisa-ação. Importante também é saber quais as Lutas estão presentes em seus cotidianos. Portanto, o **quadro 08** destaca quais os tipos de luta que os alunos conhecem.

Quadro 08: Comparativo das respostas da pergunta “Quais os tipos de luta você conhece?”

| Quais os tipos de luta você conhece? ⁶³ | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ANTES | DEPOIS |
| 1- Esportes de Combate (Judô/ Karatê/ Boxe/ Muay Thai/ Esgrima/ MMA/ UFC/ Taekwondo) (27) | 1- Esportes de Combate (Boxe/Karatê/Taekwondo/Muay Thai/Judô/MMA/Esgrima/UFC) (25) |
| 2- Lutas folclórica e/ou culturais (Capoeira/ luta de índio/ Sumô) (7) | 2- Lutas folclórica e/ou culturais (Capoeira/HukaHuka/Evala/Dambe/Bassúla/lutas indígenas/Tahtib/Laamb) (21) |
| 3- Kung Fu/ Aikidô (5) | 3- Lutas de ataque e defesa (Jiujitsu) (4) |
| 4- Lutas de ataque e defesa (Jiujitsu) (4) | 4- Artes Marciais (Kung Fu/Sumô) (2) |
| 5- Briga de rua (1) | |

Fonte: criado pelo autor a partir da Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado (MOREIRA; SIMÕES; PORTO, 2005).

O agrupamento das Lutas citadas foi feito levando em consideração uma classificação que compreende as práticas corporais de Lutas pela forma como estas se constituem hoje: Esportes de combate; Lutas de ataque e defesa; Lutas folclóricas e/ou culturais; Artes marciais (OLIVEIRA; GOMES; SUZUKI, 2009).

As entrevistas iniciais mostraram que o conhecimento predominante entre os alunos é sobre as Lutas classificadas como Esportes de combate, esta situação pode ser justificada por serem as Lutas mais difundidas pela mídia, principalmente por muitas delas fazerem parte dos jogos olímpicos e, por conta disso, possuírem uma visibilidade maior por parte do grande público.

Os alunos citaram em grande escala o MMA como luta, por conta da sua propagação como espetacularização, criada pelos meios de comunicação para atender ao mercado. As transmissões das Lutas de MMA acontecem no mundo inteiro criando um verdadeiro mercado em torno de sua exibição, tanto nas transmissões televisivas quanto na venda de produtos ligados ao evento como

⁶³ Lutas agrupadas de acordo com a classificação de Oliveira, Gomes e Suzuki (2009).

camisas, shorts e equipamentos de Lutas, visando manter um público espectador e consumidor.

Isso demonstra o que Hall (1997) afirma ser as contradições que a globalização causa com as exportações culturais, pois faz com que as diferenças e culturas locais sejam esquecidas. A materialização desse acontecimento reflete-se nos poucos relatos dos alunos sobre o conhecimento das Lutas folclóricas e culturais, que são aquelas que possuem estreita relação com as tradições dos povos locais, no caso da nossa pesquisa, dos povos indígenas, africanos e afro-brasileiros, de suma importância para formação do povo brasileiro.

Apenas 7 (sete) relatos (ao contrário dos 27 -vinte e sete- que relataram os Esportes de combate) explicitaram as Lutas folclóricas e culturais: “Capoeira/ luta de índio/ Sumô”, a forma como os sujeitos se reportaram as lutas de matriz indígena chamando-as de “luta de índio” destaca ainda que as poucas pessoas que já ouviram falar das Lutas de matriz indígena as conhecem de forma genérica.

Avanços significativos foram identificados após a intervenção, pois, apesar dos Esportes de combate ainda serem a maioria nos relatos dos alunos, as citações das Lutas culturais de matriz africana, afro-brasileira e indígena tiveram um número muito próximo aos Esportes de combate, o que demonstra a importância da pesquisa no processo de avaliação, pois a maioria das Lutas citadas foi apresentada no seminário resultante do trabalho de pesquisa dos alunos, mostrando a apreensão desses conhecimentos pelos alunos que, assim puderam conhecer a Diversidade presente nas Lutas de matriz africana e indígena.

Logo, os aspectos das culturas desses povos também foram apreendidos pelos alunos com as discussões promovidas nas aulas, pois o currículo deve valorizar as culturas desprivilegiadas historicamente por um currículo que tenta homogeneizar as culturas. Neira (2011a) alega que esse currículo, que atende uma cultura dominante seguindo a lógica da globalização, pretende destruir as culturas locais descaracterizando suas identidades e contribuir para a assimilação dos indivíduos pertencentes aos grupos minoritários.

Essa assimilação acontece quando os sujeitos pertencentes a tais grupos têm suas culturas, ou cultura dos povos que os formou, negada no currículo escolar. Quando os alunos de escolas públicas que, historicamente são formados por pessoas que surgiram da miscigenação de povos indígenas, africanos e afro-brasileiros, não tem acesso ou não têm valorizadas as culturas desses povos, estes

tendem a absorver os produtos culturais dominantes e consumi-los, a exemplo da lógica do MMA e dos jogos olímpicos que atraem a atenção de milhões de pessoas pelo mundo.

Diante desse cenário, coube-nos questionar os alunos sobre o papel das Lutas e conhecer a visão que estes possuíam sobre este papel. O **quadro 09** exibe as respostas da pergunta “Para que servem as Lutas?”

Quadro 9: Comparativo das respostas da pergunta “Para que servem as Lutas?”

| Para que servem as lutas? | |
|------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------|
| ANTES | DEPOIS |
| 1- Se defender/ defesa pessoal (5) | 1- Se defender/defesa (5) |
| 2- Competir/usar nos campeonatos/ olimpíadas/ torneios/ pra disputar(5) | 2- Se exercitar/praticar (3) |
| 3- Ser brabo/atacar/ resolver problemas/ vingança (4) | 3- Se distrair/lazer (3) |
| 4- Bem-estar/ fortificar os músculos/ melhorar a respiração/ qualidade de vida (4) | 4- Aprender novas coisas/aprendizagem/ter mais conhecimento (3) |
| 5- Lutar (1) | 5- Aprender respeito/ uma forma de disciplina/fazer as pazes (3) |
| 6- Aprender mais um Esporte (1) | 6- Mostrar a força (1) |
| 7- Ser mais respeitoso (1) | 7- Praticar um Esporte (1) |
| 8- Lazer (1) | 8- Ganhar confiança (1) |
| 9- Emprego para os lutadores (1) | 9- Apanhar (1) |
| | 10- Sobrevivência (1) |
| | 11- Atacar (1) |
| | 12- Definir quem é o campeão (1) |

Fonte: criado pelo autor a partir da Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado (MOREIRA; SIMÕES; PORTO, 2005).

As respostas anteriores às intervenções confirmam que os alunos faziam associação das Lutas com a violência, confundindo-as com o conceito de briga ou a relacionavam à perspectiva do rendimento físico-desportivo nas competições de visibilidade como os jogos olímpicos, no entanto, uma boa parte dos relatos citou as Lutas como instrumento de defesa pessoal.

Estas respostas demonstram o desconhecimento que os alunos possuíam das raízes históricas das Lutas e sua ligação com a formação dos territórios e com a Educação dos povos que as criaram, além das questões ritualísticas que estavam intrínsecas a algumas Lutas, especialmente as de matriz africana e indígena.

Após as intervenções percebeu-se nas respostas que, os sujeitos passam a compreender o caráter pedagógico das Lutas e sua função de formar os sujeitos que

as praticavam. Esse entendimento foi possível através da contextualização das Lutas trabalhadas, não sendo tratadas apenas como práticas corporais e sendo vivenciadas como tal, mas foram vivenciadas em seus mais amplos significados, embora alguns relatos ainda apontem permanência da visão anterior de alguns indivíduos.

O Currículo Cultural da Educação Física preconiza a contextualização das práticas corporais, pois os elementos constitutivos dessas práticas são peculiaridades da identidade cultural dos povos que as desenvolvem (NEIRA, 2011a), portanto, Lutas como o Huka-Huka, por exemplo, devem ter evidenciados seus traços ritualísticos relacionados à cultura de seu povo, como a conexão com o ritual do Kuarup, importante na cultura Kamayurá. Do contrário, o currículo da Educação Física, ao tratar as práticas corporais apenas em seus conhecimentos motores, torna-se apenas mais uma versão neotecnicista de um currículo que visa formar identidades iguais ou, melhor dizendo, formar identidades competentes para servir aos interesses neoliberais de mercado (NUNES; RUBIO, 2008).

Por outro lado, um trato superficial da Diversidade Cultural não contribui para o reconhecimento desta e a valorização das diferenças. Neira (2008) afirma que as próprias reformas curriculares apresentam contradições em suas propostas de valorização da Diversidade Cultural, sendo divergentes o que é proposto e o que realmente vem sendo feito nas escolas, entretanto, pode-se inferir que no cenário brasileiro atual a situação é ainda pior, pois a última versão da BNCC (BRASIL, 2017) apresenta as contradições em seu próprio texto, ao discursar em favor da Diversidade em uma proposta alicerçada por habilidades e competências.

Sendo assim, acredita-se que a Diversidade deva ser tratada na perspectiva do Currículo Cultural da Educação Física, pois este a concebe em sua plenitude, compreendendo que o currículo forma identidades e valoriza as diferenças. Desta forma, um trato crítico e histórico das práticas corporais concorre para o reconhecimento da Diversidade.

Pensando na historicidade que as Lutas possuem e na importância dessa abordagem para um ensino crítico, a pergunta seguinte no roteiro de entrevistas coletivas foi “Você sabe como surgiram as Lutas?”, como mostra o **quadro 10**, com o objetivo de saber quais os conhecimentos históricos os alunos já traziam sobre as Lutas e como a abordagem das aulas contribuiu para o avanço nesse viés.

Quadro 10: Comparativo das respostas da pergunta “Você sabe para que surgiram as Lutas?”

| Você sabe como surgiram as Lutas? | |
|-------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ANTES | DEPOIS |
| 1- Nas guerras/ expulsões/ por guerra (4) | 1- Povos antigos/através dos africanos/através dos japoneses/ em aldeias indígenas/pelos indígenas (5) |
| 2- Lutando/ brigando/ em brigas (3) | 2- Na Grécia antiga/depende de como se desenvolveu e teve suas raízes/na antiguidade/quando os animais lutavam (4) |
| 3- Quando os animais lutavam (1) | 3- Através da cultura/da cultura/a partir da cultura (3) |
| 4- Na Grécia antiga (1) | 4- Pelas guerras/começou desde as guerras (2) |
| 5- Forma dos escravos se defenderem (1) | 5- Se defender (2) |
| 6- Por uma necessidade (1) | 6- Nos seus rituais (1) |
| | 7- Com brigas (1) |
| | 8- Brincadeiras (1) |
| | 9- Através de catástrofes (1) |
| | 10- Modo de sobrevivência (1) |
| | 11- Necessidade (1) |

Fonte: criado pelo autor a partir da Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado (MOREIRA; SIMÕES; PORTO, 2005).

Do ponto de vista histórico, observa-se que os alunos detinham uma boa noção da origem das Lutas, alegando que estas surgiram nas guerras e disputas por território. Entretanto, poucos se manifestaram nesta pergunta, o que mudou após as intervenções, pois os alunos se mostraram mais participativos nas respostas por possuírem mais conhecimentos sobre o surgimento das Lutas.

As respostas passaram a ser mais relativizadas, tendo em vista que, já se compreendia que as Lutas tiveram origens diferentes em várias partes do mundo, conforme as respostas mais citadas, os locais de origem foram: África, Japão, Grécia. Além disso, foi muito citada a relação com os povos indígenas.

Outro fator de mudança que explicita as contribuições de um currículo da Educação Física, em uma perspectiva cultural, é a relação com a cultura presente nas respostas. Como corrobora Hall (1997), a cultura não é tudo, mas está presente nos significados que os indivíduos dão às coisas, sendo as Lutas uma expressão

dos significados da cultura de um povo.

Por ser repleta de significados, as Lutas precisavam de um trato que desmitificassem a associação com a violência. Para isso, era necessário conhecer a “bagagem” que os alunos traziam sobre as Lutas e a violência que para o senso comum estão intrínsecas. Em vista disso o **quadro 11** apresenta os núcleos das respostas da pergunta “As Lutas são violentas?” e nos ajuda a compreender como se deu o processo de esclarecimento sobre essa associação.

Quadro 11: Comparativo das respostas da pergunta “As Lutas são violentas?”

| As lutas são violentas? | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ANTES | DEPOIS |
| 1- São/machuca/ pode matar/sim/sai alguma pessoa ferida/sim/feitas pra agredir/ a maioria machuca/ os adversários não se respeitam (10) | 1- Algumas/ nem todas/depende da situação/algumas não tem regras/depende/as de curta distância (9) |
| 2- Não/ é um Esporte/ é pro bem/ foram feitas como forma de expressão/usa proteção/ os adversários se respeitam (9) | 2- Não/Nenhuma (8) a) Luta não é violência (1) b) Violenta é briga (1) c) Algumas são danças (1) d) Todas tem regras (1) e) Só se você não souber usar (1) f) Por causa das regras (1) g) Pode ferir (1) |
| 3- Nem todas/depende/algumas (5) | 3- Sim (2) a) Deixa o olho roxo/ pode desmaiar (2) |

Fonte: criado pelo autor a partir da Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado (MOREIRA; SIMÕES; PORTO, 2005).

Pode-se perceber que, antes das intervenções, destaca-se um conceito marginalizado que associa as Lutas à violência, o que deve ser desmitificado de acordo com Só (2014). Corroborando com este autor, Rodrigues et al (2017) esclarece que a violência não é algo que é trazido pelas Lutas para dentro da escola e que esta associação depende da forma como o professor trabalha este conteúdo.

De fato, concorda-se com os dois autores nestes pontos, pois ao refletir, conclui-se que a violência é algo que está presente no próprio ambiente escolar como um todo, haja vista que, a escola é um reflexo da sociedade em que encontra-

se a violência e a violência no âmbito escolar não é nada mais do que resultado das mazelas sociais presentes na realidade dos próprios alunos.

Pensando nos argumentos de Só (2014), problematizaram-se durante as intervenções a questão da violência associada às Lutas e a problematização dos valores culturais, atrelados às práticas corporais de Lutas, obtendo como resultado significativas mudanças nas respostas pós-intervenção, como a maior relativização da relação “Lutas/violência” e alguns aspectos interessantes nas respostas como:

- 1- “Luta não é violência”/ “Violenta é briga”: essas respostas indicam que os alunos assimilaram o aprendizado na dimensão conceitual das diferenças entre luta e briga, indicando avanços na compreensão do que são as Lutas na sua essência;
- 2- “Algumas são danças”: esse exemplo demonstra o entendimento das raízes culturais e ritualísticas das Lutas trabalhadas como a Capoeira, na qual a Dança é um dos elementos principais;
- 3- “Todas tem regras”/ “Por causa das regras”: estas respostas nos permitem inferir que os alunos também compreenderam as características comuns das Lutas que, segundo Gomes (2008) tem as regras como um de seus itens, isso mostra também que o conhecimento dessas características auxilia na desvinculação das Lutas com a violência;

Sendo assim, os principais avanços em relação à violência tornam possível o esclarecimento de ideias propagadas pelo senso comum, que marginaliza as Lutas e as coloca como vilãs no contexto escolar, causando restrições para que este conteúdo figure no rol de conhecimentos do currículo da Educação Física escolar, no Ensino Fundamental.

Quanto ao trato da Diversidade Cultural, as possibilidades de valorização das culturas africana, afro-brasileira e indígena deu-se pelo trato específico com Lutas dessas matrizes que muitas vezes são desconhecidas pelos alunos. Entretanto, constatou-se que também é possível trabalhar os conhecimentos específicos das Lutas com o trato das Lutas de matrizes africana, afro-brasileira e indígena.

Como no processo de aprendizagem, as experiências dos alunos devem ser resgatadas para que, a partir delas, seja possível contextualizar as práticas corporais. NEIRA (2008) foi plausível ao enfatizar o questionamento dos alunos

quanto às vivências de Lutas que estes já tiveram em suas vidas como mostra o **quadro 12**.

Quadro 12: Comparativo das respostas da pergunta “Você já praticou alguma Luta? Quais?”

| Você já praticou alguma Luta? Quais? | |
|-------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------|
| ANTES | DEPOIS |
| 1- Karatê/Judô/ Muay Thay/ Boxe chinês/Taekwondo (15) | 1- Judô/Muay Thai/Karatê/Taekwondo/Boxe/Boxe Chinês/UFC (19) |
| 2- Capoeira (5) | 2- Huka-Huka/Capoeira/lutas que a gente praticou na aula (9) |
| 3- Kung Fu/ Aikidô (3) | 3- Jiujitsu/hapkido (6) |
| 4- Jiujitsu (1) | 4- Artes marciais/Kung Fu (3) |
| 5- Não (1) | 5- BDR/de travesseiro (2) |
| 6- Briga de rua (1) | |

Fonte: criado pelo autor a partir da Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado (MOREIRA; SIMÕES; PORTO, 2005).

Mais uma vez, agruparam-se as Lutas no quadro, acima, seguindo a classificação de Oliveira, Gomes e Suzuki (2009) e, como maior número de respostas obteve-se as Lutas consideradas Esportes de combate (Karatê, Judô, Muay Thay, Boxe chinês, Taekwondo).

Esses resultados nos mostram que as Lutas consideradas como Esportes são as mais praticadas pelos alunos, reflexo da maior oferta destas nas academias e amplamente divulgadas em grandes eventos competitivos, como as olimpíadas e o MMA, sendo a Capoeira a única luta de origem local citada nas entrevistas. Isso demonstra que os sujeitos desconhecem as práticas corporais dos povos que os formaram, fruto do processo de globalização que tenta a unificação em torno da cultura dominante. É a cultura global, amplamente difundida no MMA e nos jogos olímpicos, que reservam as Lutas ao círculo de Esportes de alto rendimento, enfatizando os princípios da competição exacerbada de uma sociedade neoliberal.

Pode-se inferir que as respostas dadas após as intervenções proporcionaram aos alunos o acesso a práticas corporais de Lutas que estes desconheciam anteriormente (“Huka-Huka/Capoeira/lutas que a gente praticou na aula”), de caráter local e com forte viés histórico e cultural relacionado com os povos que também formaram a sociedade brasileira.

O trato dos conhecimentos, na perspectiva do Currículo Cultural da Educação Física, proporcionou aos alunos o acesso à cultura negada a estes, a cultura dos grupos menos favorecidos, fazendo com que os sujeitos se identifiquem com estas práticas, pois, segundo Neira (2011a), o currículo deve dar a devida importância às manifestações dos diversos grupos que formam a sociedade, contribuindo para o reconhecimento da Diversidade Cultural.

No **quadro 13**, visualiza-se qual o repertório motor dos alunos quanto às Lutas, tanto os que já vivenciaram algum tipo de experiência, quanto para os que conhecem as Lutas apenas por relatos de terceiros ou por divulgação da grande mídia.

Quadro 13: Comparativo das respostas da pergunta “Você conhece alguma técnica (golpe) de Luta?”

| Você conhece alguma técnica(golpe) de Luta? | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ANTES | DEPOIS |
| 1- Chave de braço/triângulo/mata-leão/chave de mão/chave de perna/submissão/de la riva/kimura (13) 2- Queixada/armada/meia-lua/benção/parafuso (5) 3- Gancho/ippon (2) 4- Cordinha (1) 5- Tesoura (1) 6- Cem quilos (1) 7- Voadora (1) | 1- Negativa/rasteira/queixada/armada/meia-lua/rabo de arraia/AU/rolê/cocorinha/martelo/lateral (14) 2- Direto/gancho/jab/cruzado/guedanbarai (13) 3- Chave de braço/mata leão/estrangulamento/kimura/armlock/omoplata (12) 4- Golpe do macaco (1) |

Fonte: criado pelo autor a partir da Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado (MOREIRA; SIMÕES; PORTO, 2005).

Este quadro demonstra que antes das intervenções, as técnicas de Lutas mais conhecidas pela grande maioria dos alunos são justamente as das Lutas classificadas como Esportes de combate, mais especificamente aquelas relacionadas com o MMA, como o Jiu-jitsu (Chave de braço, triângulo, mata-leão, chave de mão, chave de perna, submissão, “de la riva” e Kimura).

Isso confirma as constatações da pergunta anterior que, identificou a cultura global difundida por meio dos meios de comunicação com a espetacularização das práticas corporais de Lutas. Em contraponto, as intervenções realizadas na pesquisa

fizeram com que os educandos tivessem acesso a um novo repertório motor que, ao contrário do que foi relatado nas entrevistas pré-intervenções, foi vivenciado pelos discentes, enquanto que em muitas das técnicas citadas anteriormente foram apenas observadas ou tiveram seus nomes ouvidos pelos alunos na mídia.

As respostas pós-intervenção nos mostraram que o repertório motor das Lutas de matriz africana, afro-brasileira e indígena foi apreendido pelos educandos refletidos nas técnicas da Capoeira (Negativa, rasteira, queixada, armada, meia-lua, rabo de arraia, “AU”, rolê, cocorinha, martelo lateral), pois entre as Lutas trabalhadas esta foi a que apresentou o maior número de técnicas sistematizadas.

Essa constatação nos revela que é possível tratar temáticas importantes como a Diversidade Cultural, aliadas aos conhecimentos específicos dos conteúdos a serem apresentados o que nos faz refletir que o ensino de maneira crítica não precisa abrir mão do aprendizado das características motoras, o que não pode acontecer é um ensino baseado exclusivamente na perspectiva dos aspectos motores transformando o currículo em uma perspectiva tecnicista e acrítica (NUNES; RUBIO, 2008).

Os processos de ensino nessa perspectiva contribuem para um currículo baseado em habilidades e competências, a exemplo da terceira versão da BNCC (BRASIL, 2017) que apesar de utilizar conceitos como o reconhecimento da Diversidade, revela-se um documento que, segundo o pensamento de Nunes e Rubio (2008), forma identidades ideais para a manutenção dos interesses dominantes.

Os primeiros passos para romper com a lógica do currículo baseado por habilidades e competências que tentam homogeneizar os sujeitos, além de passar por uma reflexão crítica do currículo oficial, deve ter o papel ativo dos docentes para modificação do currículo real, com o trato da Diversidade Cultural e de outras temáticas que visem dar voz aos grupos minoritários.

Em vista disso, o **quadro 14** apresenta o núcleo das respostas dos questionamentos sobre o conhecimento dos discentes das Lutas indígenas e quais as concepções que estes apresentavam e passaram a apresentar após a pesquisa, sendo estas práticas corporais tratadas na perspectiva da Diversidade Cultural.

Quadro 14: Comparativo das respostas da pergunta “Você já ouviu falar em Lutas indígenas? Quais?”

| Você já ouviu falar em lutas indígenas? Quais? | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ANTES | DEPOIS |
| 1- Não (7) 2- Já (4) a) Apenas ouviram falar, não sabem citar (2) b) Capoeira (1) c) Arco e flecha (1) | 1- Sim (14) a) huka-huka/hura-hura (5) b) Dambe (4) c) derruba toco/derruba tronco (3) d) Capoeira (2) |

Fonte: criado pelo autor a partir da Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado (MOREIRA; SIMÕES; PORTO, 2005).

Com base em um currículo eurocêntrico e universalizante, os alunos da escola pública brasileira terão acesso apenas aos conhecimentos da cultura dominante e desconhecerão os saberes das culturas dos outros povos que ajudaram a formar a sociedade brasileira. Isso foi notório na observação das respostas antes das intervenções, haja vista que, a maioria dos alunos não conhecia e/ou nunca tinha ouvido falar em Lutas indígenas, sendo que os poucos que tinham conhecimento das mesmas, o tinham de forma genérica, sem um conhecimento aprofundado ou das diferenças entre os povos indígenas do Brasil.

Além do mais, o pouco que os discentes conhecem das atividades dos povos tradicionais que habitam o território brasileiro é fruto do conhecimento proporcionado pelo imaginário do senso comum (ao citar “arco e flecha”), do folclore que é minimamente trabalhado nas salas de aula de forma linear.

As mudanças após a pesquisa foram de grande proporção, pois a maioria dos alunos mudou suas respostas após terem acesso às Lutas de matrizes indígenas proporcionadas nas aulas, fazendo com que os alunos obtivessem conhecimentos sobre as diferenças entre os povos indígenas e suas práticas corporais, logo, suas culturas, o que é percebido com os relatos das Lutas indígenas trabalhadas (Huka-Huka, “Derruba toco” e “briga de galo”).

Assim foi possível desconstruir a visão globalizante e superficial que o currículo dominante oferece aos estudantes classificando todos os povos indígenas como iguais, sem qualquer reflexão ou aprofundamento sobre suas culturas, realizando uma simples celebração dessas diferenças (DUSSEL, 2002).

O mesmo acontece com as Lutas de matrizes africana e afro-brasileiras,

como explicita o quadro 15 ao apontar a comparação das respostas da pergunta “Você já ouviu falar em lutas africanas e afro-brasileiras?”.

Quadro 15: Comparativo das respostas da pergunta “Você já ouviu falar em lutas africanas e afro-brasileiras? Quais?”

| Você já ouviu falar em lutas africanas e afro-brasileiras? Quais? | |
|-------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ANTES | DEPOIS |
| 1- Já/sim (6) a) Capoeira (5) b) Maculelê (1) | 1- Sim (18) a) Capoeira (5) b) Dambe (4) c) Bassúla (3) d) Evala (3) e) Tahtib (2) f) Maculelê (1) |

Fonte: criado pelo autor a partir da Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado (MOREIRA; SIMÕES; PORTO, 2005).

Os discentes relataram que já ouviram falar nas Lutas de matrizes africana e afro-brasileira, entretanto são poucos relatos para o número de estudantes que participaram da entrevista, sendo que a única Luta que estes conhecem é a Capoeira que, apesar de negada muitas vezes como prática corporal dentro da escola, possui certa divulgação que permitiu o conhecimento maior por parte das pessoas.

Após a pesquisa houve a ampliação do conhecimento de Lutas de matriz africana, possibilitado tanto pelas vivências da pesquisa quanto pela pesquisa que foi um dos instrumentos avaliativos do processo. Desse modo, os alunos puderam conhecer por meio das práticas corporais de Lutas as diferenças entre as culturas africanas, historicamente negadas ou tratadas superficialmente com o mesmo olhar das culturas de matriz indígena.

Quanto à cultura, Hall (1997) aponta para a centralidade da cultura, pois está presente nos diversos significados das coisas, o autor esclarece não defender que “tudo é cultura”, mas reconhece que em cada atitude, forma de pensar, forma de ver o outro, a cultura está presente, assim, um estudo que tem como temática a Diversidade Cultural não poderia deixar de questionar os sujeitos sobre a compreensão que estes tem sobre cultura.

Os **quadros 16, 17 e 18** mostram o comparativo de respostas desses sujeitos sobre cultura de forma geral, cultura indígena e cultura africana respectivamente.

Como os sujeitos de nossa pesquisa são alunos dos 6º e 7º ano do Ensino Fundamental, destaca-se que o objetivo não é fazer com que estes aprendam um conceito bem elaborado sobre cultura, mas de provocar nestes alunos mudanças quanto às noções de cultura que estes trazem do senso comum e perceber como o trato metodológico da cultura, durante as aulas, fez com que os discentes dessem novos significados aos elementos trabalhados.

Quadro 16: Comparativo das respostas da pergunta “para você o que é Cultura?”

| Para você o que é Cultura? | |
|------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ANTES | DEPOIS |
| 1- Coisa/coisa antiga/coisas criadas pelos seres humanos/origem (4) | 1- Como a população vive/forma de viver/modo de viver/estilo de cada povo/características de cada povo (7) |
| 2- Modo de agir/ forma de vida na sociedade(2) | 2- Costumes/é o que uma determinada pessoa pratica/tudo que a gente faz (3) |
| 3- Herança de gerações/forma de vivência passada de pai para filho (2) | 3- Modo de lutar/música, esportes e as lutas/dança (3) |
| 4- Um jeito bom de apresentar o seu país (1) | 4- Rituais/religião (2) |
| 5- Algo significativo (1) | 5- Coisa que se segue de geração a geração (1) |
| | 6- Modo de respeitar as regras (1) |
| | 7- Vestimenta, comida, artesanato (1) |

Fonte: criado pelo autor a partir da Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado (MOREIRA; SIMÕES; PORTO, 2005).

Partindo do exposto no quadro acima, identificou-se que foram poucos os alunos que se manifestaram quanto a essa pergunta, a cultura é uma palavra bastante usada no cotidiano escolar. No entanto, são raras as pessoas que conseguem defini-la ou relacioná-la a algum significado.

As respostas anteriores às intervenções nos mostram que a cultura, para estes alunos, está relacionada com o modo de agir das pessoas ou as suas origens em uma perspectiva coletiva, o caráter panorâmico das falas pode nos identificar muitas interpretações, mas a impressão que nos causa é de que os discentes se viram surpreendidos por esta pergunta.

Por conta disso, com a ajuda de um texto explicativo, tentou-se esclarecer da forma mais simples possível o que seria a cultura, logo nas primeiras aulas das

intervenções, a começar pela definição do dicionário caminhando para a elucidação da não existência de uma única definição.

Com a perspectiva da Diversidade Cultural, objetivou-se tornar compreensível por meio das vivências das Lutas de matrizes africana, afro-brasileira e indígena, não apenas as características da cultura de forma geral, como das culturas dos povos que criaram as Lutas em questão.

Assim, após as intervenções, as respostas dos alunos para a pergunta “o que é cultura?” foram mais elaboradas nos seguintes sentidos:

- 1- “Como a população vive/forma de viver/modo de viver/estilo de cada povo/características de cada povo”: retrata que a cultura não é algo isolado, mas sua construção depende de manifestações coletivas que dão significados a determinadas coisas;
- 2- “Modo de lutar/música, esportes e as lutas/dança”; “Rituais/religião” e “Vestimenta, comida, artesanato”: os significados construídos por meio da cultura estão presentes e se expressam nas mais diversas manifestações, o que concorda com os argumentos de Hall (1997) ao definir a cultura como ação social que possui significação.

Quando se trata especificamente de Cultura indígena e africana, os **quadros 17 e 18** apontam as mesmas conclusões nas respostas antes das intervenções da pesquisa: definições baseadas no senso comum ou no pouco contato com essas culturas proporcionado pelo currículo escolar na forma como está posto atualmente.

Quadro 17: Comparativo das respostas da pergunta “o que é Cultura indígena?”

| O que é Cultura indígena? | |
|-------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ANTES | DEPOIS |
| 1- Pesca/caça/dormir na rede/dormir em rede/atirar de arco e flecha (9) | 1- Cultura dos índios/ modo de viver dos índios/tradições/costumes/modo de viver e comer dos índios/ característica do povo indígena/forma de vivência deles/dormir em oca, caçar pra sobreviver e se pintar/pintura (10) |
| 2- Modo de viver/costumes/ forma de vivência dos índios (3) | 2- Jeito da dança/lutas/lutas e festivais/luta de índio/lutas/dança (6) |
| 3- Fazer as coisas/alguma coisa praticada pelos índios (2) | 3- Rituais/religião/atos religiosos/ritos (5) |
| 4- Cultura dos índios (2) | 4- Modo de se vestir/ ficam nu/roupas/ |
| 5- Origem dos índios (1) | |
| 6- Olimpíadas (1) | |

| | |
|--|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| | Instrumentos como tambor, chocalho, modo de se vestir, modo de dormir/roupas (5) 5- Arco e flecha/caçar/pescar/ocas (4) |
|--|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Fonte: criado pelo autor a partir da Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado (MOREIRA; SIMÕES; PORTO, 2005).

Percebe-se em algumas respostas que as informações que os alunos possuem sobre a cultura indígena são veiculadas por eventos pontuais, divulgados pela mídia ou pela própria escola de forma superficial, em determinadas épocas do ano, como semana do folclore (“Pesca/caça/dormir na rede/dormir em rede/atirar de arco e flecha”) e jogos dos povos indígenas (“olímpiadas”) o que é irrisório perto da Diversidade que as culturas desses povos apresentam.

Após as intervenções, apesar de a maioria das respostas ainda apresentar aspectos genéricos da cultura indígena, pode-se destacar pequenas mudanças em algumas delas em relação à percepção dessas culturas como as citações dos rituais relacionados às Lutas que foram problematizados durante as aulas.

As poucas mudanças podem estar atreladas ao pouco tempo para o trato com as Lutas de matriz indígena, conforme dificuldades de calendário apresentadas anteriormente neste capítulo, tendo as Lutas de matriz africana um espaço maior por terem sido tratadas no início da pesquisa e antes das dificuldades encontradas no cronograma, devido o tempo de demora para organização das pesquisas do seminário avaliativo. Isso fez com que avanços um pouco maiores fossem encontrados nas respostas pós-intervenção da pergunta sobre cultura africana como mostra o **quadro 18**:

Quadro 18: Comparativo das respostas da pergunta “o que é Cultura africana?”

| O que é Cultura africana? | |
|--------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------|
| ANTES | DEPOIS |
| 1- Luta/Capoeira/Como como eles se expressam/dança (5) | 1- Homenagear pessoas/rituais/religião/eles ficam cantando (4) |
| 2- Religião/candomblé (2) | 2- Modo de viver dos africanos/jeito que eles vivem (3) |
| 3- Cor/cabelo (2) | 3- Danças/luta (2) |
| 4- Forma de vivência dos africanos/costumes (2) | 4- Vestimenta/comida diferente (2) |
| 5- Maconha/fome (2) | 5- Cultura da África (1) |
| 6- Artesanato (1) | |

| | |
|----------------|---------------------------------------------------------------------------------|
| 7- Não sei (1) | 6- Coisa praticada por vários anos (1) 7- Cultura legal (1) 8- Crença (1) |
|----------------|---------------------------------------------------------------------------------|

Fonte: criado pelo autor a partir da Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado (MOREIRA; SIMÕES; PORTO, 2005).

No caso da cultura africana, as respostas anteriores às intervenções trouxeram à tona uma característica da cultura dominante, alicerçada em preceitos brancos: o preconceito presente na sociedade brasileira quanto à cultura negra em todas as suas manifestações, especialmente no que tange às práticas corporais, religiosas, costumes, música.

Alguns dos alunos chegam a relacionar a cultura africana às mazelas sociais como a fome e uso de drogas, algo que expressa o preconceito velado e até por muitas vezes invisível na escola, fato que tem como um dos facilitadores para a prática preconceituosa um currículo que desfavorece a cultura negra colocando-a em um patamar inferior à cultura “pura”. Tais acontecimentos no âmbito escolar refletem as contradições presentes nesse espaço que recebe os diversos grupos, principalmente a escola pública, que atende em sua maioria a população presente na periferia e desfavorecida economicamente, em sua maioria negros.

Isso acontece porque, apesar da democratização do ensino, com o acesso das minorias à escola, o currículo permaneceu o mesmo, voltado para a classe dominante. Neira (2011a) revela que essa democratização apenas aconteceu por pressões dos grupos menos favorecidos por acesso à Educação, entretanto, as condições para que esses grupos tivessem sucesso em suas trajetórias na escola não ocorreu, permanecendo o currículo elitizado.

As respostas após as intervenções demonstram o avanço na visão dos alunos quanto à cultura africana (negra), valorizando suas práticas e reconhecendo sua importância dando-lhes significados presentes em suas manifestações. Apesar dos tímidos avanços, ainda é necessária uma problematização maior de questões, como o preconceito, no qual as Lutas mostram-se com potencial para o trato desses eixos temáticos, conforme alegam Maldonado e Bocchini (2013) e Chaves, Silva e Medeiros (2014).

Alguns outros conceitos devem ser atrelados ao debate sobre temáticas como o preconceito, um desses conceitos é a Etnia que também foi questionada aos sujeitos para que fosse problematizada nas discussões referentes à Diversidade

Cultural e que foi discutida com a ajuda de texto explicativo. O **quadro 19** destaca a comparação das respostas:

Quadro 19: Comparativo das respostas da pergunta “você já ouviu falar em etnia?”

| Você já ouviu falar em etnia? | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ANTES | DEPOIS |
| 1- Já/sim (7) a) grupo étnico/ grupos divididos por suas características/tribos indígenas (3) b) culturas/traços de sua cultura (2) c) mistura de culturas (1) d) raça (1) 2- não (1) | 1- Mistura de várias raças/ já ouvi falar/características físicas de povos ou psicológicas (3) 2- Não sei/não sei dizer (2) 3- Origem (1) |

Fonte: criado pelo autor a partir da Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado (MOREIRA; SIMÕES; PORTO, 2005).

O **quadro 19** mostra que antes das intervenções os alunos já haviam ouvido falar sobre etnia e já possuíam uma ideia do que poderia ser. O conceito de etnia também foi trabalhado no texto explicativo durante a primeira aula, discutindo o termo dicionarizado. O que nos causa estranheza é que após as intervenções, poucos alunos se manifestaram em relação às entrevistas antes das intervenções, o que nos possibilita inferir que este conceito poderia ser melhor discutido durante as aulas.

Entretanto, para saber se os alunos reconhecem os elementos das culturas africana, afro-brasileira e indígena nos traços de identidade cultural do povo brasileiro, o último questionamento foi sobre as influências dessas culturas na sociedade, como mostra o **quadro 20**:

Quadro 20: Comparativo das respostas da pergunta “quais as influências das culturas indígenas e africanas na sociedade?”

| Quais as influências das culturas indígenas e africanas na sociedade? | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ANTES | DEPOIS |
| 1- Lutas/as artes marciais (2) 2- Caça/caçar (2) 3- Gente negona/genética (2) 4- Comida (2) 5- Costumes/cultura (2) | 1- Esportes/lutas/danças/se tornaram Esporte olímpico (7) 2- Comida/culinária (4) 3- Caça/pesca/agricultura/dormir em rede (3) 4- Cultura/nossa cultura (2) |

| | |
|-------------------|---------------------------|
| 6- Cultivo (1) | 5- Costumes (2) |
| 7- Artesanato (1) | 6- Música /artesanato (2) |
| 8- Nome (1) | 7- Toda (1) |
| 9- Danças (1) | 8- Palavras (1) |
| 10- Gírias (1) | 9- Vestimenta (1) |
| 11- Pescar (1) | 10- Amuleto da sorte (1) |

Fonte: criado pelo autor a partir da Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado (MOREIRA; SIMÕES; PORTO, 2005).

Percebe-se que antes das intervenções, os alunos obtinham um bom conhecimento sobre as influências das culturas africana e indígena na sociedade como: costumes, arte, linguagem, características físicas das pessoas, práticas corporais.

A principal mudança nas respostas pós-intervenções foi o maior número de respostas referentes às práticas corporais, especialmente as Lutas que até então os alunos não reconheciam como produtos da cultura dos povos, influência positiva das aulas de Lutas de matriz africana, afro-brasileira e indígena, demonstrando o potencial dessas práticas corporais para o trato da cultura e da Diversidade Cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar este estudo, ocupamo-nos da construção de um Estado da arte sobre a produção do conhecimento em Lutas na Educação Física escolar. Com ele, constatou-se a pouca produção nesse campo que, aliás, nos apresenta um acervo ainda recente de pesquisas, cujos primeiros escritos foram produzidos há apenas dez anos, o que nos permite caracterizar este campo como emergente. Tal panorama, também nos revelou que, essa produção foi efetuada por iniciativas individuais de pesquisadores que se aproximam da temática.

As pesquisas mapeadas demonstram que os autores ainda buscam a compreensão das Lutas como conhecimento específico da Educação Física, discutindo e divergindo sobre conceitos, concepções e classificações desse conhecimento.

Além disso, segundo os autores da área, a formação de professores de Educação Física apresenta limitações quanto ao trato do conhecimento específico das Lutas, pois as disciplinas que versam sobre esse conteúdo apresentam-se de forma optativa e/ou fragmentada, somado à abordagem utilizada pelos professores

das disciplinas que não favorece a compreensão pedagógica do conteúdo Lutas, pelos graduandos. Todos esses fatores contribuem para que os egressos dos Cursos de Educação Física percam o interesse por este conteúdo, pois a falta de domínio das ferramentas didático-metodológicas para o trato pedagógico das Lutas, deixa-a em segundo plano, isso, quando é trabalhada nas aulas de Educação Física.

Em nossa busca pelo Estado da arte sobre o conhecimento em Lutas na Educação Física escolar, constatou-se que os processos didático-metodológicos do ensino das Lutas são a principal preocupação das pesquisas encontradas. Tais estudos apontam fatores restritivos à inserção das Lutas no ambiente escolar e apresentam possibilidades de sistematização do conhecimento para superar essa problemática.

Como fatores restritivos encontrou-se: falta de experiência prévia dos professores sobre metodologia do ensino de Lutas e fragilidades na formação docente; receio do fomento à violência com essas práticas; falta de infraestrutura e material das escolas para esse conteúdo; carga-horária reduzida da Educação Física; e pouco aporte teórico sobre a temática.

Assim, buscando alternativas para superação dessas dificuldades, alguns autores elaboraram propostas de sistematização para o conteúdo Lutas, tais formulações convergem e divergem em alguns pontos. Entre as concordâncias está presente a iniciação do trato metodológico das Lutas por meio do Jogo, mais precisamente os jogos pré-desportivos e os jogos de oposição.

A maioria das propostas tem como base as três dimensões dos conteúdos propostas por Coll (1996), entretanto, outros fundamentam-se na Pedagogia do Esporte e nos princípios comuns que caracterizam as Lutas. Ao analisar as propostas apresentadas, pode-se concluir que nenhuma delas apresenta articulação com as abordagens pedagógicas da Educação Física, muito menos com uma concepção de currículo, logo uma concepção de homem e sociedade.

Por entender que a prática pedagógica deve estar relacionada à concepções de currículo, e estas ligadas à concepção de homem e sociedade, analisou-se o currículo da Educação Física no ensino fundamental por meio de seus documentos legais, que também tem papel importante na orientação dos currículos dos sistemas de ensino. Dessa forma, nossa análise partiu do principal documento em discussão na atualidade: A Base Nacional Comum Curricular, a partir da temática que permeia o objeto de estudo, a Diversidade Cultural.

Apresenta-se os conceitos e raízes históricas da Diversidade Cultural como fenômeno de resistência à globalização e como objeto de estudo científico para discuti-la em uma perspectiva pós-crítica de currículo e, especificamente na Educação Física, pelo viés do Currículo Cultural.

Historicamente, os documentos que norteiam o currículo da Educação Básica no Brasil são implementados de forma impositiva para atender aos interesses da política neoliberal, como foram a LDB e os PCN's, estes últimos, conforme é apresentado no segundo capítulo, não passaram de cópias do modelo de Coll (1996) realizado em outros países.

A BNCC surge como tentativa de finalmente orientar os currículos dos sistemas. Com caráter obrigatório, o documento também apresenta limitações quanto à sua composição e quanto à valorização da Diversidade Cultural. O documento acabou ratificando os PCN's, ao atender as demandas do projeto neoliberal e por isso sofreu muitas críticas, entre elas estão: o caráter eclético da proposta, não apresentando concepções de Educação, Homem e sociedade; o atendimento aos sistemas de avaliação nacional, secundarizando o aprendizado; falta de clareza nos critérios de escolha dos conteúdos; e o trato superficial de conceitos importantes como a própria Diversidade Cultural. Na Educação Física, o documento não esclarece qual concepção do objeto de estudo da mesma defende, ora utilizando o termo Cultura Corporal, ora o termo Cultura Corporal de Movimento.

Quanto a Diversidade Cultural, a BNCC apresenta como principal conflito a sua própria estrutura, baseada em habilidades e competências, o que não favorece a valorização da Diversidade Cultural, tornando-se contraditória à temática, pois caminha em direção à um trato superficial, o que é reforçado pelas competências específicas da Educação Física, nas quais apenas uma entre onze versa sobre elementos de valorização e reconhecimento da Diversidade.

Quanto aos blocos de conteúdos da BNCC, os Esportes e as Ginásticas permanecem com caráter tradicional e hegemônico, enquanto apenas “Jogos e Brincadeiras”, Danças e Lutas com indicativos do trato com a Diversidade Cultural, no entanto, esses indicativos desaparecem nos anos finais do ensino fundamental.

Portanto, a BNCC que visa orientar os currículos dos sistemas de ensino no Brasil se posiciona de forma superficial e contraditória diante da temática da Diversidade Cultural, ao se estruturar em habilidades e competências e não apresentar uma lógica de progressão de seus conteúdos, nos quais alguns não

demonstram articulação com a Diversidade.

Foi diante das dificuldades expostas no panorama das pesquisas no campo das Lutas na Educação Física escolar, e das contradições presentes no currículo da Educação Básica refletidas na BNCC, que se realiza esta investigação, utilizando como opção metodológica a Pesquisa-ação, com no intuito de demonstrar o potencial do conhecimento das Lutas na temática da Diversidade Cultural sob uma perspectiva pós-crítica de currículo, em específico o Currículo Cultural proposto por Neira (2011a).

Os resultados da pesquisa-ação realizada na Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará, nos mostraram que o trato do conhecimento das Lutas na perspectiva proposta possibilitou a desmitificação das Lutas como instrumento de fomento da violência, por meio da problematização de conceitos e dos significados da Lutas nas diversas culturas.

Outra constatação foi a ampliação do conhecimento das Lutas de matrizes africana, afro-brasileira e indígena, relacionadas com essas culturas que influenciaram a formação do povo e da cultura brasileira, o que não era apresentado aos alunos, pois estes possuíam apenas conhecimento das Lutas como Esportes de combate propagadas pela mídia como consumo.

O contato com as Lutas de matrizes africana e indígena, de forte apelo cultural, fez com que os educandos compreendessem elementos das culturas desses povos e o caráter educativo que essas práticas possuíam devido às suas características ritualísticas e espirituais, por meio da contextualização de suas práticas.

Com o acesso às Lutas trabalhadas, aliadas aos aspectos culturais, foi possível desconstruir a visão genérica e superficial que os alunos possuíam sobre as culturas indígenas, afro-brasileiras e africanas, passando a reconhecê-las como diversas e não mais como uma coisa só, ou como algo exótico, o que demonstra o potencial de uma abordagem aprofundada do conhecimento das Lutas.

O trato na perspectiva do Currículo Cultural, proporcionou a desconstrução de preconceitos com as culturas africana, afro-brasileira e indígena causadas pelo conhecimento do senso comum que a maioria dos escolares possuíam em relação à estas, pois os elementos constitutivos dessas culturas são tratados historicamente pela escola de forma esporádica e pontual, fruto de um currículo hegemônico. Esses avanços demonstram o potencial do conhecimento das Lutas na perspectiva da

Diversidade Cultural, pois possibilitam a contextualização das práticas corporais.

Nossa Pesquisa-ação também nos permitiu concluir que é possível trabalhar temáticas, como a Diversidade Cultural, sem esquecer de contemplar os elementos específicos das Lutas, tanto técnicos com conceituais, como ficou refletido nas respostas das entrevistas.

Esta dissertação, portanto, aponta para a ampliação de estudos relacionados ao conhecimento das Lutas na perspectiva da Diversidade Cultural, pois há um grande potencial no desenvolvimento e socialização deste conhecimento. Com isso, aponta-se a necessidade de mais produção de estudos sobre esta temática, buscando não apenas explicitar o potencial desse conhecimento, mas de contribuir para o campo emergente da produção do conhecimento em Lutas sem desarticulá-lo das teorias curriculares.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. (Org.). **Formação de professores no Brasil (1990-1998)**.

Brasília: MEC: INEP: COMPED, 2002. Disponível em:

<https://www.faneesp.edu.br/site/documentos/serie_estado_conhecimento2.pdf >.

Acesso em: 18 fev 2017.

ARAÚJO, Benedito Carlos Libório Caires. **As armas da crítica à crítica das armas: o trato com o conhecimento da categoria luta corporal no currículo de formação de professores de Educação Física da UFS**. 2015. 183f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BETTI, Mauro; FERRAZ, Osvaldo Luiz; DANTAS, Luiz Eduardo Pinto Bastos Tourinho. Educação Física Escolar: estado da arte e direções futuras. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.25, N. esp, p.105-15, dez. 2011.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cad. CEDES** [online]. 1999, vol.19, n.48.

BRANDÃO, Pedro P.S. **Ensino das Lutas: Formação do professor e aplicação pedagógica**. 2015. 28 f. monografia (Especialização em Pedagogia da Cultura Corporal) - Universidade do Estado do Pará, Belém-PA, 2015.

BRASIL. Lei nº 11724, de 6 de fevereiro de 2006. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o

ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 7 fev. 2006.

_____. Ministério da educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9.394/96**, Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Sub--Chefia para Assuntos Jurídicos, 1996.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares Nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. 126 p.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 174 p.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília-DF; MEC; CONSED; UNDIME, 2017.

_____. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**: estudo comparativo entre a versão 2 e a versão final. Brasília-DF; MEC; CONSED; UNDIME, 2017b.

BOSCATTO, J.D., IMPOLCETTO, F.M., DARIDO, S.C. A Base Nacional Comum Curricular: uma proposição necessária para a Educação Física? **Motrivivência**, v.28, n.48, 2016, 96-112.

CARNEIRO, Felipe Ferreira Barros; PICOLI, Carlos; SANTOS, Wagner dos. Fundamentos ontológicos e epistemológicos das lutas corporais. **Pensar a Prática**, Goiânia, v.18, n.3, jul/set. 2015.

CAZETTO, Fabiano Filier; LOLLO, Pablo Christiano; publicações sobre lutas e artes marciais em congressos de iniciação científica. **Conexões**, v.8, n.2, maio/ago. 2010.

CHAVES, Paula Nunes; SILVA, Ivana Lucia da; MEDEIROS, Rosie Marie Nascimento de. Lutas na Educação Física escolar: uma experiência no ensino médio. **Cadernos de formação RBCE**, Florianópolis, set., 2014.

CINTRA, Marina Melo; LEMOS, Marina de Paiva; CAMPOS; Luiz Antonio Silva; SIMÕES, Regina. O ensino das Lutas na Educação Física escolar: O estado da arte. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Várzea Paulista, v.15, n.1, p.127-134, 2016.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São

Paulo: Cortez, 1992.

COLL, Cesar. **Psicologia e Currículo**: um aproximação psicopedagógica à elaboração do currículo escolar. São Paulo: Ática S.A .1996.

CORREIA, Walter Roberto; FRANCHINI, Emerson. Produção acadêmica em Lutas, artes marciais e esportes de combate. **Motriz**, v.16, n.1, jan/mar. 2010.

CORREIA, Walter Roberto. Educação Física Escolar e Artes Marciais: entre o combate e o debate. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**. São Paulo, v.29, n.2, abr/jun. 2015.

DAOLIO, J. **Educação Física e o conceito de Cultura**. 2ª ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

DARIDO, S. C., RANGEL-BETTI, I. C. A., RAMOS, G. N. S., GALVÃO, Z., FERREIRA, L. A, SILVA, E. V. M., RODRIGUES, L. H., SANCHES, L., PONTES, G. & CUNHA, F. (2001). A Educação Física, a formação do cidadão e os Parâmetros Curriculares Nacionais. **Revista Paulista de Educação Física**, 15, 17-32.

DELORS, J. (org). **Educação** – um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC:UNESCO, 2001.

DUSSEL, Inés. O currículo híbrido: domesticação ou pluralização das diferenças? In: LOPES, Alice R. C. e MACEDO, Elizabeth (Orgs.) **Currículo**: Debates Contemporâneos. São Paulo: Cortez, 2002, p.55-77.

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 79, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>>. Acesso em 18 fev. 2017.

FLEURY, M.T.L. Gerenciando a Diversidade Cultural: experiências de empresas brasileiras. **RAE- Revista de Administração de empresas**, São Paulo, v.40, n.3, p.18-25, jul/set. 2000.

FONSECA, Joel Maurício Corrêa; FRANCHINI, Emerson; DEL VECCHIO, Fabrício Boscolo. Conhecimento declarativo de docentes sobre a prática de lutas, artes marciais e modalidades esportivas de combate nas aulas de Educação Física escolar em Pelotas, Rio Grande do Sul. **Pensar a prática**. Goiânia, v.16, n.2, abr/jun, 2013.

FONSECA, J.J.S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FRADE, I.C.A.S. **Método global**. Disponível Em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/metodo-global>>. Acesso em: 20 de agosto de 2017.

FRANCHINI, Emerson; DEL VECCHIO, Fabricio Boscolo. Estudos em modalidades esportivas de combate: estado da arte. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**. São Paulo, v.25, n. esp. Dez. 2011.

FREITAS, Adriano Vargas e PIRES, Célia Maria Carolino. Estado da arte em educação matemática na EJA: percursos de uma investigação. Bauru: **Ciência e Educação**. V.21, n.3, 2015.

GASPAROTTO, Guilherme da Silva; SANTOS, Sergio Luiz Carlos dos. Produção científica nacional sobre o ensino de lutas no ambiente escolar: estado da arte. **Conexões**. v.11, n.4, out/dez. 2013.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1989.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIORGI, A. **A psicologia como ciência humana: uma abordagem de base fenomenológica**. Belo Horizonte: Interlivros, 1978.

GOMES, Mariana Simões Pimentel; MORATO, Marcio Pereira; DUARTE, Edison; ALMEIDA, José Júlio Gavião de. Ensino das Lutas: dos princípios condicionais aos grupos situacionais. **Movimento**, Porto Alegre, v.16, n.2, abr/jun. 2010.

GOMES, Mariane. **Procedimentos pedagógicos para o ensino das Lutas: contextos e possibilidades**. 2008. 119 f. dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

GOMES, Nathalia Chaves. BARROS, André Minuzzo de. FREITAS, Fernando Paulo Rosa de. DARIDO, Suraya Cristina. Luiz Gustavo Bonatto Rufino. O conteúdo das lutas nas séries iniciais do ensino fundamental: possibilidades para a prática pedagógica da Educação Física Escolar. **Motrivivência** Ano XXV, Nº 41, P. 305-320 Dez./2013.

GOMES, M.S.P. **O ensino do saber lutar na universidade: estudo da didática clínica nas lutas e esportes de combate**. 2014. 205f. tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

GOMES, N.L. **Indagações sobre currículo: diversidade e currículo**. Organização do documento: Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

GONÇALVES, Arisson Vinicius Landgraf. **As práticas corporais de lutas pela ordem do Discurso científico da Educação Física**. 2012. 65f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências: química da vida e saúde) - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2012.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, nº 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HANASHIRO, D. M. M. CARVALHO, S.G. Diversidade Cultural: panorama atual e reflexões para a realidade brasileira. *REAd*, São Paulo, 47.ed, v.11, n.5, set/out. 2005.

KADLUBITSKI, L; JUNQUEIRA, S. Diversidade cultural e políticas públicas educacionais. **Educação**, Santa Maria, v. 34, n. 1, p. 179-194, 2009. Disponível em: <www.ufsm.br/revistaeducacao>.

KIYINDOU, A. **Diversidade Cultural**, 2006. Disponível em: www.vecam.org/article601.html Acesso em: 27 de junho de 2017.

KRAMER, Sonia. Entrevistas coletivas: alternativa para lidar com diversidade, hierarquia e poder na pesquisa em ciências humanas. In: FREITAS, M. T. A.; KRAMER, S.; SOUZA, S. J. (orgs.) **Ciências humanas e pesquisa: leituras de Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003. p.57-76.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

LARANJEIRA, R. Estado da arte do direito agrário no Brasil. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE DIREITO AGRÁRIO, 11, 2003, São Luís. **Anais...** Disponível em: <<http://abda.com.br/texto/RaymundoLaranjeira.pdf>>. Acesso em: 18 fev 2017.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos para que?** 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

LIMA JUNIOR, H; CHAVES JUNIOR, S. Possibilidades das lutas como conteúdo na educação física escolar: o confronto em uma abordagem pedagógica com alunos de 6ª série em um colégio estadual do município de Guarapuava-PR. **Cadernos de formação RBCE**. Florianópolis: v.2, n.1, jan., 2011, p.69-80.

LIMA, M.E; NEIRA, M.G. O currículo da Educação Física como espaço de participação coletiva e reconhecimento da cultura corporal da comunidade. **Revista Ibero-americana de Educação**, Madrid, v.51, n.5, p.1-10, fev.2010.

LOPES, Raphael Gregory Bazílio; KERR, Tiemi Okimura. O ensino das lutas na Educação Física escolar: uma experiência no ensino fundamental. **Motrivivência**, Florianópolis, v.27, n.45, set., 2015.

LOPES, A.C; MACEDO, E. **Teorias de Currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. São Paulo: Ática, 1995.

MADURO, Luiz Alcides. Considerações e sugestões para o ensino das lutas no ambiente escolar. **Cadernos de formação RBCE**, Florianópolis, Set. 2015.

MALDONADO, Daniel Teixeira; BOCCHINI, Daniel. As três dimensões do conteúdo na Educação Física: tematizando as lutas na escola pública. **Conexões**, Campinas, v.11, n.4, out/dez., 2013.

MARTINS, J., BICUDO, MAV. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: PUC-SP, 1989.

MATOS, José Arlen Beltrão de; HIRAMA, Leopoldo Katsuki; GALATTI, Larissa Rafaela; MONTAGNER, Paulo Cesar. A presença/ausência do conteúdo lutas na Educação Física escolar: identificando desafios e propondo sugestões. **Conexões**, v.13, n.2, abr/jun. 2015.

MENDONÇA, Giuliano. P. A.; COSSOTE, D. F.; FERREIRA JUNIOR, O. N.; RODRIGUES, G. M. Abordagem Pedagógica do conteúdo de Lutas em Curso de Licenciatura em Educação Física nas Instituições de Ensino Superior (IES). **Pulsar** (Jundiaí), v. 4, p. 1-11, 2010.

MINAYO, M.C.S; DESLANDES, S.F; CRUZ NETO, O; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**, 21ª ed, Petrópolis: Vozes, 2002.

MOREIRA, Wagner Wey. SIMÕES, Regina. PORTO, Eline. Análise de conteúdo: técnica de elaboração e análise de unidades de significado. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. Editora Universa: Brasília-DF, v.13, n.4, p.107-114. 2005.

MOREIRA, L. R., OLIVEIRA, M.R.F., SOARES, M.G., ABREU, M.C.P, NOGUEIRA, S.C., Apreciação da base nacional comum curricular e a educação física em foco. **Motrivivência**, v.28, n.48, 2016, 61-75.

NASCIMENTO, P. R. B; ALMEIDA, L. A tematização das lutas na Educação Física Escolar: restrições e possibilidades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 91-110, setembro/dezembro de 2007.

NASCIMENTO, P. R. B. Organização e Trato Pedagógico do Conteúdo de Lutas na Educação Física escolar. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 20, n. 31, p.36-49, dez. 2008.

NEIRA, M. G. **O Currículo Cultural da educação física em ação: a perspectiva dos seus autores**. 332 f. Tese (Livre docência) – Metodologia do ensino de Educação Física, Faculdade de Educação, USP, São Paulo, 2011a.

NEIRA, M.G., SOUZA JUNIOR, M. A Educação Física na BNCC: procedimentos, concepções e efeitos. **Motrivivência**, v.28, n.48, 2016, 188-206.

NEIRA, M. G. Teorias pós-críticas da educação: subsídios para o debate curricular da Educação Física. **Dialogia**, São Paulo, n. 14, p. 195-205, 2011b.

NEIRA, M.G. A Cultura Corporal popular como conteúdo do currículo multicultural da Educação Física. **Pensar a prática**, Goiânia, v.11, n.1, 2008.

NEIRA, M. G.; NUNES, Contribuições dos Estudos Culturais para o currículo da Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Florianópolis, v.33, n.3, p.671-685, jul/set. 2011.

NEIRA, M.G. O Currículo multicultural da Educação Física: uma alternativa ao

neoliberalismo. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v.5, n.2, p.75-83. 2006.

NUNES, M. L. F. e RÚBIO, K. O(s) currículo(s) da Educação Física e a identidade dos seus sujeitos. **Currículo sem fronteiras**, Mangualde, Portugal, v. 8, n. 2, p. 55-77, jul./dez. 2008.

OLIVEIRA, Lázaro Rocha. **Artes marciais e Educação Física escolar**: por articulações concretas possíveis no ensino. 2016. 87f. Dissertação (Mestrado em Ciências) -Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

OLIVEIRA, André Luis de. GOMES, Fabio Rodrigo Ferreira, SUZUKI, Frank Shiguemitsu. Conceito dos tipos de lutas a partir de uma visão de cultura corporal. **ACADEMOS**, Revista Eletrônica da FIA, 2009.

PALANCH, Wagner Barbosa de Lima; FREITAS, Adriano Vargas. **Estado da Arte como método de trabalho científico na área de Educação Matemática**: possibilidades e limitações. *Perspectivas da Educação Matemática – UFMS – v. 8, número temático – 2015.*

PINHEIRO, G.C.G. Teoria curricular crítica e pós-crítica: uma perspectiva para a formação inicial de professores para a educação básica, **ANALECTA**, Guarapuava-PR, v.10, n.2, jul/dez, 2009.

RIBEIRO, Drielle Lúcia Gomes da Silva; CASTRO, Regina Celi Alvarenga de Moura. Estado Da Arte, O que é isso afinal? In: III Congresso Nacional de Educação- CONEDU, 2016, Natal. **Anais...**Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA4_ID9733_15082016120453.pdf>. Acesso em: 18 fev 2017.

RIBEIRO, M.P. Teorias críticas e pós-críticas: pelo encontro em detrimento do radicalismo, **Movimento**, Rio de Janeiro, ano 3, n.5, 2016.

RODRIGUES, Alba Lara Cae; BAIÃO JUNIOR, Arlindo Antonio; ANTUNES, Marcelo Moreira; ALMEIDA, José Julio Gavião. Percepção dos dirigentes das escolas do município de Jaguariúna sobre as lutas. **Revista da Educação Física (UEM)**, Maringá, v.28, 2017.

RODRIGUES, A. T. Gênese e sentidos dos parâmetros curriculares nacionais e seus desdobramentos para a Educação Física escolar brasileira. 2001. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2001. **Revista Pensar a Prática**, v. 9, n. 2, 2006.

RODRIGUES, A.T., Base Nacional Comum Curricular para a área de linguagens e o componente curricular Educação Física, **Motrivivência**, v.28, n.48, 2016.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R.T. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, 2006.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. A separação dos

conteúdos das “lutas” dos “esportes” na educação física escolar: necessidade ou tradição? **Pensar a Prática**, Goiânia, v.14, n.3, set/dez. 2011.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. Pedagogia do Esporte e das Lutas: em busca de aproximações. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.26, n.2, p.283-300, abr./jun. 2012.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto. “**Campos de luta**”: o processo de construção coletiva de um livro didático na Educação Física no ensino médio. 2012. 355f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento humano e tecnologias) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto. DARIDO, Suraya Cristina. Possíveis diálogos entre a educação física escolar e o conteúdo das lutas na perspectiva da cultura corporal. Conexões: **revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v. 11, n. 1, p. 145-170, jan./mar. 2013.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto. DARIDO, Suraya Cristina. **O ensino de Lutas na Escola**: possibilidades para a Educação Física. Porto Alegre: Penso, 2015a.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. O ensino das Lutas nas aulas de Educação Física: análise da Prática pedagógica à luz de especialistas. **Revista da Educação Física(UEM)**, Maringá, v.26, n.4, 4.trim. 2015b.

SILVA, Rodolfo Pio Gomes da. **Uma abordagem metodológica para o trato pedagógico da luta nos cursos de formação de professores de Educação Física**. 2013. 213f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

SILVA, M.J.A; BRANDIM, M.R.L. Multiculturalismo e Educação: em defesa da Diversidade Cultural. **Diversa**, ano 1, n.1, p.51-56, jan/jun.2008.

SISTEMA DE BIBLIOTECAS- PUC RIO. Operadores Booleanos. Disponível em: <<http://www.dbd.puc-rio.br/wordpress/?p=116>>. Acesso em: 17 de mar. 2017.

SÓ, Marcos Roberto. **Das relações com os saberes das lutas nas aulas de Educação Física**: as perspectivas dos alunos. 2014. 199f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2014.

SOARES, Magda Becker; MACIEL, Francisca: **Alfabetização / Organização**. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2000.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 7^o edição. Editora São Paulo: Cortez; 1996.

WILSON, T.C.P. **Representações sociais sobre Diversidade Cultural na formação inicial de professores**. 2011. 136 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

ANEXOS

Anexo A- Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa

UFPA - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO JOÃO DE
BARROS BARRETO DA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Lutas no Currículo da Educação Física no ensino fundamental sob o olhar da Diversidade: experiências na Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará.

Pesquisador: PEDRO PAULO SOUZA BRANDAO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 68091617.0.0000.0017

Instituição Proponente: Universidade Federal do Pará - Instituto de Ciências da Educação

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.260.608

Apresentação do Projeto:

Esta pesquisa é um estudo de campo do tipo pesquisa-ação de abordagem qualitativa de natureza axiológica, tem como objeto as Lutas no currículo da Educação Física no ensino fundamental na perspectiva da diversidade. A população estudada será de alunos das séries finais do ensino fundamental da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará para isso, utilizaremos como amostra 125 alunos do 6º e 7º ano da instituição. Os procedimentos adotados serão: intervenções pedagógicas (aulas) que, terão como unidades experimentais cinco turmas das referidas séries e, como unidades de análise perguntas em entrevista coletiva semiestruturada. Tem o objetivo de apresentar contribuições do ensino das Lutas nas aulas de Educação Física na perspectiva da diversidade. Proporciona aos alunos o acesso a práticas corporais de matrizes culturais distintas e possibilita o aprendizado de conceitos, aspectos históricos e culturais de Lutas de matriz africana, afro-brasileira e indígena. A pesquisa pretende apresentar como desfecho contribuições do ensino das Lutas nas aulas de Educação Física na perspectiva da diversidade.

Metodologia de Análise de Dados:

A coleta inicial realizada com os professores da rede municipal de Belém será analisada por meio da técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 1977) e os relatos das entrevistas coletivas com os alunos serão transcritos e analisados por meio da "Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de

Endereço: RUA DOS MUNDURUCUS 4487

Bairro: GUAMA

CEP: 66.073-000

UF: PA

Município: BELEM

Telefone: (91)3201-6754

Fax: (91)3201-6663

E-mail: cephujbb@yahoo.com.br

UFPA - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO JOÃO DE
BARROS BARRETO DA



Continuação do Parecer: 2.260.608

Significado" (MOREIRA, SIMÕES E PORTO, 2005). Esta técnica apresenta como momentos: 1) Relato ingênuo: consiste nos relatos originais e puros dos sujeitos, da forma exata como foram explanadas, sem alterar a grafia ou termos empregados pelos entrevistados obtidos por meios de questões geradoras; 2) Identificação de atitudes: neste momento o entrevistador deve atentar-se para a questão central dos relatos dos sujeitos buscando indicadores que possam levar à categorias de análise; 3) Interpretação: momento de análise do fenômeno estudado, com o objetivo de compreendê-lo e relacionar os pressupostos teóricos que permeiam o objeto com os relatos dos sujeitos, fazendo um confronto entre os pontos de vista. Os dados passarão por esses três momentos da técnica de análise, após isso, serão confrontados em quadros que expressam os pontos de vista dos sujeitos antes e após as intervenções para efeitos de comparação com a intenção de apontar as implicações das ações realizadas e com isso, os resultados também serão confrontados com os referenciais teóricos para estabelecer discussões e, com base nas divergências e convergências dos resultados das discussões, avançar em direção ao objetivo da pesquisa.

Objetivo da Pesquisa:

Apresentar contribuições do ensino das Lutas nas aulas de Educação Física na perspectiva da diversidade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Risco de leves escoriações durante o contato corporal na prática de Lutas.

Benefícios:

- Proporciona aos alunos o acesso a práticas corporais de matrizes culturais distintas; - Possibilita o aprendizado de conceitos, aspectos históricos e culturais de Lutas de matriz africana, afro-brasileira e indígena.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa relevante com base em um projeto exequível e consistente em termos éticos. Poderá proporcionar aos alunos o acesso a práticas corporais de matrizes culturais distintas como também possibilitar o aprendizado de conceitos, aspectos históricos e culturais de Lutas de matriz africana, afro-brasileira e indígena.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de obrigatórios foram apresentados e estão de acordo com as legislações do Sistema CEP - CONEP/CNS/MS.

Endereço: RUA DOS MUNDURUCUS 4487
Bairro: GUAMA CEP: 66.073-000
UF: PA Município: BELEM
Telefone: (91)3201-6754 Fax: (91)3201-6663 E-mail: cephujbb@yahoo.com.br

UFPA - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO JOÃO DE
BARROS BARRETO DA



Continuação do Parecer: 2.260.608

Recomendações:

Recomendamos a coordenação que mantenha atualizados todos os documentos pertinentes ao projeto.

Deverá também ser informado ao CEP:

Relatório Semestral;

Relatório Final;

Envio de Relatório de Cancelamento;

Envio de Relatório de Suspensão de projeto;

Comunicação de Término do projeto na Plataforma Brasil.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Pesquisa aprovada. As pendências foram atendidas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, este Colegiado manifesta-se pela APROVAÇÃO do protocolo de pesquisa por estar de acordo com a Resolução nº466/2012 e suas complementares do Conselho Nacional de Saúde/MS.

Ainda em atendimento a Res. 466/2012 esclarecemos que a responsabilidade do pesquisador é indelegável, indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais. Além de apresentar o protocolo devidamente instruído ao CEP ou à CONEP, aguardando a decisão de aprovação ética, antes de iniciar a pesquisa; de elaborar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;

Cabe ainda ao pesquisador:

1- desenvolver o projeto conforme delineado;

2- Em acordo com a Resolução 466/12 CNS, itens X.1.- 3.b. e XI.2.d, os pesquisadores responsáveis deverão apresentar relatórios parcial semestral e final do projeto de pesquisa, contados a partir da data de aprovação do protocolo de pesquisa. Os relatórios deverão ser inseridos no Sistema Plataforma Brasil pelo ícone "Inserir Notificação" disponível para projetos aprovados.

3- apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP, a qualquer momento;

4- manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 05 anos após o término da pesquisa;

5- encaminhar os resultados para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto;

6- justificar fundamentadamente, perante o CEP ou a CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

Endereço: RUA DOS MUNDURUCUS 4487

Bairro: GUAMA

CEP: 66.073-000

UF: PA

Município: BELEM

Telefone: (91)3201-6754

Fax: (91)3201-6663

E-mail: cephujbb@yahoo.com.br

UFGA - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO JOÃO DE
BARROS BARRETO DA



Continuação do Parecer: 2.260.608

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|-----------------------------------------------------------|----------------------------------------------|------------------------|---------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_882382.pdf | 27/07/2017 12:39:29 | | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TERMO_DE_ASSENTIMENTO.pdf | 27/07/2017 12:38:10 | PEDRO PAULO SOUZA BRANDAO | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE2_RESPONSAVELLEGALDOSALUNOS.pdf | 27/07/2017 12:37:48 | PEDRO PAULO SOUZA BRANDAO | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | PROJETODETALHADO3.pdf | 27/07/2017 12:31:13 | PEDRO PAULO SOUZA BRANDAO | Aceito |
| Outros | edited_FORMULARIO_DE_COLETADE DADOS.pdf | 03/07/2017 14:01:38 | PEDRO PAULO SOUZA BRANDAO | Aceito |
| Folha de Rosto | FOLHADEROSTO.pdf | 21/06/2017 12:43:55 | PEDRO PAULO SOUZA BRANDAO | Aceito |
| Declaração de Instituição e Infraestrutura | AUTORIZACAO_DE_INSTITUICAO.pdf | 26/04/2017 18:40:57 | PEDRO PAULO SOUZA BRANDAO | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE1_PROFESSORES.pdf | 26/04/2017 18:34:34 | PEDRO PAULO SOUZA BRANDAO | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BELEM, 05 de Setembro de 2017

Assinado por:
João Soares Felício
(Coordenador)

Endereço: RUA DOS MUNDURUCUS 4487
Bairro: GUAMA CEP: 66.073-000
UF: PA Município: BELEM
Telefone: (91)3201-6754 Fax: (91)3201-6663 E-mail: cephujbb@yahoo.com.br

APÊNDICES

Apêndice A- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Estamos solicitando a você a autorização para que o menor pelo qual você é responsável participe da pesquisa: “Lutas no Currículo da Educação Física no ensino fundamental sob o olhar da Diversidade: experiências na Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará”, que tem como pesquisador responsável o Prof Pedro Paulo Souza Brandão.

Esta pesquisa pretende apresentar contribuições do ensino das Lutas nas aulas de Educação Física na perspectiva da diversidade e apresenta o risco de leves escoriações durante o contato corporal na prática de Lutas.

O motivo que nos leva a fazer este estudo é a necessidade de apropriação e sistematização desse conteúdo para a sua aplicação nas aulas de Educação Física do ensino básico.

Caso você decida autorizar, ele deverá participar de duas entrevistas coletivas com perguntas sobre Lutas e Cultura africana, afro-brasileira e indígena, solicitamos também autorização para gravação de voz no momento das entrevistas. Você e ele(a) não receberão qualquer incentivo financeiro ou terá qualquer ônus.

Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas ligando para Pedro Paulo Souza Brandão no telefone: (91) 981258055.

Você tem o direito de recusar sua autorização, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você e para ele(a).

Os dados que ele(a) irá nos fornecer serão confidenciais e serão divulgados apenas em congressos ou publicações científicas, não havendo divulgação de nenhum dado que possa identificá-lo(a).

Esses dados serão guardados pelo pesquisador responsável por essa pesquisa em local seguro e por um período de 5 anos.

Qualquer dúvida sobre a ética dessa pesquisa você deverá ligar para o Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário João de Barros Barreto, no endereço: Rua dos Mundurucus, 4487, 1º Andar, Fone: 32016754.

Este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com você e a outra com o pesquisador responsável Pedro Paulo Souza Brandão.

Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____, representante legal do menor _____, autorizo sua participação na pesquisa “Lutas no Currículo da Educação Física no ensino fundamental sob o olhar da Diversidade: experiências na Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará”.

Esta autorização foi concedida após os esclarecimentos que recebi sobre os objetivos, importância e o modo como os dados serão coletados, autorizo, ainda, a publicação das informações fornecidas por ele(a) em congressos e/ou publicações científicas, desde que os dados apresentados não possam identificá-lo(a).

Belém, de _____ de 2017

Assinatura do representante legal: _____

Assinatura do pesquisador: _____

Apêndice B- Termo de Assentimento

Termo de assentimento

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “Lutas no Currículo da Educação Física no ensino fundamental sob o olhar da Diversidade: experiências na Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará”. Seus pais permitiram que você participe.

Queremos saber quais as coisas boas que o ensino das Lutas nas aulas de Educação Física pode fazer para entendermos sobre um tema chamado diversidade.

As crianças que irão participar dessa pesquisa têm de 10 a 13 anos de idade. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu, não terá nenhum problema se desistir.

A pesquisa será feita na Escola de Aplicação da UFPA, você irá participar de duas entrevistas com os seus colegas de turma. Para isso, será usado um gravador de voz. O uso do gravador é considerado seguro e ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Além disso, você fará aulas de Lutas durante a Educação Física, você pode ter um pequeno risco de sofrer leves escoriações durante as aulas. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas não diremos quais as crianças que participaram da pesquisa, incluindo você. Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar entrando em contato comigo pelo telefone (91) 981258055.

Eu _____ aceito participar da pesquisa “Lutas no Currículo da Educação Física no ensino fundamental sob o olhar da Diversidade: experiências na Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará” que quer saber quais as coisas boas que o ensino das Lutas nas aulas de Educação Física pode fazer para entendermos sobre um tema chamado diversidade.

Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir que ninguém vai ficar furioso. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste papel e li e concordo em participar da pesquisa.

Belém, ___ de _____ de _____.

Assinatura do menor

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Apêndice C- Planos de aula das intervenções

PLANOS DE AULA

A

1ª AULA

| |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Identificação da Instituição: Escola de Aplicação da UFPA Identificação do nível de ensino: 6º ano do ensino fundamental |
| Unidade: LUTA Subunidade: Lutas : conceituação e desenvolvimento histórico |
| 1ª Aula _90_ min |
| Objetivo(s) e conteúdos desenvolvidos para alcança-los: - apresentar os conceitos de luta : conceitos e classificações das Lutas - conhecer o desenvolvimento histórico-cultural das Lutas: história do desenvolvimento das Lutas e seus significados nas culturas - apontar as relações étnico-raciais presentes na cultura africana: cultura africana. |
| Material necessário: Texto explicativo |
| Metodologia descritiva da aula: A aula será de caráter teórico e será dividida em três partes, a primeira será destinada à uma entrevista coletiva (diagnose, 30 min) para verificar o que os alunos sabem sobre o conteúdo a ser ministrado, a segunda parte tratará dos conceitos e aspectos históricos e culturais das Lutas (30) e a terceira parte sobre a cultura africana (30 min). será entregue para cada aluno um texto explicativo resumido em duas partes, a primeira sobre os conceitos e classificações de lutas e seu desenvolvimento histórico, a segunda parte explicando aspectos da cultura africana, a primeira parte do texto será utilizada na primeira parte da aula e a segunda parte do texto na segunda parte da aula. A primeira parte iniciará com questionamentos aos alunos sobre os conceitos de Lutas, como: O que é Luta? Para que servem as Lutas? As Lutas são violentas? Quais as Lutas que você conhece? E outros questionamentos pertinentes à temática. A partir das respostas obtidas, com a utilização do texto, serão apresentados os conceitos e o desenvolvimento histórico das Lutas, em seguida serão apresentadas as classificações das Lutas baseadas na distância e no contato: curta, média e longa; de agarre e toque e classificar as lutas que foram listadas pelos alunos de acordo com seus aspectos comuns. cada temática apresentada envolverá questionamentos aos alunos sobre o que estes entendem sobre determinados conceitos. A segunda parte iniciará com questionamentos sobre cultura e cultura africana, como: o que é cultura? O que é cultura africana? Todos os indígenas e africanos são iguais? A partir das respostas obtidas, com a utilização do texto, serão apresentados os conceitos de cultura africana e suas influências na formação da sociedade brasileira, além de mostrar algumas diferenças entre etnias. cada temática apresentada nas duas partes da aula envolverá questionamentos aos alunos sobre o que estes entendem sobre determinados conceitos. Obs: nesta aula serão informados as formas de avaliação e os períodos em que irão acontecer. |
| Avaliação: A avaliação se dará por meio de reelaboração das perguntas realizadas no início da aula, para observação das diferenças entre a percepção anterior e a atual percepção dos alunos sobre a temática. |

2ª AULA

| |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Identificação da Instituição: Escola de Aplicação da UFPA Identificação do nível de ensino: 6º ano do ensino fundamental |
| Unidade: LUTA Subunidade: Lutas: conceituação e desenvolvimento histórico/ Lutas de matriz africana: características culturais, |

| |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| regras e técnicas. |
| 2ª Aula _90_ min |
| <p>Objetivo(s) e conteúdos desenvolvidos para alcança-los:</p> <ul style="list-style-type: none"> - conhecer os aspectos culturais do Laamb (luta senegalesa de agarre): origens e características ritualísticas da prática do Laamb e seus significados; - compreender os elementos da luta de curta distância e agarre: jogos de oposição (estafeta do enfrentamento e “cara a cara” - vivenciar a prática do Laamb: regras e técnicas do combate relacionados às origens da luta; luta propriamente dita. |
| <p>Material necessário:</p> <p>-fitas de TNT ou tiras de jornal, sacolas plásticas e cones.</p> |
| <p>Metodologia descritiva da aula:</p> <p>A aula será dividida em 3 etapas, a primeira será realizada em sala de aula e destinada ao conhecimento dos aspectos culturais do Laamb e da Capoeira: origens e significados. Esse primeiro momento acontecerá de forma dialogada dentro da sala com algumas discussões ao final como contribuições da Cultura africana para a sociedade resgatando informações da aula anterior.</p> <p>O segundo momento será destinada à vivências de jogos de oposição com objetivo de compreender as características universais das Lutas: imprevisibilidade, oponente/alvo, regras, oposição, simultaneidade e contato físico direto, assim como as características específicas das Lutas de curta distância e agarre. Primeiramente será realizado o jogo da “estafeta do enfrentamento” que será da seguinte forma:</p> <ul style="list-style-type: none"> - os alunos serão divididos em grupos pares, cada aluno receberá uma fita que deverá ser colocada na cintura presa somente pela ponta na calça ou bermuda, os grupos deverão posicionar-se de maneira oposta na quadra com seus integrantes em fila, ao sinal o primeiro integrante de cada grupo deverá se dirigir ao centro da quadra e tentar adquirir a fita do integrante do grupo adversário sem que o este faça o mesmo, quando a tomada da fita acontecer os integrantes voltam para as suas posições devendo os integrantes seguintes realizar a ação. <p>Após a atividade deverá ser realizada uma discussão sobre quais os aspectos comuns das Lutas estavam presentes no jogo (alvo móvel, imprevisível saber quem iria vencer...) e a qual distância os oponentes precisaram ficar um do outro (bem próximos caracterizando curta distância ou mais afastados, média ou longa distância).</p> <p>O outro jogo a ser realizado será o “cara a cara” que consistem em:</p> <ul style="list-style-type: none"> - formar duplas entre os alunos e estes deverão posicionar-se frente à frente, com os braços estendidos e as palmas das mãos das duas pessoas se tocando com as pernas estendidas e o corpo levemente projetado para frente. O objetivo é apoiar-se na outra pessoa provocando o seu desequilíbrio sem perder o próprio equilíbrio. <p>Após a atividade a discussão a ser realizada poderá abranger temas como o respeito às regras e aos colegas devido ao nível de contato e a confiança no outro, assim como as estratégias que podem ser traçadas para atingir o objetivo, caracterizar os elementos específicos de uma luta de agarre (contato físico mais próximo com o objetivo de desequilibrar...).</p> <p>A terceira etapa da aula consistirá nos elementos técnicos e movimentos básicos específicos da prática do Laamb, resgatando as origens e características ritualísticas e culturais da modalidade: os alunos formarão duplas novamente, as regras serão explicadas e os alunos primeiramente tentarão elaborar estratégias para vencer o combate sem burlar as regras, após serão mostradas formas de como vencer o oponente na modalidade e relaciona-las com as estratégias criadas pelos alunos, e discuti-las.</p> |
| <p>Avaliação:</p> <p>A avaliação se dará por meio de conversa com os alunos sobre as informações adquiridas na aula, através de questionamentos sobre os aspectos comuns das Lutas presentes e específicos das Lutas de agarre, resgatando os aspectos históricos e culturais das Lutas de matriz africana, destacando o Laamb e discutindo os elementos históricos da Capoeira para início das vivências na aula seguinte.</p> |

3ª AULA

| |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Identificação da Instituição: Escola de Aplicação da UFPA</p> <p>Identificação do nível de ensino: 6º ano do ensino fundamental</p> |
| <p>Unidade: LUTA</p> <p>Subunidade:</p> |

| |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Lutas de matriz africana: características culturais, regras e técnicas. |
| 1ª Aula _90_min |
| Objetivo(s) e conteúdos desenvolvidos para alcança-los: Avaliar o aprendizado dos alunos sobre os conteúdos |
| Material necessário: Cones e sacolas plásticas. |
| Metodologia descritiva da aula: A aula será destinada à organização de um festival competitivo de Laamb, no qual os alunos deverão se organizar em equipes que farão uma competição da modalidade com regras adaptadas para o espaço, cada integrante de uma equipe deverá enfrentar os integrantes das outras equipes, a equipe que vencer mais confrontos vence o festival. |
| Avaliação: A avaliação se fará por meio de ficha de registro dos momentos da aula, para observar o aprendizado dos movimentos básicos das Lutas. |

4ª AULA

| |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Identificação da Instituição: Escola de Aplicação da UFPA Identificação do nível de ensino: 6º ano do ensino fundamental |
| Unidade: LUTA Subunidade: Lutas de matriz africana: características culturais, regras e técnicas. |
| 1ª Aula _90_min |
| Objetivo(s) e conteúdos desenvolvidos para alcança-los: Avaliar o aprendizado dos alunos sobre a cultura africana e afro-brasileira por meio de pesquisa direcionada na primeira aula. |
| Material necessário: Cartazes |
| Metodologia descritiva da aula: A aula será destinada a apresentação de seminário sobre as Lutas e cultura africana, afro-brasileira, os temas das pesquisas foram direcionadas na primeira aula e serão apresentadas em forma de cartaz (grupos ou individual?) com o tempo máximo de 15 minutos de apresentação para cada trabalho, será entregue também a pesquisa escrita direcionada na primeira aula. |
| Avaliação: A avaliação será dividida em: - cartaz; - apresentação; - participação individual; Na apresentação será verificada a compreensão dos alunos sobre as Lutas e cultura africana, afro-brasileira de acordo com cada tema, a participação individual será avaliada por meio do envolvimento de cada aluno com a construção do trabalho. Ao final das apresentações serão realizadas discussões sobre cultura africana e afro-brasileira. |

5ª AULA

| |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Identificação da Instituição: Escola de Aplicação da UFPA Identificação do nível de ensino: 6º ano do ensino fundamental |
| Unidade: LUTA Subunidade: Lutas de matriz indígena: características culturais, regras e técnicas. |
| 1ª Aula _90_min |
| Objetivo(s) e conteúdos desenvolvidos para alcança-los: - apontar as relações étnico-raciais presentes na cultura indígena: cultura indígena. - conhecer os aspectos culturais do Huka-Huka (luta corporal dos povos do alto xingú): origens e |

| |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>características ritualísticas da prática do Huka-Huka e seus significados;</p> <p>- vivenciar a prática do Huka-Huka: jogos de oposição, regras e técnicas do combate relacionados às origens da luta; luta propriamente dita.</p> |
| <p>Material necessário: Texto explicativo, sacolas plásticas e cones</p> |
| <p>Metodologia descritiva da aula:</p> <p>A aula será dividida em três etapas, a primeira de caráter teórico será destinada aos aspectos da cultura indígena, com a utilização de texto explicativo iniciará com questionamentos sobre cultura já abordados na subunidade anterior e cultura Indígena, como: o que é cultura? O que é cultura indígena? Todos os indígenas são iguais? A partir das respostas obtidas, com a utilização do texto, serão apresentados os conceitos de cultura indígena e suas influências na formação da sociedade brasileira, além de mostrar algumas diferenças entre etnias.</p> <p>Na segunda etapa, serão vivenciados jogos de oposição com objetivo de reforçar os conhecimentos sobre as características universais das Lutas: imprevisibilidade, oponente/alvo, regras, oposição, simultaneidade e contato físico direto, assim como as características específicas das Lutas de curta distância e agarre. Primeiramente será realizado o jogo da “luta do galo” que será da seguinte forma:</p> <p>- os alunos serão divididos em duplas, um de frente para o outro, palmas das mãos abertas e em contato direto com as palmas das mãos do outro estando os alunos agachados, estes deverão buscar desequilibrar o outro, as duplas serão trocadas a cada rodada.</p> <p>Após a atividade deverá ser realizada uma discussão sobre quais os aspectos comuns das Lutas estavam presentes no jogo (alvo móvel, imprevisível saber quem iria vencer...) e a qual distância os oponentes precisaram ficar um do outro (bem próximos caracterizando curta distância ou mais afastados, média ou longa distância).</p> <p>O outro jogo a ser realizado será o “brincando de Huka-Huka” que consistem em:</p> <p>- formar duplas entre os alunos e estes deverão posicionar-se frente à frente, o objetivo é movimentar-se tentando tocar a ponta dos dedos no joelho do outro sem deixar que est faça o mesmo.</p> <p>Após a atividade a discussão a ser realizada poderá abranger temas como o respeito às regras e aos colegas devido ao nível de contato e a confiança no outro, assim como as estratégias que podem ser traçadas para atingir o objetivo, caracterizar os elementos específicos de uma luta de agarre (contato físico mais próximo com o objetivo de desequilibrar...).</p> <p>A terceira etapa da aula consistirá nos elementos técnicos e movimentos básicos específicos da prática do Huka-Huka, resgatando as origens e características ritualísticas e culturais da modalidade: os alunos formarão duplas novamente, as regras serão explicadas e os alunos primeiramente tentarão elaborar estratégias para vencer o combate sem burlar as regras, após serão mostradas formas de como vencer o oponente na modalidade e relaciona-las com as estratégias criadas pelos alunos, e discuti-las, serão relacionadas também as semelhanças e diferenças com a luta vivenciada na subunidade anterior, tanto no ponto de vista cultural quanto técnico específico da modalidade e das Lutas em seus elementos comuns.</p> <p>cada temática apresentada nas duas partes da aula envolverá questionamentos aos alunos sobre o que estes entendem sobre determinados conceitos.</p> <p>Obs: nesta aula serão direcionadas à segunda pesquisa escrita e o segundo seminário.</p> |
| <p>Avaliação:</p> <p>A avaliação se dará por meio de reelaboração das perguntas realizadas no início da aula, para observação das diferenças entre a percepção anterior e a atual percepção dos alunos sobre a temática.</p> |

6ª AULA

| |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Identificação da Instituição: Escola de Aplicação da UFPA Identificação do nível de ensino: 6º ano do ensino fundamental</p> |
| <p>Unidade: LUTA Subunidade: Lutas de matriz indígena: características culturais, regras e técnicas.</p> |
| <p>1ª Aula 90 min</p> |
| <p>Objetivo(s) e conteúdos desenvolvidos para alcança-los:</p> <p>- apontar as relações étnico-raciais presentes na cultura indígena: cultura indígena. - Compreender as ações de agarre direto e indireto; - conhecer os aspectos culturais do derruba toco (luta corporal dos pataxós de Minas-Bahia): origens e</p> |

| |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>características ritualísticas da prática do derruba toco e seus significados; - vivenciar a prática do derruba toco: jogos de oposição, regras e técnicas do combate relacionados às origens da luta; luta propriamente dita.</p> |
| <p>Material necessário: Texto explicativo, sacolas plásticas, garrafas pet, giz e cones</p> |
| <p>Metodologia descritiva da aula: A aula será dividida em duas etapas, na primeira, serão vivenciados jogos de oposição com objetivo de reforçar os conhecimentos sobre as características universais das Lutas: imprevisibilidade, oponente/alvo, regras, oposição, simultaneidade e contato físico direto, assim como as características específicas das Lutas de curta distância e agarre, entretanto, destacando as ações de agarre indireto diferenciando-a do agarre direto. Primeiramente será realizado o jogo do “circulo da invasão” que será da seguinte forma: - os alunos serão divididos em grupos de aproximadamente cinco pessoas, dois grupos se enfrentam, ora um atacando ora outro defendendo trocando as ações a cada rodada, serão riscados no espaço círculos com variações de tamanho, em cada círculo ficarão dois grupos, o grupo de defesa ficará ao redor do círculo menor de costas para o espaço e de frente para o que ataca que está fora do círculo, o grupo que ataca tentará adentrar o círculo sendo impedido pelo grupo que defende, tanto as posições de defensores e atacantes quanto os grupos serão trocados de posições para que haja enfrentamento entre todos. Após a atividade deverá ser realizada uma discussão sobre quais os aspectos comuns das Lutas estavam presentes no jogo (alvo móvel, imprevisível saber quem iria vencer...) e a qual distância os oponentes precisaram ficar um do outro (bem próximos caracterizando curta distância ou mais afastados, média ou longa distância) e quais as diferenças para as outras práticas já vivenciadas. O outro jogo a ser realizado será o “de olho no objeto” que consistem em: - formar duplas entre os alunos e estes deverão posicionar-se frente à frente, um terá o papel de defender e o outro de atacar, depois os papéis serão invertidos, cada dupla terá um objeto, o aluno que irá defender deverá proteger o objeto colocado a um raio de 1 metro de distância dele aproximadamente, por sua vez o aluno que atacará deverá tentar alcançar o objeto, sem que seja permitida nenhuma ação de toque, apenas ações de agarre, as duplas serão trocadas a cada rodada. Após a atividade a discussão a ser realizada poderá abranger temas como o respeito às regras e aos colegas devido ao nível de contato e a confiança no outro, assim como as estratégias que podem ser traçadas para atingir o objetivo, caracterizar os elementos específicos de uma luta de agarre (contato físico mais próximo com o objetivo de desequilibrar...).</p> <p>A terceira etapa da aula consistirá nos elementos técnicos e movimentos básicos específicos da prática do derruba toco, resgatando as origens e características ritualísticas e culturais da modalidade: os alunos formarão duplas novamente, as regras serão explicadas e os alunos primeiramente tentarão elaborar estratégias para vencer o combate sem burlar as regras, após serão mostradas formas de como vencer o oponente na modalidade e relaciona-las com as estratégias criadas pelos alunos, e discuti-las, serão relacionadas também as semelhanças e diferenças com as lutas vivenciadas na subunidade anterior, tanto no ponto de vista cultural quanto técnico específico da modalidade e das Lutas em seus elementos comuns, destacando as diferenças entre ações de agarre direto e indireto. cada temática apresentada nas duas partes da aula envolverá questionamentos aos alunos sobre o que estes entendem sobre determinados conceitos.</p> |
| <p>Avaliação: A avaliação se dará por meio de reelaboração das perguntas realizadas no início da aula, para observação das diferenças entre a percepção anterior e a atual percepção dos alunos sobre a temática.</p> |

7ª AULA

| |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Identificação da Instituição: Escola de Aplicação da UFPA Identificação do nível de ensino: 6º ano do ensino fundamental</p> |
| <p>Unidade: LUTA Subunidade: Lutas de matriz indígena: características culturais, regras e técnicas.</p> |
| <p>1ª Aula _90_ min</p> |
| <p>Objetivo(s) e conteúdos desenvolvidos para alcança-los: Avaliar o aprendizado dos alunos sobre os conteúdos</p> |

| |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Material necessário: Cones e sacolas plásticas. |
| Metodologia descritiva da aula: A aula será destinada à organização de um festival competitivo de Lutas indígenas (Huka-Huka e derruba toco), no qual os alunos deverão se organizar em equipes que farão uma competição das modalidades com regras adaptadas para o espaço, cada integrante de uma equipe deverá enfrentar os integrantes das outras equipes, a equipe que vencer mais confrontos vence o festival. |
| Avaliação: A avaliação se fará por meio de ficha de registro dos momentos da aula, para observar o aprendizado dos movimentos básicos das Lutas e das regras. |

8ª AULA

| |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Identificação da Instituição: Escola de Aplicação da UFPA Identificação do nível de ensino: 6º ano do ensino fundamental |
| Unidade: LUTA Subunidade: Lutas de matriz indígena: características culturais, regras e técnicas. |
| 1ª Aula 90 min |
| Objetivo(s) e conteúdos desenvolvidos para alcançá-los: Avaliar o aprendizado dos alunos sobre a cultura indígena por meio de pesquisa direcionada na primeira aula. |
| Material necessário: Cartazes |
| Metodologia descritiva da aula: A aula será destinada a apresentação de seminário sobre as Lutas e cultura indígena, os temas das pesquisas foram direcionadas na primeira aula e serão apresentadas em forma de cartaz (grupos ou individual?) com o tempo máximo de 15 minutos de apresentação para cada trabalho, será entregue também a pesquisa escrita direcionada na primeira aula. |
| Avaliação: A avaliação será dividida em: - cartaz; - apresentação; - participação individual; Na apresentação será verificada a compreensão dos alunos sobre as Lutas e cultura africana, afro-brasileira de acordo com cada tema, a participação individual será avaliada por meio do envolvimento de cada aluno com a construção do trabalho. Ao final das apresentações serão realizadas discussões sobre cultura africana e afro-brasileira. |

9ª AULA

| |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Identificação da Instituição: Escola de Aplicação da UFPA Identificação do nível de ensino: 6º ano do ensino fundamental |
| Unidade: LUTA Subunidade: Lutas de matriz indígena: características culturais, regras e técnicas. |
| 1ª Aula 90 min |
| Objetivo(s) e conteúdos desenvolvidos para alcançá-los: Avaliar o aprendizado dos alunos sobre a cultura africana e indígena |
| Material necessário: Cartazes |
| Metodologia descritiva da aula: A aula será destinada ao festival de lutas que será apresentado pelos alunos ao restante da escola, |

com duração de uma hora, os alunos irão expor aspectos da cultura africana e indígena relacionados as lutas vivenciadas e demonstra-las.

No segundo momento da aula (30 min) será realizada a entrevista coletiva final com o objetivo de avaliar o que foi apreendido pelos alunos durante a unidade de Lutas

Avaliação:

A avaliação será realizada por meio de ficha de registro das apresentações e entrevista coletiva final.

PLANOS DE AULA B

1ª AULA

| |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Identificação da Instituição: Escola de Aplicação da UFPA Identificação do nível de ensino: 6º ano do ensino fundamental |
| Unidade: LUTA Subunidade: Lutas : conceituação e desenvolvimento histórico |
| 1ª Aula _90_ min |
| Objetivo(s) e conteúdos desenvolvidos para alcançar-los: - apresentar os conceitos de luta : conceitos e classificações das Lutas - conhecer o desenvolvimento histórico-cultural das Lutas: história do desenvolvimento das Lutas e seus significados nas culturas - apontar as relações étnico-raciais presentes na cultura africana: cultura africana. |
| Material necessário: Texto explicativo |
| Metodologia descritiva da aula: A aula será de caráter teórico e será dividida em três partes, a primeira será destinada à uma entrevista coletiva (diagnose, 30 min) para verificar o que os alunos sabem sobre o conteúdo a ser ministrado, a segunda parte tratará dos conceitos e aspectos históricos e culturais das Lutas (30) e a terceira parte sobre a cultura africana (30 min). será entregue para cada aluno um texto explicativo resumido em duas partes, a primeira sobre os conceitos e classificações de lutas e seu desenvolvimento histórico, a segunda parte explicando aspectos da cultura africana, a primeira parte do texto será utilizada na primeira parte da aula e a segunda parte do texto na segunda parte da aula. A primeira parte iniciará com questionamentos aos alunos sobre os conceitos de Lutas, como: O que é Luta? Para que servem as Lutas? As Lutas são violentas? Quais as Lutas que você conhece? E outros questionamentos pertinentes à temática. A partir das respostas obtidas, com a utilização do texto, serão apresentados os conceitos e o desenvolvimento histórico das Lutas, em seguida serão apresentadas as classificações das Lutas baseadas na distância e no contato: curta, média e longa; de agarre e toque e classificar as lutas que foram listadas pelos alunos de acordo com seus aspectos comuns. cada temática apresentada envolverá questionamentos aos alunos sobre o que estes entendem sobre determinados conceitos. A segunda parte iniciará com questionamentos sobre cultura e cultura africana, como: o que é cultura? O que é cultura africana? Todos os indígenas e africanos são iguais? A partir das respostas obtidas, com a utilização do texto, serão apresentados os conceitos de cultura africana e suas influências na formação da sociedade brasileira, além de mostrar algumas diferenças entre etnias. cada temática apresentada nas duas partes da aula envolverá questionamentos aos alunos sobre o que estes entendem sobre determinados conceitos. Obs: nesta aula serão informados as formas de avaliação e os períodos em que irão acontecer. |
| Avaliação: A avaliação se dará por meio de reelaboração das perguntas realizadas no início da aula, para observação das diferenças entre a percepção anterior e a atual percepção dos alunos sobre a temática. |

2ª AULA

| |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Identificação da Instituição: Escola de Aplicação da UFPA Identificação do nível de ensino: 6º ano do ensino fundamental |
| Unidade: LUTA Subunidade: Lutas: conceituação e desenvolvimento histórico/ Lutas de matriz africana: características culturais, regras e técnicas. |
| 2ª Aula _90_ min |
| Objetivo(s) e conteúdos desenvolvidos para alcançar-los: |

| |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>- conhecer os aspectos culturais da Capoeira : origens e características ritualísticas da prática, desenvolvimento histórico e significados da Capoeira na sociedade brasileira;</p> <p>- compreender os elementos da luta de média-longa distância e toque: jogos de oposição(jogo do pezinho)</p> <p>conhecer os fundamentos básicos da Capoeira(1): Ginga, negativa e rolê; golpes: martelo, benção, chapa-lateral, meia-lua-de-frente, queixada e rabo de arraia.</p> |
| <p>Material necessário:</p> <p>-nenhum.</p> |
| <p>Metodologia descritiva da aula:</p> <p>A aula será dividida em 3 momentos, no primeiro momento, em sala de aula, serão abordados aspectos culturais, origem e o desenvolvimento histórico da Capoeira.</p> <p>No segundo momento será vivenciado o jogo do pezinho:</p> <p>- os alunos formarão duplas e posicionar-se frente à frente, o objetivo é tentar encostar nos pés do outro usando os próprios pés (pisada) levemente, ao mesmo tempo evitando que o oponente faça o mesmo.</p> <p>Após a atividade deverão ser discutidos quais os aspectos comuns das Lutas estão presentes na atividade e a distância que precisa ser mantida entre os oponentes e as diferenças para as vivências da aula anterior.</p> <p>No terceiro momento serão enfatizadas as técnicas e movimentos básicos da Capoeira e suas características como fundamentos de uma luta de toque de média-longa distância e seus significados dentro da prática da Capoeira.</p> <p>Primeiramente serão ensinados a ginga, negativa e rolê, após o ensino de cada movimento, serão realizadas sequências sem ordem pré-estabelecida, podendo os alunos fazerem variações de cada movimento individualmente e depois em dupla buscando compreender em quais situações os movimentos podem ser aplicados, o mesmo será feito com o ensino dos golpes. Em seguida as sequências serão realizadas misturando golpes com a ginga, o rolê e a negativa com os alunos formando grupos e tentando aplicar os movimentos em diversas situações. Simultaneamente serão feitos questionamentos sobre possibilidades de estratégias para aplicação dos movimentos.</p> |
| <p>Avaliação:</p> <p>A avaliação se dará por meio de questionamentos a respeito dos conteúdos vivenciados na aula, resgate de informações importantes como: o significado dos movimentos e os elementos da luta de média-longa distância e as possibilidades de mesclagem dos movimentos aprendidos.</p> |

3ª AULA

| |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Identificação da Instituição:</p> <p>Escola de Aplicação da UFPA</p> <p>Identificação do nível de ensino:</p> <p>6º ano do ensino fundamental</p> |
| <p>Unidade:</p> <p>LUTA</p> <p>Subunidade:</p> <p>Lutas de matriz africana: características culturais, regras e técnicas.</p> |
| <p>4ª Aula _90_min</p> |
| <p>Objetivo(s) e conteúdos desenvolvidos para alcança-los:</p> <p>Conhecer os fundamentos básicos da Capoeira(2): esquivas: lateral e cocorinha; movimentos coreográficos: aú, bananeira, bananeira de angola.</p> |
| <p>Material necessário:</p> <p>Nenhum.</p> |
| <p>Metodologia descritiva da aula:</p> <p>A aula será dividida em dois momentos, o primeiro momento servirá para o aprendizado dos elementos das esquivas que se constituem por lateral e cocorinha, a movimentação básica de cada esquiva será demonstrada utilizando os conhecimentos da aula anterior: golpes e ginga, além do rolê e da negativa, primeiramente será pedid para os alunos que criem formas de esquivar-se dos golpes aprendidos na aula anterior, em seguida serão introduzidas as formas de esquiva presentes na Capoeira a partir das possibilidades criadas pelos alunos.</p> <p>O segundo momento será destinado à criação de sequências de golpes e esquivas junto com a ginga, em dupla e seguidamente em trios, quartetos e assim sucessivamente, também serão discutidos durante as sequências as características em comum das Lutas presentes nos movimentos básicos da Capoeira e suas características criadas para serem disfarçadas, e usadas em um confronto com</p> |

| |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| opressores que possuíam armas. |
| <p>Avaliação:</p> <p>A avaliação da aula será feita por meio do jogo “estátua das Lutas”, nesse caso a Capoeira, na qual os alunos caminharão pelo espaço, e ao sinal de “estátua” deverão se posicionar com algum fundamento da Capoeira.</p> |

4ª AULA

| |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Identificação da Instituição: Escola de Aplicação da UFPA Identificação do nível de ensino: 6º ano do ensino fundamental</p> |
| <p>Unidade: LUTA Subunidade: Lutas de matriz africana: características culturais, regras e técnicas.</p> |
| <p>1ª Aula _90_min</p> |
| <p>Objetivo(s) e conteúdos desenvolvidos para alcança-los: -Conhecer os fundamentos básicos da Capoeira(3): rituais básicos da roda: início e término do jogo, a compra e os instrumentos; - conhecer os instrumentos utilizados na musicalização da Capoeira; -conhecer as musicas e os significados de suas letras.</p> |
| <p>Material necessário: Berimbau, pandeiro, atabaque, reco-reco, caxixi e agogô</p> |
| <p>Metodologia descritiva da aula: A aula será dividida em quatro etapas, na primeira os alunos formarão duplas e realizem uma troca de técnicas com o elemento da ginga, primeiro um dos integrantes da dupla realiza os golpes enquanto o outro realiza esquivas, depois invertem-se as ações para que no próximo momento os alunos possam se alternar na execução de golpes e esquivas, também serão realizadas trocas de duplas para que todos possam interagir-se, em seguida todos realizarão ações livremente, sempre enfatizando o cuidado, o respeito e a não violência como valores importantes no jogo da Capoeira. No segundo momento os alunos conhecerão os instrumentos que compõem a roda de Capoeira e seus respectivos sons, os alunos poderão tentar tocar os instrumentos conhecendo sua sonoridade, ao mesmo tempo será explicada a origem dos instrumentos na roda e o significado. No terceiro momento os alunos formarão rodas nas quais irão conhecer os rituais de entrada e saída e os outros que compõem o jogo da Capoeira, além de jogar de acordo com o ritmo dos instrumentos (se alguns alunos apresentarem habilidade para toca-los estes auxiliarão no toque das musicas), os alunos irão conhecer algumas musicas e deverão identificar do que falam as letras destas e relaciona-las com o cotidiano do negro na sociedade. O quarto momento da aula será composto por uma roda de Capoeira que será organizada pelos alunos, caso haja um numero muito grande de alunos na turma poderão ser feitas várias rodas.</p> |
| <p>Avaliação: A avaliação se fará por meio de ficha de registro dos momentos da aula, para observar o aprendizado dos movimentos básicos das Lutas.</p> |

5ª AULA

| |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Identificação da Instituição: Escola de Aplicação da UFPA Identificação do nível de ensino: 6º ano do ensino fundamental</p> |
| <p>Unidade: LUTA Subunidade: Lutas de matriz africana: características culturais, regras e técnicas.</p> |
| <p>1ª Aula _90_min</p> |
| <p>Objetivo(s) e conteúdos desenvolvidos para alcança-los: Avaliar o aprendizado dos alunos sobre a cultura africana e afro-brasileira por meio de pesquisa direcionada na primeira aula.</p> |
| <p>Material necessário:</p> |

| |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Cartazes |
| <p>Metodologia descritiva da aula: A aula será destinada a apresentação de seminário sobre as Lutas e cultura africana, afro-brasileira, os temas das pesquisas foram direcionadas na primeira aula e serão apresentadas em forma de cartaz (grupos ou individual?) com o tempo máximo de 15 minutos de apresentação para cada trabalho, será entregue também a pesquisa escrita direcionada na primeira aula.</p> |
| <p>Avaliação: A avaliação será dividida em: - cartaz; - apresentação; - participação individual; Na apresentação será verificada a compreensão dos alunos sobre as Lutas e cultura africana, afro-brasileira de acordo com cada tema, a participação individual será avaliada por meio do envolvimento de cada aluno com a construção do trabalho. Ao final das apresentações serão realizadas discussões sobre cultura africana e afro-brasileira.</p> |

6ª AULA

| |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Identificação da Instituição: Escola de Aplicação da UFPA Identificação do nível de ensino: 6º ano do ensino fundamental</p> |
| <p>Unidade: LUTA Subunidade: Lutas de matriz indígena:</p> |
| 1ª Aula 90 min |
| <p>Objetivo(s) e conteúdos desenvolvidos para alcança-los: - apontar as relações étnico-raciais presentes na cultura indígena: cultura indígena.</p> |
| <p>Material necessário: Texto explicativo</p> |
| <p>Metodologia descritiva da aula: A aula será de caráter teórico e será entregue para cada aluno um texto explicativo resumido explicando aspectos da cultura indígena. com a utilização do texto, serão apresentados os questionamentos sobre cultura, já abordados na subunidade anterior e cultura indígena, como: o que é cultura? O que é cultura indígena? Todos os indígenas e são iguais? A partir das respostas obtidas, com a utilização do texto, serão apresentados os conceitos de cultura africana e suas influências na formação da sociedade brasileira, além de mostrar algumas diferenças entre etnias. cada temática apresentada nas duas partes da aula envolverá questionamentos aos alunos sobre o que estes entendem sobre determinados conceitos. Obs: nesta aula serão direcionados à segunda pesquisa escrita e o segundo seminário</p> |
| <p>Avaliação: A avaliação se dará por meio de reelaboração das perguntas realizadas no início da aula, para observação das diferenças entre a percepção anterior e a atual percepção dos alunos sobre a temática.</p> |

7ª AULA

| |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Identificação da Instituição: Escola de Aplicação da UFPA Identificação do nível de ensino: 6º ano do ensino fundamental</p> |
| <p>Unidade: LUTA Subunidade: Lutas de matriz indígena: características culturais, regras e técnicas.</p> |
| 1ª Aula 90 min |
| <p>Objetivo(s) e conteúdos desenvolvidos para alcança-los:</p> |

- conhecer os aspectos culturais da briga de galo (luta corporal dos povos Manchineri do Acre): origens e características ritualísticas da prática da briga de galo e seus significados;
 - vivenciar a prática da briga de galo: jogos de oposição, regras e técnicas do combate relacionados às origens da luta; luta propriamente dita.

Material necessário:

Texto explicativo, sacolas plásticas e cones

Metodologia descritiva da aula:

A aula será dividida em três etapas, a primeira de caráter teórico será destinada aos aspectos da cultura indígena, com a utilização de texto explicativo iniciará com questionamentos sobre cultura já abordados na subunidade anterior e cultura Indígena, como: o que é cultura? O que é cultura indígena? Todos os indígenas são iguais? A partir das respostas obtidas, com a utilização do texto, serão apresentados os conceitos de cultura indígena e suas influências na formação da sociedade brasileira, além de mostrar algumas diferenças entre etnias.

Na segunda etapa, serão vivenciados jogos de oposição com objetivo de reforçar os conhecimentos sobre as características universais das Lutas: imprevisibilidade, oponente/alvo, regras, oposição, simultaneidade e contato físico direto, assim como as características específicas das Lutas de curta distância e agarre. Primeiramente será realizado o jogo da “luta do galo” que será da seguinte forma:

- os alunos serão divididos em duplas, um de frente para o outro, palmas das mãos abertas e em contato direto com as palmas das mãos do outro estando os alunos agachados, estes deverão buscar desequilibrar o outro, as duplas serão trocadas a cada rodada.

Após a atividade deverá ser realizada uma discussão sobre quais os aspectos comuns das Lutas estavam presentes no jogo (alvo móvel, imprevisível saber quem iria vencer...) e a qual distância os oponentes precisaram ficar um do outro (bem próximos caracterizando curta distância ou mais afastados, média ou longa distância).

O outro jogo a ser realizado será o “de olho no objeto” que consistem em:

- formar duplas entre os alunos e estes deverão posicionar-se frente à frente, um terá o papel de defender e o outro de atacar, depois os papéis serão invertidos, cada dupla terá um objeto, o aluno que irá defender deverá proteger o objeto colocado a um raio de 1 metro de distância dele aproximadamente, por sua vez o aluno que atacará deverá tentar alcançar o objeto, sem que seja permitida nenhuma ação de toque, apenas ações de agarre, as duplas serão trocadas a cada rodada.

Após a atividade a discussão a ser realizada poderá abranger temas como o respeito às regras e aos colegas devido ao nível de contato e a confiança no outro, assim como as estratégias que podem ser traçadas para atingir o objetivo, caracterizar os elementos específicos de uma luta de agarre (contato físico mais próximo com o objetivo de desequilibrar...).

A terceira etapa da aula consistirá nos elementos técnicos e movimentos básicos específicos da prática da briga de galo, resgatando as origens e características ritualísticas e culturais da modalidade: os alunos formarão duplas novamente, as regras serão explicadas e os alunos primeiramente tentarão elaborar estratégias para vencer o combate sem burlar as regras, após serão mostradas formas de como vencer o oponente na modalidade e relaciona-las com as estratégias criadas pelos alunos, e discuti-las, serão relacionadas também as semelhanças e diferenças com a luta vivenciada na subunidade anterior, tanto no ponto de vista cultural quanto técnico específico da modalidade e das Lutas em seus elementos comuns.

cada temática apresentada nas duas partes da aula envolverá questionamentos aos alunos sobre o que estes entendem sobre determinados conceitos.

Obs: nesta aula serão direcionadas à segunda pesquisa escrita e o segundo seminário.

Avaliação:

A avaliação se dará por meio de reelaboração das perguntas realizadas no início da aula, para observação das diferenças entre a percepção anterior e a atual percepção dos alunos sobre a temática.

8ª AULA

Identificação da Instituição:

Escola de Aplicação da UFPA

Identificação do nível de ensino:

6º ano do ensino fundamental

Unidade:

LUTA

Subunidade:

Lutas de matriz indígena: características culturais, regras e técnicas.

1ª Aula **_90_min**

| |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Objetivo(s) e conteúdos desenvolvidos para alcança-los: Avaliar o aprendizado dos alunos sobre a cultura indígena por meio de pesquisa direcionada na primeira aula.</p> |
| <p>Material necessário: Cartazes</p> |
| <p>Metodologia descritiva da aula: A aula será destinada a apresentação de seminário sobre as Lutas e cultura indígena, os temas das pesquisas foram direcionadas na primeira aula e serão apresentadas em forma de cartaz (grupos ou individual?) com o tempo máximo de 15 minutos de apresentação para cada trabalho, será entregue também a pesquisa escrita direcionada na primeira aula.</p> |
| <p>Avaliação: A avaliação será dividida em: - cartaz; - apresentação; - participação individual; Na apresentação será verificada a compreensão dos alunos sobre as Lutas e cultura africana, afro-brasileira de acordo com cada tema, a participação individual será avaliada por meio do envolvimento de cada aluno com a construção do trabalho. Ao final das apresentações serão realizadas discussões sobre cultura indígena.</p> |

9ª AULA

| |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Identificação da Instituição: Escola de Aplicação da UFPA Identificação do nível de ensino: 6º ano do ensino fundamental</p> |
| <p>Unidade: LUTA Subunidade: Lutas de matriz indígena: características culturais, regras e técnicas.</p> |
| <p>1ª Aula _90_ min</p> |
| <p>Objetivo(s) e conteúdos desenvolvidos para alcança-los: Avaliar o aprendizado dos alunos sobre a cultura africana e indígena</p> |
| <p>Material necessário: Cartazes</p> |
| <p>Metodologia descritiva da aula: A aula será destinada ao festival de lutas que será apresentado pelos alunos ao restante da escola, com duração de uma hora, os alunos irão expor aspectos da cultura africana e indígena relacionados as lutas vivenciadas e demonstra-las. No segundo momento da aula (30 min) será realizada a entrevista coletiva final com o objetivo de avaliar o que foi apreendido pelos alunos durante a unidade de Lutas</p> |
| <p>Avaliação: A avaliação será realizada por meio de ficha de registro das apresentações e entrevista coletiva final.</p> |